

**MESTRADO**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

Corridas de Aventura: construindo novos significados sobre corporeidade, esportes e natureza.

Luiz Fabiano Seabra Ferreira

Campinas, 2003

**MESTRADO**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

Corridas de Aventura: construindo novos significados sobre corporeidade, esportes e natureza.

Luiz Fabiano Seabra Ferreira

Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, para a obtenção do título de Mestre em Educação Física na área de Estudos do Lazer, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Heloisa Turini Bruhns.

Campinas, 2003

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA – FEF  
UNICAMP**

F413c Ferreira, Luiz Fabiano Seabra  
Corridas de aventura: construindo novos significados sobre corporeidade, esportes e natureza / Luiz Fabiano Seabra Ferreira. – Campinas: [s.n.], 2003.

Orientador: Heloisa Turini Bruhns  
Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Corridas. 2. Natureza. 3. Aventura e aventureiros. 4. Heróis-Mitologia. 5. Cooperativismo. 6. Competição (Esporte). I. Bruhns, Heloisa T. (Turini Bruhns). II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Corridas de Aventura: construindo novos significados sobre corporeidade, esportes e natureza.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação de mestrado, defendida por Luiz

Fabiano Seabra Ferreira e aprovada pela comissão julgadora em 26 – 11 – 2003.

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Heloisa Turini Bruhns  
Orientadora

---

Prof. Dr. Luiz Augusto Normanha Lima  
Membro

---

Prof. Dr. Gilmar Mascarenhas de Jesus  
Membro

## **Dedicatória**

Dedico esta pesquisa a minha filha “Emmanuella Seabra Ferreira” e aos interessados na instigante “viagem humana”, pois as palavras, idéias e reflexões contidas neste texto nada mais são do que a representação de “um sentido”, ilustrando uma concepção de mundo amparada pela possibilidade da construção de um universo simbólico recheado de “aventuras” no qual me inscrevi no decorrer deste estudo.

## **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, fizeram parte desta pesquisa.

Agradeço à minha mãe por acreditar que um filho “maluco” pudesse trilhar o caminho que trilhei.

Aos amigos que fazem parte da minha existência, o pessoal da casa P2 da moradia estudantil da Unicamp, aos amigos do GLEC, ao pessoal de Rio Claro e Ubatuba, em especial o Mario Fernandes Assumpção que possibilitou minha estada no “paradisiáco mirante das ilhas”.

Um agradecimento especial ao amigo e educador Prof. Dr. Luiz Augusto Normanha Lima que, além de me acolher em sua residência e de ser uma pessoa fundamental nas “discussões filosóficas”, adora me chamar de “balãozão” porque, como diz: estou sempre “voando sem destino ao gosto dos ventos”.

Agradeço à minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Heloisa Turini Bruhns pela oportunidade de prosseguir meus estudos, demonstrando confiança e dedicação.

Não poderia me esquecer de ressaltar que graças a ajuda do meu amigo Gil (Geraldo) conseguimos finalizar esta dissertação de mestrado (faltava fazer o resumo em inglês) em sua fazenda “Mundo do Sossego” na Chapada dos Veadeiros – GO.

## Resumo na língua vernácula

Vivemos num momento de transformações culturais, pois surgem novos arranjos para as manifestações ocorridas na sociedade. Esse movimento denota que o ser humano está inquieto diante dos acontecimentos que vêm surgindo no decorrer da história. Nesse contexto, surgem indícios de novas formas de expressão humana, buscando um contato mais íntimo com a existência e com o cosmos. As corridas de aventura são uma nova forma de praticar atividades físicas na natureza. A Expedição Mata Atlântica (EMA) é uma corrida de aventura que é organizada anualmente no Brasil. Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa de cunho antropológico que privilegia uma visão multidisciplinar sobre as corridas de aventura. Foi realizada uma pesquisa participante junto aos atletas da Expedição Mata Atlântica. Utilizou-se uma entrevista semi-estruturada e a análise de conteúdo para construir um percurso no qual a pesquisa de campo se entrelaça com a pesquisa teórica. Dessa forma, foi possível delimitar um campo teórico em que as descrições dos sujeitos acerca dessas atividades estão imersas. Os atletas evidenciaram diversos significados atribuídos às corridas de aventura. Essas atividades representam uma nova forma de prática esportiva possuindo características diferenciadas dos esportes tradicionais modernos. A questão mitológica está presente, no imaginário dos atletas participantes da EMA, pois o contato do homem com a natureza privilegia este aspecto. Nesse contexto, surge com grande ênfase a questão do cooperativismo como necessidade para atingir o objetivo de finalizar a prova. Há nuances de uma nova forma de perceber o corpo e se relacionar com o outro. A questão da participação feminina nas corridas de aventura apresenta um caráter singular, pois, por definição dos organizadores da competição, as equipes devem ser mistas. A partir dessas práticas, delineia-se um novo estilo de vida relacionado ao símbolo de aventureiro. Por sua vez a mídia de massa incorpora e difunde um discurso sobre o ser aventureiro, porém este símbolo está condicionado às questões de consumo. Há também a espetacularização causada pela forma como a mídia aborda as corridas de aventura.

Palavras-chave: Corridas; Natureza; Aventura e aventureiro; Heróis-Mitologia; Cooperativismo; Competição (Esportes).

## Abstract

We are living a moment of cultural transformation because emerge news forms for the manifestation occurred in the society. These movements explain the uneasiness human behind the history facts. In this context, can see the news human expressions looking for a contact of your self with the cosmos. The adventure races are the new form to practice physical exercises (adventure sports) in the nature. The Mata Atlantic Expedition (EMA) yearly adventure race organized in Brazil. These qualitative anthropological researches privilege a vision multidiscipline about adventure races. Realized an interview with the athlete's participant of the Mata Atlantic Expedition (EMA). Utilized qualitative dates to build one circuit were field-research interlace with theoretical-research. This way can delimit theoretical-field were the descriptions of activities was included. The players related different points of vision about the adventure races. These activities represent a news sportive practice forms having different characteristics of the usual sports. The mythology question is present in the imaginary of the players of EMA, because the contact the human been with the nature privilege this aspect. The question about of cooperation is very important to can finish the race. Shade of difference about a new fell the body and the relationship with other people. The question about the woman participation in adventure races represent a singular characteristic, because for the organization definition. The teams must be mix. Delineate a new life style like an adventurer. For your side, the mass media show the adventurer symbol looking just space in market and a show business.

Key-Words: Races; Nature; Adventure and adventurer; Mythology-Heroes; Cooperative; Competition (Sports).



## Sumário

<b>Resumo na língua vernácula.....</b>	<b>xiii</b>
<b>Resumo em língua estrangeira.....</b>	<b>xv</b>

### **CAPÍTULO I - O percurso do olhar.**

1.1 – Introdução .....	1
1.2 - Buscando um ponto de partida .....	2
1.2.1 - Iniciando a aventura .....	4
1.3 - Aspectos metodológicos .....	6

### **CAPÍTULO II – As corridas de aventura e a Expedição Mata Atlântica.**

2.1 - Introduzindo as corridas de aventura .....	14
2.2 - A Origem das Corridas de Aventura .....	18
2.3 - As Corridas de Aventura no Brasil (Expedição Mata Atlântica) .....	21
2.4 - A organização da Expedição Mata Atlântica .....	23
2.5 - A Sociedade Brasileira de Corridas de Aventura (SBCA) e a EMA escola .....	24
2.6 - Histórico das corridas - Expedição Mata Atlântica .....	27
2.7 - Mídia e esportes de aventura .....	33

### **CAPÍTULO III – O ambiente e as corridas de aventura.**

3.1 - Os projetos sócio-ambientais desenvolvidos pela EMA .....	47
3.2 - Histórico dos projetos sócio-ambientais realizados pelos atletas participantes da EMA .....	48
3.3 - Algumas considerações sobre os projetos sócio-ambientais desenvolvidos pela EMA .....	50
3.4 - O espaço que possibilita a realização das corridas de aventura: a aventura, “o mito do herói” e a representação mítica da natureza .....	53
3.5 - Espaço e poder: um brevíssimo comentário .....	65

### **CAPÍTULO IV – Corpo e Sociabilidade.**

4.1 - Corridas de Aventura: construindo uma nova corporeidade .....	68
4.2 - Corridas de Aventura: criando novos espaços para a sociabilização e a interação entre os indivíduos .....	79
4.3 - Corridas de Aventura: atletas superando limites, “um estado de fluxo” .....	88

### **CAPÍTULO V – Considerações Finais. ....97**

Referências Bibliográficas .....	102
Anexo A - Manual de Conduta .....	108

*“Absolutamente não é preciso, nem ao menos desejado, tomar partido em meu favor: ao contrário, uma dose de curiosidade, como diante de uma excrescência estranha, com uma resistência irônica, me pareceria uma postura incomparavelmente mais inteligente”.*

(Friedrich Nietzsche a Carl Fuchs, 29 de julho de 1888)

## **CAPÍTULO I – O percurso do olhar.**

### **1.1 – Introdução.**

A Idéia de fazer uma pesquisa sobre corridas de aventura emerge num momento histórico caracterizado pela aceleração tecnológica e outras transformações culturais relacionadas à cultura de massa, nas quais os indivíduos estão imersos atualmente.

No meio acadêmico, muito se tem falado sobre esse movimento de mutação que, de uma certa forma, demonstra uma “ressignificação” e uma reestruturação da sociedade operadas pelo chamado processo de globalização.

Nesse contexto de mudanças, este estudo possibilita uma “visão multidimensional” dentro da área das Ciências Humanas, sobre um fenômeno (corridas de aventura) que surge a partir dessas transformações culturais e que ganha destaque no meio social e na mídia. Cabe ressaltar que esse “tipo de olhar” caracteriza-se principalmente por uma abordagem multidisciplinar.

O percurso do texto (capítulo I) segue uma organização em que se privilegia, primeiramente o “local” em que me situo diante desta investigação. Após esse momento, abordam-se as questões metodológicas que envolveram e direcionaram meu olhar na trajetória desta pesquisa, indicando um possível caminho a ser trilhado. “Possível” porque admitem-se outros olhares diante do mesmo tema.

No segundo capítulo, é desenvolvida uma abordagem histórica sobre as corridas de aventura, narrando-se a origem da Expedição Mata Atlântica e as suas diversas edições ocorridas desde 1998. Também são discutidas as relações da mídia com as corridas de aventura, enfatizando-se a “espetacularização dessas atividades”, ocasionada pela exploração desenfreada deste tema, por parte dos meios de comunicação.

No terceiro capítulo, é feita uma discussão sobre o ambiente em que são realizadas as corridas de aventura e os projetos sociais desenvolvidos pela EMA

No quarto capítulo, desenvolve-se uma reflexão sobre as novas formas de perceber o corpo e a constituição das subjetividades. Há, também, uma importante contribuição para a discussão sobre cooperativismo, pois essa é uma manifestação muito peculiar nas corridas de aventura, demonstrando novas faces sobre os fenômenos esportivos modernos.

No quinto e último capítulo, são tecidas as considerações finais sobre esta pesquisa. Esse momento de “pausa” ressalta a importância das corridas de aventura, pois essas atividades estão inclusas no âmbito das atuais transformações culturais advindas das práticas esportivas na natureza, criando novas possibilidades, ou novos caminhos a serem exploradas pela educação.

## **1.2 - Buscando um ponto de partida.**

Na atualidade, muito se tem discutido sobre as questões que envolvem o meio ambiente e a natureza<sup>1</sup>. Pode-se observar diversas mudanças que se referem às atividades realizadas pelos homens em relação aos espaços que ocupam. Estão se delineando diferentes maneiras de o homem interagir com o ambiente e transforma-lo, construindo novos significados sobre a temática envolvendo o homem e a natureza.

Para explorar as relações entre os homens e a ocupação dos espaços, Santos (1999, p. 51) afirma que

o espaço é formado por um conjunto indissociável, solitário, e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único no qual a história se dá.

---

<sup>1</sup>Adotou-se a definição de natureza segundo Carvalho (1994, p. 26), “exprime uma totalidade, em princípio abstrata, que os homens concretizam na medida em que preenchem com suas visões de mundo”.

Merecem destaque as novas práticas corporais e as novas formas de relacionamento entre os seres humanos delineadas a partir dessas práticas.

Refletir sobre os sujeitos e os novos significados elaborados pela interação advinda dessas práticas corporais mostra-se como uma possibilidade de compreender o fenômeno em questão, levando em consideração novos processos de sociabilidade. Neste estudo, essas práticas corporais serão designadas por “esportes de aventura”. Muito se tem falado sobre esses novos esportes, porém são poucos os estudos acadêmicos que interrogam e investigam esse assunto.

Betrán & Betrán (1995, p. 15) analisam essas novas atividades da seguinte forma:

cada sociedade, em cada época, tem sua própria cultura corporal relacionada aos seus parâmetros ideológicos, técnico-econômicos, sociais e, é claro culturais. A idéia de corpo, os usos, hábitos e costumes, movimentos que suscitam, práticas corporais e atividades físicas recreativas que aparecem neste período se inscrevem na mentalidade da época.

Nesse novo contexto, que emerge com mais intensidade a partir de 1990, surgem atividades que levam o homem buscar ambientes naturais e artificiais<sup>2</sup> para praticar os esportes de aventura.

Santos (1999, p. 52), referindo-se à interação dos sistemas de objetos e os sistemas de ações, expõe que:

de um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma.

Os esportes de aventura possuem características e significados diferenciados dos esportes tradicionais. Para explorar essas diferenças, as reflexões elaboradas a partir deste estudo

---

<sup>2</sup>Para maiores informações sobre atividades de aventura em ambientes artificiais, consultar Marinho (2001), “Da busca pela natureza aos ambientes artificiais: reflexões sobre a escalada esportiva”. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

procuram construir uma possibilidade de compreensão dos significados atribuídos pelas pessoas que praticam esses novos esportes.

De acordo com Betti (1998), a valorização social das práticas corporais de movimento legitimou o aparecimento da investigação científica e filosófica em torno do “exercício” e da “atividade física”, da “motricidade” ou do “homem em movimento”.

### **1.2.1 – Iniciando a aventura.**

O ponto de partida para minha aproximação e interesse do autor deste estudo pelo tema surgiu a partir de “minhas próprias” vivências esportivas. Nasci e fui criado na cidade de São Paulo, mas foi no interior e no litoral do estado que meu interesse por aventuras<sup>3</sup> se iniciou. Desde criança viajava com meus pais para acampar em praias que, na época, ainda eram desertas. No interior (Botucatu) havia diversas possibilidades para me aventurar no “meio do mato”, cachoeiras, serras, rios e outros locais férteis para nosso espírito aventureiro<sup>4</sup>. Naquela época eu não possuía condições financeiras e nem conhecimento técnico para adquirir equipamentos de aventura. Eu e meus amigos carregávamos apenas um lanche e uma grande força de vontade para adentrar no mato. O que importava era o prazer de estarmos realizando uma atividade entre amigos.

Quando ainda freqüentava as aulas de Educação Física no ginásio, percebi não possuir habilidade suficiente para participar das “tradicionais aulas de Educação Física”<sup>5</sup>. Dessa forma, procurei uma aproximação de outras atividades esportivas que possibilitassem momentos

---

<sup>3</sup>O termo “aventura” tem, aqui, o sentido da busca por experiências envolvendo novas vivências corporais, sentimentos, afetos, por meio do contato com a natureza.

<sup>4</sup>As aventuras eram sempre realizadas em pequenos grupos formados por amigos e conhecidos, que se reuniam por terem afinidades com essas práticas.

<sup>5</sup>Compreendo que: “tradicionais aulas de educação física” significa aquele arcaico método esportivista de ensinar Educação Física, privilegiando principalmente o futebol e a performance de atleta como tema central dessas aulas.

agradáveis e prazerosos. Nesse contexto de exclusão das aulas de Educação Física, comecei a andar de *skate* com a “galera da rua”, e foi a partir daí que percebi meu interesse por esportes que eram rotulados de “radicais”<sup>6</sup>. Após o *skate*, meu interesse por “esportes radicais” cresceu e, no final dos anos 80, comecei a me interessar por *moutain bike*, porque era uma nova modalidade esportiva que estava chegando ao Brasil. Utilizava bicicleta desde criança e, com a chegada desse novo esporte no país, percebi que havia diferentes possibilidades para explorar a natureza, fazer trilhas visitando cachoeiras e outros locais pouco explorados pelos homens, além dos passeios noturnos pela cidade de São Paulo. Viagens ao litoral e ao interior eram práticas comuns realizadas em grupo, e uma das características que mais me cativou neste esporte foi a possibilidade de criar vínculos afetivos com meus “parceiros de pedal”.

No meio da década de 90, quando iniciei o curso de graduação em Educação Física, tive acesso às novas modalidades esportivas e, assim, me aproximei da escalada esportiva e do *canyoning*, participando de cursos introdutórios nessas modalidades. Nessa época já conhecia muitos locais propícios para a prática desses esportes, mas, até então, não havia me dedicado efetivamente a essas atividades, pois desconhecia os aspectos técnicos necessários para sua realização. A partir da participação em cursos técnicos especializados, iniciei minha trajetória nesses esportes. De início, além da atração pelos esportes, também havia o interesse em realizar viagens em busca de locais adequados a sua prática.

Compartilho com Bruhns (1997, p. 86) sobre suas observações a respeito das novas formas de estar em contato com a natureza, as quais buscam emoções e sensações em que ocorre uma exceção às regras do cotidiano vivido nos grandes centros.

A busca pela aventura, pelo novo, pelo desconhecido, longe dos padrões urbanos, tem-se mostrado presente em algumas atividades de lazer como o montanhismo, as travessias com bicicletas em trilhas (denominadas *moutain bike*), o campismo dentre outros.

---

<sup>6</sup>Utilizarei o termo “esportes radicais” apenas como diferenciação dos esportes tradicionais.

Foram incontáveis as aventuras vividas por meio dessas atividades, e hoje me sinto realizado por estar fazendo uma pesquisa de mestrado que busque conhecer os significados dessas práticas chamadas de “esportes de aventura”.

Na atualidade, os esportes de aventura estão vinculados às viagens de ecoturismo, pois o Brasil apresenta um grande potencial para a exploração dessas atividades, porém há necessidade de estarmos atentos para que essas práticas não se tornem apenas mais um produto à disposição do mercado consumidor. Como estes esportes e o ecoturismo estão ligados à exploração da natureza, faz-se necessária uma reflexão crítica e o apontamento dos possíveis danos causados à natureza provocados por essas atividades.

### **1.3 - Aspectos metodológicos.**

Elaborar os caminhos metodológicos de uma pesquisa parece ser uma tarefa fácil, porém, no decorrer dos trabalhos, percebe-se a necessidade de algumas adaptações quanto à forma de se dirigir ao tema a ser pesquisado.

Esta é uma pesquisa qualitativa de cunho antropológico. Adotou-se o que Roger (1999) chama de Antropologia Complexa<sup>7</sup>. Vale destacar que, mesmo tendo adotado um olhar antropológico sobre os dados desta pesquisa, não se desprezou a possibilidade de outros enfoques (fenomenológico, sociológico), pois a pesquisa qualitativa possibilita uma variedade de opções quanto à forma de compreender o tema investigado.

---

<sup>7</sup> Os escritos de Roger (1999, p. 89) enfatizam a necessidade de uma “antropologia complexa” que possibilite uma nova visão sobre o fenômeno humano. Nesse sentido, o autor expõe que a “velha antropologia” operava a partir de uma visão simplista, reducionista e dicotomizada sobre o humano. A antropologia complexa baseia-se no método proposto por Edgar Morin, no qual se delineia um novo caminho epistemológico, a partir de uma abordagem “complexa” sobre o fenômeno humano. A idéia de uma epistemologia da complexidade diz respeito a todos os níveis do real: físico, biológico, antropológico, sociopolítico. “As complexidades antropológica, sociológica, ética, política, histórica – pois estes são os níveis mais importantes em que o homem encontra o seu modo de estar no mundo – devem ser entendidas como diferentes faces de uma mesmo fenômeno: o fenômeno humano”.



O que se propõe aqui é um “pensamento criativo” que possa contribuir para a construção de novos caminhos para se fazer Ciência. Essa forma de pensar admite o movimento e a mutação no seu interior, não excluindo a possibilidade de construir uma compreensão a partir do que Morin (2000) chama de princípio dialógico<sup>8</sup>.

Esta pesquisa apóio-se em Maffesoli (1988), que enfatiza a necessidade de uma escrita “sensual e criativa”, desenraizada de qualquer pretensão universalista, rompendo com o velho modelo mecanicista de compreender os fenômenos sociais. Maffesoli (op. cit.) apóia-se nas idéias de Simmel, propondo uma pesquisa estilística, enfocando a sensibilidade relativista.

Neste estudo o que predomina é o diálogo entre áreas do conhecimento. Isto se faz necessário para transcender uma característica marcante instaurada na racionalidade moderna, que é o rompimento e a fragmentação dos saberes. Esse movimento de racionalização foi responsável pela especialização abstrata, e pela criação de locais específicos (disciplinas acadêmicas) para cada tipo de saber. Dentro desses “espaços”, instaurou-se a incompatibilidade comunicativa entre os pesquisadores e uma espécie de incoerência que mina toda e qualquer possibilidade de diálogo entre as diferentes áreas de conhecimento.

Japiassu (1976, p. 75) propõe o método interdisciplinar, visando romper com a especialização abstrata, construída a partir da fragmentação dos saberes operada pela Ciência Moderna. No seu entendimento, esse método seria

[...] caracterizado como o nível em que a colaboração entre as diversas disciplinas ou entre os setores heterogêneos de uma mesma ciência conduz a interações propriamente ditas, isto é, uma certa reciprocidade nos intercâmbios, de tal forma que, no final do processo interativo, cada disciplina saia enriquecida.

---

<sup>8</sup> De acordo com Morin (2000), o princípio dialógico é fundamental na elaboração de uma nova ciência, pois este princípio postula a necessidade de admitirmos a transcendência da lógica formal (Aristotélica), buscando incluir nas reflexões os antagonismos, as contradições, a complementaridade entre o indivíduo, a sociedade e a cultura, admitindo a complexidade do todo, e não admitindo os reducionismos simplistas.

O método interdisciplinar viria ao encontro das necessidades diagnosticadas, a partir da identificação de uma crise na atual forma de se fazer Ciência. Nas Ciências Humanas não é novidade tal crise, pois há muito tempo já foi identificada a necessidade de superar o positivismo lógico, ou qualquer outra forma reducionista, determinista e/ou mecanicista de compreensão, em razão de sua insuficiência e limitação epistemológica.

De acordo com Japiassu (1996), vivemos um momento de crise da razão e do saber objetivo, enfatizando a necessidade de se construírem novas formas de compreender o homem, buscando romper com as fragmentações e dicotomias impostas pelo racionalismo científico.

Em seus escritos, Morin (2000, p. 207) aponta uma crise na atual forma de se fazer Ciência, dizendo que é necessária uma reforma do atual sistema de pensamento. Nesse contexto, propõe um “pensamento complexo”<sup>9</sup>, negando a cisão entre sujeito e objeto<sup>10</sup> e a

especialização abstrata, ou seja, que extrai um objeto de seu contexto e do seu conjunto, rejeitando os laços e as intercomunicações com seu meio e o insere num compartimento, que é aquele da disciplina cujas fronteiras destroem arbitrariamente a sistemicidade (a relação de uma parte com o todo) e a multidimensionalidade dos fenômenos.

Ainda de acordo com Morin (op. cit., p. 136) a superação de tais obstáculos representa uma possibilidade de reforma do método, imprescindível para uma reforma do pensamento e do ensino. Nesse sentido diz que

uma tal empresa suscita uma formidável resistência: os espíritos foram formados para eliminar a ambigüidade, para se satisfazerem com verdades simples, para praticar a oposição maniqueísta de bem contra o mal, isso por todos os lados, aí subentendida a cúpula da Universidade.

---

<sup>9</sup> De acordo com Morin (2000, p. 132 - 136) “o complexo surge como impossibilidade de simplificar lá onde a desordem e a incerteza perturbam a vontade do conhecimento, lá onde a unidade complexa se desintegra se a reduzirmos a seus elementos, lá onde se perdem distinção e clareza nas causalidades e nas identidades, lá onde as antinomias fazem divagar o curso do raciocínio, lá onde o sujeito observador surpreende seu próprio rosto no objeto de sua observação [...] o pensamento complexo deverá levar a marca da desordem e da desintegração, relativizar a ordem e a desordem, nuclear o conceito da organização, operar uma reorganização profunda dos princípios que comandam a inteligibilidade”.

<sup>10</sup> Os escritos de Maffesoli (2001 a, p. 118) enfatizam que “a distância entre sujeito e objeto, o observador e a coisa observada, essa distância ou ‘separação’, que é a própria base da modernidade, se encontra totalmente abolida”.

Faz-se necessária, portanto, uma crítica ao academicismo e à “departamentalização” encontrados no interior das universidades e nos centros de pesquisa. Maffesoli (1988) afirma que há uma intolerância e disputas entre as escolas, que culminam num conformismo no mundo intelectual, enraizado em ideologias que visam a manutenção do poder e do “*status quo*”.

Buscando romper com essas afirmações, acredita-se na possibilidade de construir novas formas de investigar o “mundano”, criando novos diálogos e transcendendo a velha imagem do pesquisador sisudo e incomunicável, que atualmente ainda está presente em nossas instituições de ensino e pesquisa.

Uma tal empreitada envolve riscos nos quais muitos preferem não se expor. Aventurar-se na busca de novas formas de compreensão faz-se necessário frente aos desafios impostos pelas transformações que se vivenciam na atualidade<sup>11</sup>. Nesse contexto, Maffesoli (op. cit., p. 42) ressalta que “um pensamento que saiba preservar a flexibilidade e mesmo a imperícia próprias de sua adolescência é, não raro, rico em saltos de qualidade e em fecundidade original”.

Neste estudo, empregou-se a pesquisa participante (BRANDÃO, 1986; CHIZZOTTI, 1991) buscando adentrar, compartilhar e compreender o universo de significados relacionados ao tema focado. A abordagem qualitativa se faz necessária, pois trabalha-se

um nível de realidade que não pode ser quantificado; trabalhando com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994, p. 21).

Ela está inserida na área de estudos do lazer, privilegiando também uma abordagem sócio-cultural, utilizando, como referencial, a análise cultural proposta por Geertz (1989, p. 38), na qual um dos objetivos é

---

<sup>11</sup> Muitos autores (BAUMAN, 1998, FEATHERSTONE, 1996; HARVEY, 1992; SEVCENKO, 2001, entre outros), enfatizam as mudanças que estão ocorrendo na atualidade. Segundo eles, vivemos num momento de aceleração tecnológica, instabilidade, transformações culturais e sociais, advindas de uma reestruturação do sistema capitalista.

tirar grandes conclusões, partindo-se de pequenos fatos, porém, fortemente entrelaçados; apoiar amplas afirmativas sobre o papel da cultura na construção da vida coletiva empenhando-as exatamente em especificações complexas.

As reflexões aqui elaboradas se constituem como uma possibilidade de acesso ao mundo da cultura. Ao adentrar nesse universo de significados, inicia-se um processo de compreensão e recriação de seus elementos constituintes. Nesse percurso, buscou-se uma aproximação daquilo que Bourdieu (1989, p.189) chama de “ruptura epistemológica”. Segundo esse autor, faz-se necessário:

pôr-em-suspensão as pré-construções vulgares e os princípios geralmente aplicados na realização dessas construções, implicam uma ruptura com os modos de pensamento, conceitos, métodos que têm a seu favor todas as aparências do senso comum, do bom senso vulgar e do bom senso científico tudo o que a atitude positivista dominante honra e reconhece.

No presente estudo compartilha-se com Geertz (op. cit., p. 18 - 35), o conceito de cultura semiótica, pois acredita-se que “o homem é um animal amarrado a teias de significado” por ele mesmo tecidas. Portanto,

a cultura pode ser entendida como sendo essas teias, e sua análise como uma ciência interpretativa em busca de significados [...] O ponto global da abordagem semiótica da cultura é nos auxiliar no acesso ao mundo conceptual, no qual vivem os nossos sujeitos, de forma a podermos, num sentido um tanto mais amplo, conversar com eles.

Para a coleta dos dados foi empregada a entrevista semi-estruturada registrada com auxílio de um mini gravador. Foi empregada a análise de conteúdo dos dados, proposta por Chizzotti (1991, p. 98), cujo objetivo é “compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”.

Foram entrevistados 10 atletas, com idade entre 25 e 40 anos, sendo 6 do sexo masculino e 4 do sexo feminino, que haviam participado de pelo menos uma edição da corrida Expedição Mata Atlântica. Dentro desse universo de sujeitos, privilegiei 6 discursos (2 do sexo feminino e 4 do sexo masculino) que apresentaram maior relevância para o tema abordado. Essa escolha foi

realizada utilizando, como critério a experiência que os atletas tinham em relação às corridas de aventura.

Todos os entrevistados sentiram-se à vontade frente ao gravador, pois tentou-se ao máximo, fazer com que, nos momentos das entrevistas, houvesse uma empatia entre pesquisador e os sujeitos da pesquisa. Dessa forma, a simpatia em relação ao outro (entrevistados) foi de fundamental importância para estabelecer uma comunicação que possibilitasse ter acesso ao conteúdo de suas experiências. Giles (1975, p. 59), ao explorar as idéias de Max Scheler, descreve que

quando a simpatia se orienta em direção à essência da pessoa do outro, tende a fazer comunicar a sua própria vida, em seus sentimentos, suas apreciações, suas preferências, etc. [...] a simpatia supõe, ao mesmo tempo, a afirmação do valor do outro e a orientação em direção a sua essência, a existência e a manutenção da consciência do próprio eu, o vigor da personalidade. Assim interpretada, a simpatia positiva e pura constitui a transcendência do eu, nos permite penetrar no outro e no seu estado individual. Nesse sentido, o ato de transcendência nos liberta da prisão do egocentrismo.

A facilidade com que se realizaram as entrevistas também pode ser atribuída à troca de experiências ocorrida entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa. Buscou-se uma aproximação com os entrevistados, principalmente pela afinidade do pesquisador com o tema pesquisado, pois como praticante de diversas modalidades de esportes de aventura, não ocorreram problemas quanto à linguagem e a postura adotada frente aos entrevistados.

Percebeu-se que a aproximação com os sujeitos entrevistados deveria ser realizada com alguma cautela, uma vez que os primeiros contatos aconteceram por *e-mail* e telefone, e só posteriormente ter havido o contato pessoal e a entrevista propriamente dita.

Cada sujeito foi entrevistado em sua residência: dessa maneira, o ambiente familiar proporcionou uma facilidade para os entrevistados revelarem seus pensamentos, sentimentos,

lembranças, ações e gostos relacionados ao tema abordado. A pedido dos sujeitos entrevistados, foram alterados alguns nomes citados no decorrer desse texto, a fim de preservar o anonimato.

As entrevistas semi-estruturadas possibilitaram a coleta dos dados por meio de duas perguntas norteadoras dirigidas aos sujeitos participantes. As seguintes perguntas foram realizadas:

- Como você sentiu a experiência de ter participado da Expedição Mata Atlântica?
- Como você está sentindo a relação da competição com a mídia?

As entrevistas obtidas com os sujeitos possibilitaram construir uma descrição sobre os significados atribuídos às diversas vivências ocorridas no decorrer da competição (EMA). Os escritos de Maffesoli (2001a, p. 113 – 123) dizem que

[...] durante as descrições pouco se importa com a ilusão da verdade, que não propõe um sentido definitivo das coisas e das pessoas, mas que se empenha sempre em manter-se a caminho. O próprio da descrição é justamente, o respeito ao dado mundano [...] metodologicamente, sabe-se que a descrição é uma boa maneira de perceber, em profundidade, aquilo que constitui a especificidade de um grupo social.

Também foram utilizados vídeos (os quais serviram como um recurso adicional, auxiliando e enriquecendo a interpretação e compreensão dos significados construídos nesta pesquisa) sobre as corridas e outras informações sobre a criação e organização da Expedição Mata Atlântica (EMA), obtidos na Sociedade Brasileira de Corridas de Aventura. Nesse sentido, a aproximação com os organizadores da competição foi significativa para a obtenção de materiais a respeito da EMA.

Os conceitos e teorias utilizados neste estudo, referentes ao lazer, ao esporte, ao espaço e ao tempo não desprezaram contribuições da Educação Física, Antropologia, Filosofia, Sociologia

e a Psicologia, embora o enfoque principal seja o sócio-cultural.

Neste estudo, dirigiu-se a intenção para a busca da possibilidade de construir uma compreensão sobre os significados atribuídos às corridas de aventura, pelos atletas que participaram da Expedição Mata Atlântica (EMA). Dessa forma, privilegiou-se a discussão dos diálogos (entrevistas com os sujeitos) com a teoria<sup>12</sup> fornecida pelos autores, “entrecruzando” suas idéias e conceitos, formando uma espiral e construindo-se uma totalidade, na qual não há cisão entre teoria e pesquisa de campo, mas sim um entrelaçamento constituindo uma teia, onde a compreensão dos significados está conectada.

Estudar os significados de esportes de aventura possibilitou observar e compreender como essas novas práticas corporais se configuram no cotidiano. Nesse sentido, esta pesquisa possibilitou delinear as interfaces entre os novos esportes na natureza, as competições e o respectivo uso dos corpos para essas atividades.

Este estudo privilegia os esportes de aventura num âmbito competitivo, porém pode-se observar que tais esportes encontram-se em manifestações cotidianas de momentos de recreação e lazer. Dessa forma, as reflexões que aqui serão apresentadas apenas apontam algumas considerações sobre o tema.

---

<sup>12</sup> Em seus escritos Maffesoli (2001a, p. 105) enfatiza que “a desafeição pela teoria, da qual bom indício é a falência das grandes narrativas de referência, traduz o fim de uma visão conceptual do mundo”.

## **CAPÍTULO II – A Expedição Mata Atlântica e as Corridas de Aventura.**

### **2.1 - Introduzindo as corridas de aventura.**

No final dos anos 90, surgiu no Brasil um novo tipo de competição que tinha como característica principal a reunião de algumas modalidades de esportes de aventura. Essas competições são chamadas de corridas de aventura, e são caracterizadas por serem uma corrida multi-esportiva de longa duração<sup>13</sup>.

Essa nova modalidade de competição surge num momento em que o ser humano e a sociedade, cujos significados são construídos e compartilhados, estão imersos em transformações que possibilitam uma “ressignificação” de alguns conceitos.

Nesse sentido, reporto-me à questão da competitividade e às diferentes formas de manifestação desse fenômeno nas corridas de aventura, criando, assim, possibilidades de se ressignificar a palavra competitividade.

Outra transformação que se pode visualizar, na atualidade, é o movimento de “ressignificação” do conceito de natureza, pois, como as corridas de aventura acontecem em ambientes naturais, cria-se um novo significado atribuído à natureza.

Também vale destacar uma nova forma de compartilhar sentimentos e emoções (cooperação) que surge, com grande intensidade, no interior das corridas de aventura. Esse compartilhar denota uma possibilidade de transformação no que se refere às formas de relacionamento entre os indivíduos.

Giddens (1991) se refere à atualidade postulando-a como um momento de diversas transformações, resultantes da modernidade. Dessa forma, alguns pilares que constituem o

---

<sup>13</sup>As corridas de aventura mais tradicionais têm uma duração que pode variar de 3 a 10 dias de competição.



conceito de modernidade, como a certeza e o controle, estão se fragmentando e dando forma a uma nova concepção chamada pelo autor de “modernidade reflexiva”. No interior dessa nova concepção de realidade está emergindo, com grande velocidade, a incerteza, o risco e a sensação de descontrole.

O risco é uma característica marcante da atualidade, pois pode ser observado a partir das transformações culturais que se delineiam, como uma forte presença em diversas instâncias, como na política e na economia que se inscrevem na atual sociedade globalizada.

O risco faz parte da vida humana, porém o projeto iluminista construído a partir do século XVIII era baseado na racionalidade técnico-instrumental que pretendia dar um sentido de estabilidade e desenvolvimento linear e ilimitado para a condição humana. Nesse sentido, a razão, baseada no cientificismo, pretendia excluir toda e qualquer possibilidade de risco e incerteza, a partir de uma lógica amparada pelo cálculo probabilístico, em que as variáveis não sofreriam interferências externas e, dessa forma, os resultados sempre estariam dentro de uma margem de “segurança” sob a qual os sujeitos desenvolveriam suas ações.

Pode-se dizer que o risco está presente em diversos momentos do cotidiano, porque não possuímos um controle exato sobre nossas próprias ações, ainda menos sobre outros eventos que emergem no interior da sociedade, ou na natureza.

Baudrillard (1991) enfatiza que a percepção de risco está presente em grande escala, na atual sociedade. O autor utiliza, como exemplo a questão da energia nuclear para ilustrar o nível de percepção de risco que a sociedade cria a partir do desenvolvimento de suas próprias estruturas, sejam elas técnico-científicas ou não. O risco de uma grande catástrofe está embutido no imaginário social, e há também o medo em relação às guerras, ao terrorismo e outras

convulsões sociais<sup>14</sup>.

O risco está associado à forma como os indivíduos percebem e interagem com o ambiente. Ele também está em conexão direta com o medo que sentimos em relação a determinadas coisas ou eventos.

Nesse contexto, cabe ressaltar o surgimento das corridas de aventura como uma forma diferenciada de se conceber o esporte, a competição, o corpo e a natureza. Nessas competições o risco está presente de forma controlada e minimizada pelos organizadores da prova. Esta forma de risco está associada a uma possibilidade de experimentar fortes emoções, porém sem oferecer grande perigo para os sujeitos que vivenciam estas atividades. Há um desafio em relação aos riscos e ao medo, enfatizando sensações prazerosas que emergem a partir dessa combinação.

No Brasil, a primeira corrida de aventura foi realizada no ano de 1998 e se chamou Expedição Mata Atlântica (EMA). É notório que o surgimento desse novo tipo de competição está intimamente relacionado com as transformações sociais que emergiram, com maior intensidade, a partir dos anos 80.

A instabilidade vivida na atualidade é derivada de um rompimento com os conceitos disseminados na modernidade. Nesse contexto estão emergindo novas formas de se compreender os valores, a ética, a ciência e o próprio ser humano. Segundo Giddens (1991, p. 12), vivemos num momento em que “muitos de nós temos sido apanhados num universo de eventos que não compreendemos plenamente, e que parecem em grande parte estar fora de nosso controle”.

As transformações advindas da fragmentação do conceito de modernidade denotam que as vivências em contato com a natureza, a partir dos anos 80 e 90, se fortalecem através do desenvolvimento de muitas práticas. Dentre elas podemos destacar o ecoturismo e os esportes de

---

<sup>14</sup> Como exemplo mais atual, podemos citar o ataque terrorista realizado nos EUA em 11 de setembro de 2001, ou a própria guerra no Iraque gerada a partir desses acontecimentos.

aventura. Também podemos observar que, a cada dia, crescem as preocupações com as questões ambientais, demonstrando o envolvimento dos indivíduos com esses problemas originados pelo desenvolvimento desenfreado e irrefletido. Pode-se considerar que essas transformações, encontradas na atualidade, denotam que as reflexões e discussões sobre meio ambiente estão cada vez mais próximas do nosso cotidiano, procurando espaços para construir novos significados acerca das inter-relações entre homem e natureza.

Também se pode observar que há um movimento entre as pessoas direcionando suas energias e procurando construir um espaço de troca, no qual os indivíduos se encontram para vivenciar experiências em comum. Nesse sentido, as corridas de aventura demonstram ser um potencial espaço de intercâmbio cultural e afetivo entre os sujeitos.

A partir da primeira edição da EMA, iniciou-se uma transformação no “cenário esportivo nacional”: várias outras corridas de aventura foram organizadas, e os esportes envolvidos nessas competições ganharam uma grande popularidade num pequeno espaço de tempo. Um dos motivos para o rápido crescimento desse novo segmento é a grande diversidade de locais propícios para a prática dessas atividades.

Esse fato chamou a atenção para esta pesquisa e muitas indagações surgiram no decorrer do tempo. Essa atração pelas atividades de aventura instigou o autor deste trabalho a pesquisar os significados construídos a partir dessas práticas. A oportunidade de investigar mais de perto estes significados permitiu aprofundar, para além da prática, seus conhecimentos sobre os esportes de aventura.

Essa competição instituiu-se como um marco para o desenvolvimento desse novo tipo de atividade.

## 2.2 - A Origem das Corridas de Aventura.

De acordo com Paterson (1999), o termo corridas de aventura surgiu no início dos anos 80 na Nova Zelândia. Este termo designa uma nova forma de competição, em que o homem utiliza obstáculos naturais (rios, montanhas, florestas e outros ambientes naturais) para a prática de atividades físicas, como: *mountain bike*, *rafting*, canoagem, *trekking* com orientação<sup>15</sup>, técnicas verticais<sup>16</sup> e natação.

As origens das corridas de aventura estão ligadas à corrida multi-esportiva (corrida em montanha, canoagem e *mountain bike*) realizada na Nova Zelândia, chamada *Coast to Coast*. A primeira edição aconteceu em 1980 e foi o primeiro evento multi-esportivo realizado junto à natureza. Essa corrida foi criada numa época em que os sujeitos estavam procurando se aproximar da natureza por meio da criação de novas atividades esportivas, e romper com o chamado esporte tradicional. Esse movimento pode ser compreendido como uma resistência frente às transformações delineadas a partir da década de 70.

Os atletas que, na atualidade, participam de corridas de aventura, de certa forma, já possuíam, antes, algum contato com esportes *outdoor*. Podemos observar esta idéia no discurso de Alexandre, estudante de Pós-graduação em Ciências Biológicas e participante da EMA 2000.

As corridas de aventura originaram-se das atividades de aventura [...] Acho que todo mundo que participa de corridas de aventura, já fazia algum tipo de esporte outdoor, ou fazia alguma atividade relacionada à natureza, seja ela uma caminhada, um “role” de bike, ou pegar a prancha para surfar umas ondas no litoral [...] Quem participa de

---

<sup>15</sup> Orientação pode ser definido como a arte de caminhar por terras desconhecidas com o auxílio de um mapa e uma bússola. Não é errado associar a Orientação a uma espécie de enduro realizado em regiões desconhecidas, onde, na hora da partida, o competidor recebe um mapa no qual está marcado o percurso que deve ser realizado no menor espaço de tempo possível. Durante a prova, o orientador deverá encontrar os pontos de controle que são representados no terreno por prismas (uma espécie de bandeirola vermelha e branca) cuja área de localização está representada por um círculo no mapa. A essência da Orientação é que a escolha da rota entre um ponto de controle e outro é definida pelo próprio atleta, que deverá levar em consideração as facilidades e dificuldades existentes entre as várias rotas possíveis. (Texto sobre corrida de orientação, 2002).

<sup>16</sup> As técnicas verticais são: rapel (descida de um paredão com auxílio de equipamentos de segurança), ascensão com equipamentos e tirolesa (travessia aérea entre dois pontos, utilizando equipamentos de segurança).

corridas de aventura já era a fim de fazer um monte de esportes juntos, nos lugares mais remotos.

A busca pela liberdade, principalmente relacionando vivências na natureza com a prática esportiva é uma característica marcante da origem dessas atividades. O sentido de liberdade aqui expresso está relacionado com o rompimento da forma como são praticados os esportes tradicionais modernos, com regras pré-determinadas, espaço restrito para sua prática (quadras, campos ou ginásios) e tempo cronometrado. Em contraposição a essa lógica, os esportes praticados em ambientes naturais possuem outra forma. Nessas atividades a liberdade reside na possibilidade de criar o trajeto a ser percorrido, escolher a velocidade e o tempo de duração e, principalmente, não estar condicionado a regras pré-definidas.

Nesse contexto, surgiram manifestações como os esportes californianos<sup>17</sup> que deram grande impulso para as futuras transformações que estavam por vir no cenário esportivo mundial. Essa busca pela natureza e as criações de novas modalidades esportivas que possuíssem características diferenciadas dos esportes tradicionais modernos, também estavam ligadas à busca de uma aventura selvagem, por meio da procura interminável pelo desafio e conhecimento dos limites humanos. Esses esportes que ligam o homem à natureza possuem características que denotam a possibilidade de se viver uma aventura, pois a incerteza, o risco e a aceleração são características predominantes em algumas dessas novas modalidades esportivas.

O ambientalismo também faz parte das contestações ocorridas nas décadas de 60 e 70. Esse movimento visava a uma ruptura com o paradigma proposto pela modernidade, que enfatizava um desenvolvimento técnico, científico e econômico sem limites. Nessa época eclodiram diversas manifestações que tinham por objetivo expor à sociedade os problemas

---

<sup>17</sup> Os esportes californianos, como o *skate* e o *mountain bike*, surgem na década de 70, e logo se difundem para diversas localidades.

desencadeados a partir da racionalidade moderna. Dentre elas, podemos destacar o movimento de contra cultura que tinha por objetivo romper com a cultura de massa que se desenvolvia naquele momento histórico.

O desenvolvimento das corridas de aventura se deu a partir da criação da *Coast to Coast* e de outra corrida conhecida como *Alpine Ironman*. Logo depois os americanos lançaram o *Alaska Mountain Wilderness Classic*, com início em 1983. Enquanto o *Coast to Coast* se tornou um dos mais prestigiados eventos multi esportivos, o *Alaska Mountain Wilderness* não ficou muito conhecido.

O passo seguinte para o crescimento da popularidade das corridas de aventura foi a criação do *Raid Gauloises* (comumente conhecido como *Raid*), realizado pela primeira vez na Nova Zelândia, em 1989, a primeira corrida multi esportiva de longa duração, quando foi exigida a formação de equipes mistas. A criação dessa corrida foi um marco para a transformação do esporte, pois envolvia, numa mesma competição, homens e mulheres, criando assim um novo significado para as corridas de aventura. A possibilidade da mulher competir numa mesma equipe em que homens competem caracteriza uma nova forma de organização esportiva. A partir dessas transformações, novos significados surgem no âmbito das corridas de aventura<sup>18</sup>.

Criado por Gerard Fusil, o *Raid* rapidamente popularizou as corridas de aventura na Europa (principalmente na França, país de Fusil), Austrália e Nova Zelândia, por meio do *marketing* da empresa de Fusil. Para muitos, o evento foi visto como o maior teste de resistência humana. O *Raid Gauloises* passa por localidades diferentes em todo o mundo, anualmente.

Apesar de ser bastante conhecido e ter um rápido crescimento na Europa, Austrália e Nova Zelândia, o esporte era praticamente desconhecido na América do Norte, até o momento em que Mark Burnett, empresário e competidor de duas edições do *Raid Gauloises*, criou o *Eco-*

---

<sup>18</sup> Esses significados serão discutidos ao longo do texto, principalmente aqueles relacionados à sociabilização.

*Challenge* e firmou parceria com o *Discovery Channel* para transmitir o evento em todo o mundo. A primeira corrida aconteceu em *Utah* em 1995 e conseguiu alcançar o mesmo *status* do *Raid*. Desde então, muitas corridas surgiram em todo o mundo, principalmente os eventos com um e dois dias de duração.

Atualmente, existe um circuito mundial (*Adventure Racing World Series*) de corridas de aventura, que engloba as principais competições realizadas em todo mundo.

### **2.3 - As Corridas de Aventura no Brasil (Expedição Mata Atlântica)<sup>19</sup>.**

No Brasil, as corridas de aventura foram introduzidas pelo empresário paulista Alexandre Freitas. Segundo os depoimentos de sua esposa Elza, no final dos anos 90, Alexandre havia participado de uma corrida de aventura na Nova Zelândia e, devido à sua fascinação e interesse pelo esporte, no ano de 1998, organizou a primeira corrida de aventura no Brasil, que veio a se chamar Expedição Mata Atlântica (EMA).

A Expedição Mata Atlântica é uma corrida de aventura em forma de competição, na qual participam atletas organizados em equipes de ambos os sexos (equipes mistas), dispostos a cumprirem regras para alcançarem um objetivo no menor tempo, exigindo o máximo de suas resistências físicas e mentais. Praticam diferentes atividades esportivas, orientando-se por bússolas e mapas, por dias e noites ininterruptos, em regiões pouco exploradas. O objetivo das equipes é realizar o percurso definido pela organização e, para isso, devem alcançar os postos de controle (PC)<sup>20</sup> e/ou áreas de transição (AT)<sup>21</sup> espalhados ao longo do percurso.

---

<sup>19</sup> As informações sobre as corridas de aventura no Brasil foram obtidas através de entrevista com a esposa (Elza) do empresário Alexandre Freitas, e pesquisa realizada nos *websites* da Sociedade Brasileira de Corridas de Aventura (SBCA) e da Expedição Mata Atlântica (EMA).

<sup>20</sup> Os postos de controle (PC's), são locais nos quais as equipes devem confirmar sua passagem através de registros

Segundo os depoimentos de Elza, o conceito da EMA é unir o esporte, a aventura e a preocupação com a preservação ambiental. Para isso acontecer, os organizadores da EMA desenvolvem, no período da corrida, um projeto sócio-ambiental envolvendo os atletas e as comunidades que estão no entorno da área percorrida. Observando o conteúdo de tais projetos, pode-se perceber que possuem uma característica assistencialista de curta duração. Eles são de pequeno porte, mas já significam um avanço no que se refere ao desenvolvimento de projetos sociais que possibilitem, minimamente, um contato entre os diversos atores sociais.

Para os organizadores da EMA, as corridas de aventura vêm crescendo rapidamente em número de provas e inscrições e, a cada edição, aumentam o sucesso e a sua divulgação nos meios de comunicação.

O crescimento da procura pelas corridas de aventura levou à criação de um calendário de competições de corridas de aventura<sup>22</sup>. A Expedição Mata Atlântica faz parte desse calendário nacional e também é integrante do circuito mundial de corridas de aventura (*Adventure Racing World Series*), sendo responsável pela etapa brasileira do circuito internacional. Isso demonstra que as corridas de aventura têm tido sua popularidade aumentada, atingindo uma camada mais ampla da sociedade, porém isso não quer dizer que há democratização com relação ao acesso a essas atividades. Pelo contrário, elas continuam sendo elitistas e exigindo um grande investimento para sua prática.

Nas edições da Expedição Mata Atlântica foram produzidos, pela organização do evento, vídeos promocionais visando registrar e difundir as corridas de aventura no Brasil e no exterior.

---

realizados pela organização da prova.

<sup>21</sup> A área de transição é o local onde estão os equipamentos das equipes. Nesse local os atletas realizam troca de modalidade esportiva, dão manutenção em equipamentos e carregam as mochilas com suprimentos. Os atletas também podem descansar nas áreas de transição.

<sup>22</sup> Este calendário é organizado pela Sociedade Brasileira de Corridas de Aventura (SBCA).



## **2.4 - A organização da Expedição Mata Atlântica.**

Organizar uma corrida de aventura é uma tarefa complexa e demanda muitas pessoas para viabilizar sua realização. Elaborar um trajeto extenso em lugares de difícil acesso exige uma boa organização logística e a criação de uma infra-estrutura física nos locais por onde os atletas irão passar.

Nesse tipo de corrida há, também, uma grande preocupação com a segurança dos atletas, pois eles vivenciam diversas situações em locais de difícil acesso. Dessa forma, faz-se necessário minimizar os riscos que possam causar acidentes durante o percurso da prova. A organização dispõe de serviços de resgate contendo uma equipe de paramédicos, com helicóptero, ambulância e até uma pequena brigada do exército para, no caso de uma emergência, efetuar o resgate de equipes que possivelmente venham a se perder na selva.

Os custos para organizar a EMA são altos, porque é mobilizada uma grande infra-estrutura de transporte e logística.

Os organizadores da Expedição Mata Atlântica privilegiam locais onde o homem ainda não explorou a natureza de forma predatória. Essa busca pela “natureza intocada” revela que a corrida deve possuir características que a diferenciem de outros tipos de competição. Procurar espaços preservados para a realização desses eventos denota uma busca por ambientes ainda não artificializados, visando experimentações e vivências também diferenciadas daquelas vividas nos grandes centros urbanos.

Mascarenhas (2003), ao refletir sobre a territorialidade dos eventos esportivos, ressalta que há uma busca incessante por novos espaços, pois estas atividades se inscrevem espacialmente de forma provisória.

Nas quatro edições anteriores, a corrida aconteceu em parques e/ou áreas de preservação ambiental. Dessa forma, a questão da conservação dos locais onde a corrida passa deve ser objeto de discussão dos organizadores.

Para a corrida realizada na floresta amazônica (EMA 2001) os organizadores elaboraram um “manual de conduta”<sup>23</sup> que os participantes deveriam seguir. Este manual possuía uma série de informações que tinham, por objetivo, o esclarecimento de regras que visavam a uma restrição e um direcionamento dos comportamentos que os atletas e outros participantes (jornalistas, fiscais de prova, público) deveriam ter no decorrer da prova.

## **2.5 - A Sociedade Brasileira de Corridas de Aventura (SBCA) e a EMA escola<sup>24</sup>.**

O idealizador das corridas de aventura no Brasil, Alexandre Freitas, criou, no ano de 1998, a Sociedade Brasileira de Corridas de Aventura (SBCA) que foi a entidade responsável pela organização da primeira corrida de aventura do país, a Expedição Mata Atlântica. Alexandre também criou a EMA escola.

De acordo com a Expedição Mata Atlântica (2002, a), a SBCA tem como objetivo “fomentar o crescimento sólido e duradouro das corridas de aventura no país”. Em 2000, a SBCA criou o Circuito Brasileiro de Corridas de Aventura com o intuito de aumentar o número de participantes e melhorar o nível técnico das equipes brasileiras. Foram realizadas cinco etapas (mini EMA)<sup>25</sup> em diferentes datas e locais, todas preparatórias para a EMA 2000. Em 2001, o Circuito cresceu, passando a ter sete etapas, todas, também, preparatórias para a EMA 2001

---

<sup>23</sup> Cf. Anexo I.

<sup>24</sup> As informações sobre a Sociedade Brasileira de Corridas de Aventura (SBCA) e a EMA escola foram obtidas por meio de entrevistas com Elza esposa do empresário Alexandre Freitas, com Lucas, o organizador dos cursos, e por meio de pesquisa realizada no *website* da Sociedade Brasileira de Corridas de Aventura (SBCA).

<sup>25</sup> A mini EMA é uma corrida de aventura de menor duração, possuindo distâncias mais curtas do que a corrida normal.

AMAZÔNIA. Em 2002, o Circuito Brasileiro de Corridas de Aventura possuiu oito etapas preparatórias e classificatórias para a EMA quinta edição. A SBCA está organizando a quinta edição da corrida de aventura Expedição Mata Atlântica, que será realizada em 2003, e a região Sudeste foi escolhida para sediar este evento<sup>26</sup>.

Segundo a SBCA, as corridas de aventura são um fenômeno recente no país, e a sociedade ainda está construindo suas bases, e algumas mudanças serão necessárias. Nesse sentido, a SBCA busca organizar um calendário para estruturar o esporte, abrangendo um maior número de praticantes de atividades de aventura.

A SBCA acredita que as Corridas de Aventura são competições complexas, envolvendo mais que o condicionamento físico e conhecimento específico das modalidades esportivas, sociabilidade, experiência e estratégia adequada são fundamentais. O grau de exigência física e psicológica das corridas de aventura é um dos maiores dentre os esportes *outdoor*, como o *triatlon*.

A Expedição Mata Atlântica (2002, b), por meio da SBCA, criou um sistema de graduação para as corridas de aventura. Todos os eventos promovidos pela entidade são classificados por grau de dificuldade, variando de 1 a 10 pontos. Os critérios desta graduação são: aspectos físicos da região, como altitude, clima, vegetação; tempo estimado de prova; etapas noturnas; força física, logística<sup>27</sup>, estratégia, orientação, sobrevivência na selva, primeiros socorros, entre outros. É importante ressaltar que essa classificação não mede os riscos envolvidos, inerentes a qualquer prática esportiva. As condições climáticas do período do evento podem, ainda, alterar em até um ponto esta graduação.

---

<sup>26</sup> A quinta edição da EMA estava marcada para o mês de março de 2003, porém foi adiada por tempo indeterminado, devido a um incidente ocorrido com Alexandre Freitas (organizador da prova) durante sua participação na corrida de aventura *Eco-Challenger 2002*, realizada nas ilhas *Fidji*, deixando-o em estado grave de saúde, não podendo dar continuidade ao seu trabalho.

<sup>27</sup> A logística diz respeito à dificuldade de acesso, transporte e deslocamento.

Segundo a Expedição Mata Atlântica (2002, c), a EMA escola é um projeto que tem por objetivo ensinar noções básicas de uma corrida de aventura, através das principais disciplinas, como *trekking* com orientação, *mountain bike*, *rafting* e canoagem, além de preparar o aluno para compreender o espírito de equipe, de solidariedade e de relação com o meio ambiente. Esses conceitos são trabalhados para que os sujeitos conheçam a corrida de aventura segundo seus idealizadores.

Esse conhecimento está estritamente ligado ao aprendizado das técnicas necessárias para participar de uma corrida de aventura, não possuindo uma reflexão mais densa sobre o tema. O conteúdo trabalhado no curso está ligado apenas aos aspectos técnicos e táticos dos esportes de aventura (*mountain bike*, canoagem, técnicas verticais, orientação) e suas relações com as corridas de aventura. Pouco se fala de educação ambiental, corpo, ou outros temas relacionados à natureza e ao humano.

A EMA escola possui um calendário de atividades regulares, seus cursos são oferecidos uma vez por mês. Há uma pessoa (Lucas) que elabora e organiza os cursos oferecidos pela EMA escola. A divulgação dos cursos é feita por meio do *website* da SBCA, que disponibiliza informações gerais sobre os cursos. Os cursos possuem um alto custo<sup>28</sup> e atingem uma pequena parcela da população que possui condições financeiras para frequentar este tipo de evento. Segundo as declarações de Lucas o curso ainda é caro e elitista.

Existe, também, a EMA escola empresarial, que é um projeto direcionado a empresas que querem fortalecer o relacionamento entre seus funcionários, por meio de atividades ao ar livre. Os cursos oferecidos na EMA escola empresarial enfatizam as relações sociais, comparando valores, ética e outros significados encontrados, tanto nas atividades de aventura, quanto nos ambientes de trabalho. Aspectos como cooperação, troca e respeito pelo outro, são encontrados

---

<sup>28</sup> Um curso com duração de um dia (8 horas) custa aproximadamente R\$ 160,00.

nas atividades de aventura, porém, em muitos ambientes de trabalho, a questão da competição e o individualismo estão presentes em grande escala, sufocando outros aspectos. Nesse contexto, os cursos oferecidos pela EMA escola empresarial procuram difundir novos valores e significados atribuídos às relações de trabalho.

A iniciativa dos cursos oferecidos pela EMA escola empresarial podem representar a possibilidade de mudanças, tanto no significado como na forma como o trabalho é executado, porém essa proposta está atingindo apenas os altos funcionários dessas empresas (diretores e gerentes), limitando o acesso aos demais funcionários.

## **2.6 - Histórico das corridas - Expedição Mata Atlântica.**

### **EMA Ilha Bela – Caraguatatuba 1998.**

A primeira edição da Expedição Mata Atlântica (EMA) foi realizada no litoral Norte do estado de São Paulo (Ilha Bela), durante três dias e três noites consecutivas, quando equipes nacionais e estrangeiras<sup>29</sup> percorreram aproximadamente 220 km divididos em 10 postos de controle (PC'S) e 4 áreas de transição (AT). As equipes deveriam ser formadas por cinco integrantes, sendo três competidores (um do sexo feminino, obrigatoriamente) e duas pessoas como equipe de apoio<sup>30</sup>. As modalidades praticadas nessa corrida foram as seguintes: *trekking* com orientação, *mountain bike* e canoagem.

---

<sup>29</sup> Os organizadores da EMA convidaram 2 equipes da Nova Zelândia para participar na corrida.

<sup>30</sup> As equipes de apoio dão suporte para os atletas que estão participando da prova, realizando o transporte de equipamentos entre as áreas de transição (AT), e auxiliam na elaboração das refeições e acomodações para os atletas.

As pessoas que participaram desta corrida de aventura eram predominantemente atletas de *endurance*<sup>31</sup>, que participavam de outras modalidades esportivas. Aqui no Brasil, as primeiras pessoas a terem contato com essa nova modalidade de competição, conhecida como corrida de aventura, foram atletas de esportes *outdoor*, como triatletas, montanhistas, ciclistas e alpinistas, entre outros.

Segundo alguns atletas, o objetivo de suas equipes era terminar a corrida, pois não possuíam experiências anteriores neste tipo de competição. Para esses atletas, ter participado da primeira corrida de aventura realizada no Brasil foi um marco para a divulgação do esporte.

Um fato interessante ocorrido durante a corrida foi que 2 equipes não passaram pelo posto de controle 6 (PC 6), por terem errado o trajeto de *mountain bike* estipulado pela organização. Dessa forma, as equipes passaram do PC 5 diretamente para o PC 7. Esse acontecimento foi julgado pela organização da prova como uma falta grave, passível de desclassificação. Para contornar a situação e não serem desclassificadas, as duas equipes se reuniram e decidiram retornar do PC 7 para o PC 6, realizando um trajeto de 60 km de *mountain bike*. Por meio de entrevista realizada com Rose, uma triatleta participante de uma das equipes perdidas, pude constatar a veracidade dos fatos ocorridos. Segundo seu relato, os atletas de sua equipe estavam desunidos e muito nervosos, por serem inexperientes em corridas de aventura (era a primeira vez que participavam deste tipo de competição) e tinham dificuldades em compreender as informações contidas no mapa fornecido pela organização da prova. O cumprimento da pena estipulada pelos organizadores demonstrou o interesse por evitar a desclassificação e o abandono da prova. Dessa forma, pode-se observar que, para além do aspecto competitivo, havia também um interesse em participar da prova como uma vivência lúdica, um desafio.

---

<sup>31</sup> Competições de longa duração como, por exemplo, o *triathlon*.

Havia 28 equipes inscritas na corrida. Desse total, 20 equipes terminaram a prova e 8 desistiram no meio do percurso. Essa prova possuía apenas uma categoria (expedição) para todos os inscritos. Dessa forma, as tarefas e as distâncias percorridas deveriam ser iguais para todos os competidores.

A primeira edição da Expedição Mata Atlântica foi um marco histórico para a divulgação dos esportes de aventura no Brasil. A partir dessa corrida, alguns veículos de comunicação (revistas especializadas em esportes *outdoor*) perceberam um grande potencial para explorar um novo nicho econômico e publicitário. Com isso a idéia de praticar atividades físicas na natureza se fortaleceu, e aumentou a procura por locais adequados para essas práticas.

### **EMA Petar – 1999.**

A segunda edição da Expedição Mata Atlântica (EMA) aconteceu no ano de 1999, no litoral Sul do Estado de São Paulo, entre os municípios de Iporanga e Cananéia, numa região conhecida como PETAR (Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira). Nessa segunda edição da corrida, a organização determinou um acréscimo na distância que deveria ser percorrida pelos participantes. Foram cinco dias e noites consecutivas, totalizando um percurso de aproximadamente 407 km para a categoria expedição, 355 km para a categoria aventura e 260 km para a categoria alternativa. A diferença entre as categorias estava nas distâncias percorridas e no número de tarefas a serem realizadas. Dessa forma, os atletas podiam escolher a categoria a ser percorrida, respeitando os limites de cada equipe.

Havia um total de 18 postos de controle (PC'S) e 8 áreas de transição (AT). A organização da prova determinou que as equipes da categoria expedição que chegassem ao PC 15 com mais

de 90 horas de prova seriam automaticamente rebaixadas para a categoria aventura. Havia 33 equipes<sup>32</sup> inscritas. No final da prova, 8 equipes havia desistido durante o percurso.

Durante o período da corrida, os atletas tiveram que realizar um trajeto orientando-se por cartas geográficas e bússola em terrenos inóspitos e acidentados da Mata Atlântica, praticando as seguintes modalidades esportivas: *trekking* com orientação, *mountain bike*, canoagem, travessia de caverna, rapel e bóia-cross.

Havia uma grande etapa de *trekking* (60km) que percorria uma antiga trilha do parque conhecida como "trans-Petar"<sup>33</sup>. Nessa etapa da corrida algumas equipes tiveram problemas para se deslocar e encontrar o caminho correto no meio da Mata Atlântica. Essas equipes ficaram perdidas por algumas horas (aproximadamente 36 horas). Duas equipes tiveram que ser resgatadas com uso de helicóptero pela equipe de socorro do exército. Apesar de ficarem perdidos na floresta, os integrantes das equipes não sofreram qualquer tipo de lesão grave<sup>34</sup>. Esse acontecimento demonstrou a inexperiência de algumas equipes com relação à orientação no interior da mata. Por outro lado, a equipe da Nova Zelândia surpreendeu os organizadores da corrida, concluindo esse percurso de *trekking* com orientação em apenas oito horas.

Com o objetivo de fortalecer a prática e a divulgação dos esportes de aventura no Brasil, os organizadores da prova investiram na publicidade da corrida, procurando atrair atletas de diversas modalidades esportivas, visando a divulgação da corrida para a sociedade através dos meios de comunicação.

---

<sup>32</sup> A formação das equipes deveria obedecer as regras da EMA 1998.

<sup>33</sup> Trilha antiga que atravessa o Petar (Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira).

<sup>34</sup> Após o quarto dia de competição, a equipe médica teve muito trabalho com os atletas, pois muitos deles apresentavam bolhas, arranhões e outros ferimentos nos pés e pernas.



### **EMA Parati – Ubatuba – 2000.**

A terceira edição da corrida Expedição Mata Atlântica (EMA) foi realizada entre o litoral Norte do Estado de São Paulo e o litoral Sul do Estado do Rio de Janeiro. O trajeto da prova foi realizado no interior do Parque Estadual da Serra do Mar. A largada foi realizada numa praia da cidade de Parati e a chegada se deu numa praia do litoral de Ubatuba.

O trajeto percorrido pelos atletas foi de aproximadamente 450 km, percorridos na Serra do Mar, nas encostas e praias do litoral. Havia um total de 32 postos de controle (PC'S) e 10 áreas de transição (AT).

Nessa edição da competição, participaram 33 equipes<sup>35</sup>, brasileiras e internacionais. Nessa corrida, as equipes nacionais estavam equiparadas (preparo físico, psicológico e estratégico) com as equipes internacionais.

A prova foi realizada em seis dias ininterruptos e as modalidades esportivas realizadas pelos atletas foram: *trekking* com orientação na mata e na costeira, *mountain bike*, canoagem (canoas canadenses), natação, *rafting* e técnicas verticais (rapel, tirolesa e ascensão com aparelhos).

### **EMA Amazônia – 2001.**

Na sua quarta edição, a EMA Amazônia envolveu aproximadamente 600 pessoas na sua organização. Por ter sido realizada em locais de difícil acesso, a organização da prova teve que recrutar muitos voluntários para torna-la viável.

Nessa edição, os organizadores modificaram a composição das equipes participantes da prova (aboliram as equipes que davam apoio aos atletas) e, com isso, a organização ficou

---

<sup>35</sup> A formação das equipes deveria obedecer as regras da EMA 1999.

responsável pelo transporte dos equipamentos dos atletas (bicicletas, equipamentos de rapel e outros) de uma área de transição (AT) para outra.

Foi utilizado um avião de carga e helicópteros para transportar os equipamentos até o local da prova, na região do Pólo Tapajós no estado do Pará. O argumento utilizado pelos organizadores da prova para justificar a mudança na formação das equipes foi o de que as equipes de apoio estavam causando um grande impacto ambiental nas áreas onde os competidores se aglutinavam para realizar a transição entre as modalidades esportivas e, também, porque a organização logística da prova na Amazônia dificultava o acesso das equipes de apoio aos locais determinados como áreas de transição (AT).

Foram sete dias de competição, totalizando um percurso de aproximadamente 550 km no meio da floresta amazônica. Nesta última edição da EMA estavam inscritas 47 equipes, formadas por quatro integrantes, continuando obrigatório pelo menos um integrante do sexo feminino, sem auxílio da equipe de apoio.

Existiam duas categorias nas quais os competidores poderiam se inscrever. A categoria aventura, caracterizada como sendo de menor nível de dificuldade, e a categoria expedição, cujo nível de dificuldade é mais elevado. Ambas as categorias possuíam o mesmo trajeto. O que diferenciava as categorias era o número de postos de controle (PC`S), nos quais as equipes tinham que registrar a sua passagem. Assim, o trajeto da categoria aventura era mais curto que o trajeto da categoria expedição.

As modalidades esportivas realizadas pelos atletas foram: *trekking* com orientação, *mountain bike*, técnicas verticais, natação, canoagem em canoas com velas utilizadas pela população ribeirinha e caiaques infláveis. Segundo os organizadores da prova, as etapas de *trekking* pela floresta fechada e ainda inexplorada foram decisivas para as equipes. Os

competidores enfrentaram os desafios da mata e tiveram que suportar as altas temperaturas da região (média de 37° C na época da corrida).

Das 47 equipes inscritas, 30 completaram o percurso, das quais 16 na categoria Expedição (principal) e 14 na Aventura.

Um aspecto relevante desta edição da EMA foram os patrocinadores da corrida. Na EMA Amazônia os organizadores da prova conseguiram patrocínios com o governo do estado do Pará e com a empresa Antártica de bebidas, vinculando o *slogan* do “Guaraná Antártica” e do “Governo do Estado do Pará”. Isso demonstra que a popularidade das corridas de aventura vem crescendo, pois os patrocinadores de grande porte só têm interesse em investir dinheiro em mega eventos que possibilitem ampla divulgação pelos meios de comunicação.

Nesse contexto de transformações, pode-se evidenciar o papel que a mídia exerce sobre esse processo, pois suas ações impregnam tanto o indivíduo, quanto a coletividade. Dessa forma, faz-se necessária uma reflexão acerca da apropriação e da exploração feitas pela mídia em relação a essas novas atividades (esportes de aventura e corridas de aventura) que denotam sutis movimentos em busca de novos significados para o fenômeno humano.

## **2.7 - Mídia e Esportes de Aventura.**

Pode-se observar, na atualidade, que a criação de novos conceitos<sup>36</sup>, imagens, signos<sup>37</sup> e significados estão intimamente condicionados à questão do consumo e da mídia de massa<sup>38</sup>. Para

---

<sup>36</sup> Bordenave (op. cit., p. 65) diz que o conceito é uma imagem formada na mente do homem após perceber muitas coisas semelhantes entre si. “Esta capacidade de abstração de qualidades comuns e de colocar um nome à qualidade geral deu origem ao conceito”.

<sup>37</sup> De acordo com Bordenave (op. cit., 24), o signo “é qualquer coisa que faz referência a outra coisa ou idéia”.

<sup>38</sup> Segundo Miège (apud SODRÉ 2002, p. 19), mídia de massa significa “produção definitivamente dependente de investimentos publicitários e técnicas de *marketing*, predomínio das tecnologias audiovisuais e grande valorização do espetáculo”.

Bordenave (1985, p. 24) “a atribuição de significados a determinados signos é precisamente a base da comunicação em geral e da linguagem em particular”.

A globalização e a conseqüente massificação da cultura, exercida pelos meios de comunicação, denotam uma transformação radical na forma pela qual a sociedade elabora e divulga os novos elementos constituintes das imagens e conceitos<sup>39</sup> vinculados a determinados estilos de vida. A busca por novas formas de se relacionar com o outro e com a natureza fazem parte dessas transformações e, nesse sentido, cabe ressaltar a importância de um olhar crítico sobre essas manifestações caracterizadas por uma “ressignificação” do chamado “estilo de vida moderno”<sup>40</sup>. Esses significados emergem constituindo novas roupagens incorporando o sentido de “aventureiro” no modo ser de uma ampla rede de “consumidores”.

Bordenave (op. cit., p. 92) enfatiza que

é próprio da comunicação contribuir para a modificação dos significados que as pessoas atribuem às coisas. E, através da modificação de significados, a comunicação colabora na transformação das crenças, dos valores e dos comportamentos.

Na atual sociedade capitalista é fácil identificar a excessiva exposição de signos e símbolos. Basta sair às ruas e, logo se encontrarem diversos ícones de consumo<sup>41</sup> expostos em formas de *outdoors*, logotipos, cartazes e outras formas de comunicação visual, amplamente utilizados para fazer propaganda e *marketing*.

Sodré (2002, p. 65), discutindo sobre os meios de comunicação, enfatiza que “a moral da mídia contemporânea é apenas mercadológica”.

---

<sup>39</sup> De acordo com Bauman (1998, p. 161), “a medida que se desenvolvem e amadurecem, os conceitos começam a se mover por conta própria e, às vezes, alcançam territórios bastante distantes de seu local de origem. A experiência dos seres humanos é o alimento que nutre o desenvolvimento dos conceitos [...] mesmo as mais universais das noções nascem e adquirem forma na experiência particular das pessoas vinculadas a lugar e tempo específicos”.

<sup>40</sup> Aqui o sentido adotado para “estilo de vida moderno” pode ser caracterizado como um modo de vida no qual a idéia de controle, segurança e previsibilidade das ações estão diretamente relacionadas às formas de ser.

<sup>41</sup> Para Arbex Jr. (2002, p. 102), “os ícones da mídia planetária são as grandes marcas de consumo – *McDonald's*, *Coca-Cola*, *IBM*, *Benetton*, *Marlboro*, *Ford*, *Microsoft*, *Disney*”.

Nesse contexto, a questão principal, o cerne do sistema capitalista está engendrado no poder relacionado com a mídia, objetivando seduzir e conquistar novos consumidores, criados a partir da construção de novos ícones de consumo.

Featherstone (1996, p. 107), ao realizar uma reflexão sobre o pós-modernismo<sup>42</sup> e a cultura de consumo, enfatiza o crescimento da oferta de imagens e signos construídos a partir do desenvolvimento da chamada cultura de massa<sup>43</sup>: “Nenhuma sociedade jamais esteve tão saturada de signos e imagens quanto a nossa”. Completando essa idéia, apóia-se nos trabalhos de Georg Simmel e Walter Benjamin para afirmar que muitos aspectos atualmente identificados com o pós-modernismo, como:

“a volatilidade dos signos”, a “a fragmentação cultural”, a confusão das identidades” e a “estetização da vida cotidiana”, podem ser encontrados na história desde o nascimento dos mercados e das cidades.

Pode-se evidenciar o ressurgimento desses aspectos relacionados às transformações sociais e culturais, como uma forma de reorganização dos elementos primordiais constituintes do sistema capitalista. Esses elementos como o consumo e a produção de bens materiais e simbólicos ocupam o cerne desse sistema.

Arbex Jr. (2002) diz que a questão da produção de imagens está atrelada aos métodos publicitários de *marketing* utilizados para formatar e condicionar o imaginário coletivo. Dessa forma, a publicidade funciona como um suporte ideológico, visando criar e reproduzir fetiches e ideais de felicidade relacionados a determinados estilos de vida e/ou padrões a serem seguidos, como os físicos, estéticos, sensuais e comportamentais.

---

<sup>42</sup> Segundo Featherstone (op. cit., 107) “o termo pós-modernismo sugere uma superprodução de bens culturais difícil de controlar e ordenar, que desestabiliza as hierarquias simbólicas existentes”.

<sup>43</sup> De acordo com Sodré (op. cit., p. 90) cultura de massa pode ser entendida como “um fenômeno de consumo contemporâneo (mais sócio-cultural do que estritamente econômico), verdadeira ‘linguagem’ constituída de signos-objetos, [...] isto é, a produção de bens simbólicos posta a reboque da atualidade do mercado direcionada para o consumo intransitivo de informações e objetos”.

A publicidade tornou-se uma espécie de excitação coletiva, porque embute nos indivíduos o desejo de consumo de produtos e símbolos culturais como o “aventureiro” ou o “herói”, caracterizados pela busca incessante de liberdade e rompimento com os limites.

De acordo com Sodré (2002, p. 44)

da mídia para o público não parte apenas influência normativa, mas principalmente emocional e sensorial, com o pano de fundo de uma estetização generalizada da vida social, onde identidades pessoais, comportamentos e até juízos de natureza supostamente ética passam pelo crivo de uma invisível comunidade do gosto, na realidade o gosto “médio”, estatisticamente determinado.

Essa ampla influência causada pela mídia sobre os pensamentos e ações humanas demonstra o grau de inserção dos meios de comunicação na forma como os indivíduos se estruturam na sociedade.

Para Thompson (2001), o desenvolvimento da mídia transformou o sentido da produção e do intercâmbio simbólico na modernidade. Tanto a produção material quanto a produção de bens simbólicos (cultura) sofreram influência dos meios de comunicação. A emissão e a recepção desses “produtos” são formatadas a partir da lógica mercantil estabelecida pelo sistema capitalista.

Pode-se perceber, ao longo da história dos meios de comunicação o acontecimento de diversas reorganizações buscando construir novos sentidos para os conteúdos de caráter simbólico da vida social. Na atualidade, o processo de globalização é responsável por essa reestruturação do sistema capitalista.

No contexto da vida social, amplamente especulado pela mídia, os esportes de aventura estão intimamente ligados a um determinado estilo de vida, privilegiando a possibilidade de consumir novos símbolos culturais. Esses símbolos estão condicionados à imagem de

“aventureiro”, em que os indivíduos buscam construir novos significados para as atividades físicas realizadas na natureza.

Segundo Costa (2000), os meios tecnológicos da comunicação nos informam sobre o mundo esportivo, caracterizando-o como um espetáculo pautado na divulgação de imagens, mensagens, símbolos e representações.

Como exemplo pode-se citar os atletas participantes da EMA, pois, aos olhos do senso comum, esses sujeitos transformam-se em símbolo de “aventureiros”, em razão da exposição ocasionada pelos meios de comunicação, principalmente o meio televisivo.

Na atualidade, Thompson (2001) ressalta a exploração da mídia e mercantilização das formas simbólicas. Esse processo é caracterizado por estabelecer um valor econômico para os bens simbólicos. Dessa forma, o processo de valorização depende dos meios técnicos empregados nesse processo.

Buscando refletir sobre a mercantilização das formas simbólicas, pode-se perceber muitos anúncios e propagandas relacionando o espírito aventureiro com determinados produtos que, muitas vezes, não possuem relação alguma com o conceito. Nesse contexto, observam-se os meios de comunicação se apropriando dos conceitos, incorporando-os e criando vínculos com determinados produtos, e, em certos casos, essa relação é estabelecida de forma “fictícia” e efêmera. Há, também, uma constante mutação entre os signos e os produtos deles derivados.

Bauman (1998) faz um apontamento sobre a cultura observando um contínuo excesso de signos que somente na atividade de seu uso e consumo têm uma probabilidade de satisfazer o seu potencial significativo, ou seja, de transformar-se em símbolos culturais.

Essa excessiva exploração da mídia sobre os bens simbólicos e materiais representa a idéia de vivermos numa “aldeia global” onde há uma conexão entre diversos tipos de cultura, mesmo estando separadas por uma grande distância.

Para Harvey (1998), a publicidade e as imagens da mídia passaram a desempenhar um papel muito mais integrador nas práticas culturais, tendo assumido, agora, uma importância maior na dinâmica de crescimento do capitalismo. Além disso, a publicidade já não parte da idéia de informar ou promover no sentido comum, voltando-se, cada vez mais, para a manipulação dos desejos e gostos, mediante imagens que podem ou não ter relação com o produto a ser vendido.

Ao refletir sobre a dinâmica das transformações do sistema capitalista (integração nas práticas culturais), observam-se o crescimento e a conseqüente popularização das corridas de aventura, porque esse movimento está atrelado à divulgação exercida pelos meios de comunicação, sejam eles a mídia escrita ou televisiva. O interesse da mídia pelos esportes de aventura vem aumentando de maneira acentuada nos últimos anos.

Pode-se perceber o rápido crescimento de segmentos da mídia relacionados aos magazines e livros. Hoje há uma série de revistas e *websites* especializados em atividades de aventura, ecoturismo e corridas de aventura, e a cada dia surgem novas publicações enfatizando esses temas. Isso demonstra que o mercado relacionado a essas atividades está em expansão, ampliando cada vez mais seus territórios, fortalecendo o vínculo mercantil entre essas atividades.

Esse fato torna-se representativo para as equipes participantes das corridas de aventura, pois, com o crescimento da divulgação feita pela mídia, as equipes melhoram suas chances de conseguir patrocínios. Essa transformação denota que alguns atletas participantes de corridas de aventura estão buscando uma profissionalização, possibilitando o seu sustento financeiro.

O atleta Fábio, participante da EMA 2000 e 2001, diz que “quando a mídia explora as imagens das corridas de aventura, os investidores põem grana nos patrocínios”.

A exposição dos atletas e das corridas de aventura na mídia, principalmente a televisiva, possui características definidas de acordo com o tipo veiculação de imagens.



Os canais de TV a cabo especializados em esportes (*ESPN*, *SPORTV*) e aventura (*AXN*, *DISCOVERY CHANNEL*) já possuem uma tradição na transmissão desses eventos e, na última edição da EMA Amazônia, o canal Globo de televisão fez uma cobertura do evento, transmitindo, em um dos programas mais tradicionais dessa emissora (*Fantástico*), notícias sobre a corrida. A incorporação das corridas de aventura na programação televisiva denota a criação de um determinado público interessado nesse tipo de programação.

Dessa forma, ao observar a veiculação das corridas de aventura feita pela rede Globo de televisão (programa *Fantástico*, transmitido aos domingos), evidenciam-se diferenças em relação à exposição feita pelo canal *SPORTV* (programa específico sobre a EMA Amazônia 2001): ambos informam sobre o mesmo assunto (a corrida EMA Amazônia 2001), mas o enfoque jornalístico difere entre esses canais.

O modelo de exibição e cobertura utilizado pelas emissoras de televisão depende do enfoque (características do programa) e do público de cada canal. No caso do canal aberto, o dos vídeos, que as emissoras de canal aberto constroem uma imagem espetacular das corridas de aventura. Isso não significa ausência de espetacularização nos programas exibidos em canais pagos, porém, nos primeiros, as imagens expressando dor ou situações desagradáveis são mais enfatizadas. O canal *SPORTV* (programa específico sobre a EMA Amazônia 2001) aborda a corrida como um espetáculo e um desafio esportivo, sem exacerbar aspectos sensacionalistas. Ilustrando esse fenômeno, recorre-se ao discurso do atleta Marcos, participante da EMA 2000 e 2001, ressaltando que “a mídia só tem interesse em explorar os assuntos que dão ibope”. Dessa forma, ao atingir o senso comum, aquelas imagens expressando dor e outros sentimentos tornam-se espetaculares, fora do comum e, segundo alguns comentários do senso comum, “coisa de louco”.

Para ilustrar essa discussão, cita-se Arbex Jr. (2002, p. 113): a mesma notícia pode ser veiculada de diferentes formas, dependendo do público e do meio de comunicação utilizado. A ilustração abaixo descreve essa situação da seguinte forma:

um jornal especializado em notícias econômicas poderá dar pouca importância a uma tragédia causada por uma enchente em um bairro de periferia, ao passo que um jornal sensacionalista dará pouca importância ao movimento na bolsa de valores em determinado dia. E, mesmo que um jornal sensacionalista resolva dar uma notícia sobre algum assunto “sério”, ela será lida pelo seu público de maneira muito distinta daquela empregada pelo público de um jornal tradicionalmente “respeitável”.

Arbex Jr. (op. cit.) faz uma crítica ao modelo utilizado pelos telejornais sensacionalistas, enfatizando a importância dada ao impacto da imagem, assim como ao ritmo da transmissão. Esse fato demonstra que a linguagem televisiva possui um modelo que objetiva a espetacularização das imagens, visando atrair o telespectador.

De acordo com Eco (apud ARBEX JR., op. cit., p. 114), “a comunicação de massa é, essencialmente, ambígua”. Nesse contexto, Arbex Jr. (op. cit., p. 114 - 115) segue expondo a seguinte idéia:

um dos desafios enfrentados diariamente pelos estrategistas da mídia consiste, precisamente, na elaboração de estratégias de sedução do telespectador, operando em um inevitável espaço de ambigüidade do fato comunicativo.

Ilustrando os aspectos descritos acima, citam-se as observações feitas pelo atleta Alexandre, estudante de Pós-graduação em Ciências Biológicas e participante da EMA 2000: a mídia faz um sensacionalismo ao se referir aos esportes de aventura.

[...] Não gosto de chamar de esportes de aventura, de coisa radical, eu acho que isso é muito *marketing*. Eu chamo de esportes *outdoor*, é um esporte externo, *outdoor* é aquela coisinha meio americanizada, mais é muito mais isso do que você falar esporte de aventura, esportes radicais. Eu não curto essa conotação que leva esses esportes, “radical”, “super adrenalina”. Isso parece um pouco tentativa de suicídio, isso é uma vacilada da galera chamar, é uma chamada sensacionalista que está ligado a mídia [...] veja o que a televisão mostra: a menina com o pé todo cheio de bolhas, continuou durante cinco dias, e só aparece gente machucada ou sofrendo, é muito sensacionalismo.

O atleta Marcos, participante da EMA 2000 e 2001, ilustra esse sensacionalismo da seguinte forma:

as corridas de aventura são o negócio mais sensacionalista que existe [...] a mídia coloca como se fosse uma atividade de uns caras loucos, sempre dando uma ênfase para a loucura nessas atividades, enfatizando que o negócio é uma corrida que gente doida faz, mas você não precisa ser um cara muito louco para correr, ser largado ou, alucinado. Apenas você tem que gostar de fazer coisas diferentes, mas não é uma parcela muito pequena que gostaria de correr. Muita gente que faz esporte, que curte natureza gostaria de correr, não é um esporte para gente louca [...] ao mesmo tempo eles querem vender equipamentos de aventura, então eles veiculam uma imagem paradoxal. Por um lado mostram como se fosse atividade de gente louca, mas por outro lado eles querem mostrar que é uma coisa que você também pode fazer, porque eles querem usar aquilo lá para vender !.

Observando esses discursos, pode-se perceber, na mídia televisiva, uma veiculação de imagens fragmentadas, organizadas e encadeadas de forma espetacular, segundo a percepção e vontade do editor responsável. Geralmente vai ao ar o que o editor acha “chamativo”, para atrair a atenção do telespectador. Na edição, a TV recorta, seleciona e resume as informações e imagens. A própria linguagem da TV, veloz, impede uma abordagem mais minuciosa dos conflitos.

Essas idéias são compartilhadas por Betti (1998, p. 34), quando faz uma observação sobre a fragmentação e distorção dos fenômenos esportivos expostos pela TV:

a televisão seleciona imagens esportivas e as interpreta para nós, propões um certo “modelo” do que é “esporte” e ser “esportista”. Mas, sobretudo, fornece ao telespectador a ilusão de estar em contato perceptivo direto com a realidade, como se estivesse olhando através de uma janela de vidro.

Esse tipo de exposição, característico do atual modelo de televisão demonstra haver uma formatação específica para atrair audiência e criar um vínculo entre o telespectador e o programa exibido.

Essa especificidade dos programas é apontada por Betti (op. cit.), a partir do surgimento do esporte telespetáculo, construído pela televisão para um público não presente nos locais onde

as atividades são realizadas. Esses produtos trazem novas implicações para a Sociologia do Esporte e do Lazer, porque há diferenças na experiência de assistir ao esporte como testemunha corporalmente presente, nos estádios e nas quadras, e pela televisão, em casa, confortavelmente sentado no sofá.

Essas idéias ressaltam que, para além de assistir aos programas esportivos, os telespectadores interagem com os mesmos, causando uma sensação fictícia de participação, caracterizada pela “virtualidade” deste ato de compartilhar os fenômenos esportivos. Para ilustrar essa idéia, pode-se observar a transmissão televisiva dos jogos de futebol, durante a qual os telespectadores emitem opiniões e sugestões sobre o andamento da partida, dando a impressão de estarem participando e interagindo com os atletas que estão em campo.

Essa forma de participação “fictícia” remete a um pensamento elaborado por Thompson (2001, p. 118), segundo o qual a mensagem televisiva apresenta uma característica muito peculiar semelhante à co-presença<sup>44</sup>, mas não se reduzindo a ela. As imagens televisivas são visíveis, em escala global, por milhares de pessoas. Nesse sentido, o autor resalta esse tipo de mensagem televisiva (co-presença) criando um encurtamento fictício das distâncias entre o telespectador e o emissor da mensagem. “O campo televisivo é, obviamente, muito mais extenso em alcance, permitindo aos indivíduos assistirem a fenômenos que acontecem em contextos muito distantes”.

Considerando a extensão e o alcance das informações e imagens veiculadas pela televisão, percebe-se o telespetáculo esportivo como possuidor de diferentes interpretações que variam de acordo com os telespectadores.

Thompson (op. cit., p. 44) considera importante a forma como a recepção dos produtos da mídia é realizada. Se se adota um processo hermenêutico de interpretação desses produtos, há

---

<sup>44</sup> Segundo Thompson (2001) co-presença pode ser entendida como uma comunicação em que há um encontro face-a-face entre o emissor e receptor da mensagem.

possibilidades de transcender a visão simplista de meros receptores, pois, a partir desse processo interpretativo, pode-se construir uma compreensão elaborada a partir de uma visão crítica sobre os fenômenos abordados. O autor utiliza-se das idéias de Gadamer para dizer que “a interpretação não é uma atividade sem pressupostos: é um processo ativo e criativo no qual o intérprete inclui uma série de conjecturas e expectativas para apoiar a mensagem que ele procura entender”.

Para ilustrar essa discussão relacionada à formatação do telespetáculo esportivo, remete-se ao modelo adotado pela organização da EMA, no que se refere à gravação dos vídeos promocionais, produzidos no decorrer das corridas. É enfatizado um tipo de produção artística, buscando um aprimoramento e um refinamento da qualidade das imagens, ressaltando determinadas características eleitas de acordo com os interesses dos produtores.

Ao assistir a esses vídeos, fica explícita a evolução gráfica utilizada na edição das imagens. As três primeiras edições da EMA (1998, 1999, 2000) foram produzidas em fitas magnéticas. Já o vídeo promocional da EMA Amazônia 2001 foi editado em Cd-rom, totalmente digitalizado. Observando essa transformação, fica clara a preocupação dos organizadores com relação à qualidade do material promocional veiculado por meio dessas produções. Também vale destacar o diferencial presente na última edição (Cd-rom), pois utilizou-se da língua inglesa como meio de comunicação, enfatizando atingir um público internacional e/ou pessoas de um nível cultural, que compreendessem a língua inglesa. Esse fato denotou uma espécie de seletividade quanto ao público alvo desse teleespetáculo.

Outro aspecto merecedor de destaque está relacionado ao conteúdo desses materiais promocionais. Em todas as edições foi privilegiada a exploração de imagens contendo paisagens de grande apelo estético (mar, florestas, rios), enfatizando a “natureza” como cenário para a prática dos esportes de aventura (*mountain bike*, rapel, *rafting e trekking*).

Fica explícita a intenção dessas produções de “mercantilizar a natureza”, transformando-a numa espécie de produto a ser consumido por um determinado grupo de pessoas. Esse “consumo da natureza” estaria condicionado à exploração do ecoturismo. Dessa forma, além de um esporte teleespetáculo disponível para ser consumido por uma “seleta audiência”, essas produções artísticas também serviriam como fonte de propaganda para difundir a “natureza brasileira”.

O esporte teleespetáculo está inserido num âmbito social mais amplo, caracterizado pela diversidade cultural, e de amplitude relacionada ao alcance desses fenômenos. Nesse sentido, pode-se perceber, a partir do chamado processo de globalização, uma tendência de homogeneizar os conteúdos apropriados e disseminados pela cultura de massa. Essas transformações podem ser compreendidas como fruto do desenvolvimento capitalista, pois há um redimensionamento operado pela reestruturação dos fenômenos sociais.

Debord (1997, p. 14-30) diz que a sociedade de consumo tornou-se “sociedade do espetáculo” porque a cultura de massa proporcionou a multiplicação dos signos, símbolos, imagens e conceitos construídos nesse ambiente. Nesse contexto, a vida real torna-se uma espécie de eterna contemplação, uma sensação permanente de aventura, *glamour* e felicidade. Isto acontece em razão do extremo fetichismo das mercadorias, pois, nessa sociedade, a vida é compreendida a partir do consumo (o “ser” existencial é compreendido a partir da possibilidade de “ter” – felicidade significa poder consumir).

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada pela imagem [...] O espetáculo não pode ser compreendido como o abuso de um mundo de visão, o produto das técnicas de difusão maciça de imagens. Ele é *Westanschauung* que se tornou efetiva, materialmente traduzida. É uma visão de mundo que se objetivou [...] O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social. Não apenas a relação com a mercadoria é visível, mas não se consegue ver nada além dela: o mundo que se vê é o seu mundo.

Essa espetacularização da vida e o fetichismo das mercadorias enriquecem o mercado. Fica evidente que, na atualidade, está havendo uma grande popularização das atividades físicas realizadas na natureza.

Pode-se encontrar, no mercado, diversas opções de materiais informativos e produtos (desde calçados projetados para caminhadas em montanhas, motos que proporcionam a “liberdade”, até carros *off-roads* prometendo levar o consumidor ao “limite”) especializados em aventura. Em razão da aceleração tecnológica encontrada na atual sociedade, as mercadorias e tecnologias se tornam obsoletas e descartáveis numa velocidade muito rápida. Além disso, percebe-se o surgimento de muitos produtos, atitudes e ações relacionadas a imagens e signos criados pelo sistema capitalista para suprir uma demanda sempre em ascensão. O sistema capitalista cria novas formas de incorporar determinadas esferas da vida que ainda não foram “colonizadas” pela produção.

De acordo com o depoimento do atleta Alexandre, estudante de Pós-graduação em Ciências Biológicas e participante da EMA 2000, os esportes de aventura e, conseqüentemente, as corridas de aventura, seriam apenas produtos à disposição do mercado e, no momento em que a demanda por esses produtos tornar-se saturada, eles serão substituídos por outras novas atividades criadas e incorporadas pelo mercado.

Segundo Harvey (1998, p. 258), a questão do obsoletismo está inserida na forma como a atual sociedade capitalista está estruturada:

a idéia de descartabilidade supera a questão material. Isto significa mais do que jogar fora bens produzidos; significa também ser capaz de atirar fora valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego a coisas, edifícios, lugares, pessoas e modos adquiridos de agir e ser.

De acordo com essas idéias, viver-se-ia condicionado sempre em busca de algo novo, com uma eterna busca por novidades que satisfizessem necessidades de consumo. Porém não seria

possível reduzir o homem num simples consumidor, pois isso significaria empobrecer a própria humanidade.



## **CAPITULO III – O ambiente e as corridas de aventura.**

### **3.1 - Os projetos sócio-ambientais desenvolvidos pela EMA.**

De acordo com a Expedição Mata Atlântica (2002, a), a corrida de aventura é um evento que interage com o ambiente por meio da busca pela criação de respeito entre o homem e o ambiente e da construção de um sentido do conceito de natureza, procurando aproximar o homem de si mesmo e do meio que o cerca, enfatizando a importância dos ambientes naturais e das atividades neles desenvolvidas.

Os projetos sociais desenvolvidos pela EMA não se restringem apenas aos atletas que dela participam, mas, sim, procuram minimamente compartilhar ações sociais com as comunidades que ocupam o entorno das áreas utilizadas para a realização da competição.

Segundo a Expedição Mata Atlântica (2002, a) os projetos sócio-ambientais têm como objetivo alertar e informar sobre diversos temas (saúde e educação ambiental, entre outros) colaboradores de toda a sorte e, principalmente, as comunidades próximas ao percurso da prova. Os projetos desenvolvidos a cada evento, dependem das características da região e são definidos de acordo com as necessidades dos moradores encontrados durante o levantamento do percurso.

À primeira vista, esse discurso parece ter um sentido positivo, porque expõe idéias relacionadas à preservação ambiental e uma preocupação com as comunidades que vivem no entorno das corridas. Porém, observando os comportamentos dos organizadores e competidores no momento da corrida, percebe-se que esse discurso, na realidade, torna-se superficial, pois, como ressalta Uvinha (2003), o contato do praticante com o local da prova gera impactos

negativos nos ambientes<sup>45</sup>. Outra observação feita pelo autor se refere ao contato do praticante com o residente local, indicando que essa relação ficou caracterizada pela transitoriedade, num relacionamento bastante superficial.

### **3.2 - Histórico dos projetos sócio-ambientais realizados pelos atletas participantes da EMA.**

#### **EMA Ilha Bela – Caraguatatuba 1998.**

As equipes tiveram que limpar as trilhas por onde passaram nos Parques Estaduais da Serra do Mar - Núcleo Caraguatatuba e Ilha Bela. A organização forneceu equipamentos de infraestrutura como: rádios HT para comunicação e mapas atualizados.

#### **EMA Petar – 1999.**

As equipes participantes da EMA 99 deveriam, no ato da inscrição, apresentar um projeto sócio-ambiental para ser implantado em regiões vizinhas e reservas ambientais. Este projeto, em forma de texto, deveria apresentar sugestões para o desenvolvimento auto-sustentável, recuperação ou revitalização das áreas e/ou comunidades nas proximidades de reservas florestais, comprometer-se a colaborar voluntariamente em um trabalho de campo implementado na região envolvida, realizado em data anterior ao início da prova. Um ou mais trabalhos apresentados foram selecionados pela organização, juntamente com o Instituto Florestal. A finalidade deste

---

<sup>45</sup> Análises feitas a partir da observação de uma etapa da mini EMA, realizada na vila de Paranapiacaba, sub-distrito do município de Santo André (SP) em 2002.

projeto era melhorar as condições de vida das comunidades que ocupavam regiões de interesse ambiental.

### **EMA Parati – Ubatuba – 2000.**

Segundo a organização da prova, as seguintes doações foram realizadas: foram produzidos cerca de 30.000 *folders* e cartazes para divulgação dos parques envolvidos. Houve uma doação de equipamentos para controle nos parques (ex.: GPS, rádio HT); doação de equipamentos de segurança e primeiros socorros (ex.: macas e ataduras); doação de cobertores, capas de chuva e botas (galochas) para as comunidades isoladas da região; doação de material escolar (ex.: cadernos, lápis, canetas, borrachas).

As 33 equipes que participaram da EMA 2000 tiveram que executar dois projetos:

- 1- Limpeza de, aproximadamente, 50km de uma estrada no interior de um dos parques;
- 2- Doação de, ao menos, 30 kg de material escolar ou medicamentos.

### **EMA Amazônia – 2001.**

Nesta edição da EMA cada equipe teve que fazer a seguinte doação:

- 4 caixas, com 6 comprimidos cada, de MEBENDAZOL 100mg.
- 3 frascos, de 15ml cada, de PARACETAMOL 200mg/ml gotas.
- 1 caixa com 30 comprimidos de CAPTOPRIL 25mg.
- 3 frascos, de 20ml cada, de DIPIRONA sódica 500mg/ml.
- 1 caixa com 15 cápsulas de AMOXILINA 500mg.

- 2 caixas, com 20 comprimidos cada, de SULFAMETOXAZOL 800mg + TRIMETROPRIMA 160mg.

Também foi realizada uma palestra sobre a importância da conscientização sobre coleta seletiva de lixo para a comunidade, professores e alunos do Ensino Fundamental das escolas da comunidade de Alter-do-Chão (PA).

### **3.3 - Algumas considerações sobre o projeto sócio-ambiental desenvolvido pela EMA.**

Pode-se observar que há um interesse efetivo, por parte dos organizadores da Expedição Mata Atlântica, em realizar um projeto de cunho social que possibilite um auxílio às comunidades e entidades envolvidas com as corridas de aventura. São projetos de pequeno porte, de caráter assistencialista, porém são iniciativas que possuem um mínimo de responsabilidade social para com as comunidades que ainda ocupam áreas de preservação.

Há tempos o Estado deixou de lado suas obrigações sociais e, por isso, essas comunidades que ainda sobrevivem em locais de difícil acesso sofrem com a escassez de recursos. Diante dessa situação de escassez, são bem-vindas as iniciativas de auxílio organizadas por entidades não-governamentais porque minimizam, mesmo que temporariamente, as deficiências encontradas nessas comunidades.

Para os atletas participantes da EMA os projetos desenvolvidos pela organização da corrida possuem uma característica assistencialista, pois apenas doam mantimentos, medicamentos ou equipamentos para as comunidades que ocupam as áreas nas quais as corridas se realizam. Eles consideram importante, pois este tipo de ação social visa minimizar a carência das comunidades.

De acordo com as declarações da atleta Karina, estudante de Educação Física, participante da EMA 2000 e 2001, os projetos ajudam as pessoas, porém não resolvem problemas maiores dessas comunidades.

Segundo Elza, a EMA possui uma responsabilidade social, preocupando-se com a conscientização ambiental e com a conservação do meio ambiente. O discurso do projeto sócio-ambiental da EMA possui caráter assistencialista, pois revela-se mais como uma “jogada de *marketing*” para atrair público e para criar uma imagem purista sobre a EMA, do que como um comprometimento com projetos sociais que possibilitem mudanças nas comunidades carentes.

Segundo Diegues (1996), em “O Mito Moderno da Natureza Intocada”, algumas posturas radicais dos chamados “defensores do meio ambiente” não reconhecem a participação das comunidades tradicionais na questão da conservação ambiental. Segundo esse autor, existem áreas onde os homens atribuem significados míticos à natureza.

Os caiçaras e as populações ribeirinhas da Amazônia que ainda resistem em seus locais de origem, sobrevivem a duras penas, com a escassez material e a falta de infra-estrutura. Observa-se uma elevada desigualdade social quando se compara os atletas de corridas de aventura e os moradores das áreas utilizadas para a realização das corridas de aventura. Nesse sentido, Alexandre, estudante de Pós-graduação em Ciências Biológicas e participante da EMA 2000, questiona o que as corridas de aventura acrescentam para as comunidades locais:

O que você acha ao ver chegar uns 40 carros dos mais “*top*” que existem, “*Pajero*”, “*Land Rover*”, numa vilinha sem a mínima infraestrutura? Os pescadores tomam na cabeça para conseguir um barquinho para trabalhar, aí o cara vem com aqueles carrões. As bicicletas que os atletas usam valem três vezes o valor do barco dos pescadores.

Pode-se analisar as corridas de aventura com seus atletas utilizando equipamentos de última geração e gastando uma grande quantia financeira para realizar esse tipo de atividade

causando transtornos para as comunidades e/ou famílias que resistem e sobrevivem em locais onde os “aventureiros” passam em busca de aventura, pois o contraste entre o moderno e o arcaico é notório. Um sentido negativo manifesta-se através de uma grande desigualdade em relação ao acesso e à distribuição das tecnologias modernas.

Dessa forma, essas comunidades que se tornaram excluídas pela cultura do consumo, têm grandes dificuldades para sobreviver frente à lógica capitalista. Os espaços naturais onde ainda sobrevivem essas comunidades tradicionais são transformados em produtos e mercadorias, comercializados nos grandes centros urbanos por meio das atividades de aventura e do ecoturismo.

De acordo com Mascarenhas (2003), na atualidade visualizam-se diversas manifestações de consumo, relacionadas aos conteúdos simbólicos da natureza. Nesse sentido, o autor aponta o crescimento de um segmento turístico (ecoturismo) que está construindo um discurso pautado na sustentabilidade, mas que, em muitos casos, revela-se apenas como uma “jogada de *marketing*”.

A cultura de massa, a cada dia, aumenta seus territórios de ocupação, invadindo, aos poucos, espaços restantes das culturas tradicionais. Essa invasão se dá a partir de diferentes formas e, como exemplo, podem-se citar o ecoturismo e os esportes de aventura. O desenvolvimento dessas atividades está atrelado à incorporação de novos espaços e, conseqüentemente, interferem nas comunidades locais.

A utilização dos espaços naturais para a prática do ecoturismo denota a possibilidade de uma reaproximação do homem com a natureza. Isso demonstra que, apesar de a grande maioria dos indivíduos estar vivendo em ambiente urbano, há indícios de um retorno à natureza. Porém, salienta-se que esse “retorno” muitas vezes se dá a partir de uma visão funcionalista que reduz o significado de natureza apenas a um espaço onde podemos vivenciar momentos de descontração e lazer.

Transcendendo essa visão reducionista estão as questões mitológicas evidenciando que, para além dos aspectos materiais, a natureza possui um significado mítico e sagrado para a humanidade.

### **3.4 - O espaço que possibilita a realização das corridas de aventura: a aventura, “o mito do herói” e a representação mítica da natureza<sup>46</sup>.**

Os escritos de Durand (1988) ressaltam a importância contida na imaginação simbólica, que representa um fator de equilíbrio biológico, psíquico e sociológico. O autor expõe que existem duas formas de a consciência representar o mundo. Uma, direta, segundo a qual o objeto parece estar presente na própria consciência, como na percepção ou na simples sensação. A outra, indireta, em que o objeto não se doa à consciência, pois não está presente “em carne e osso”. Como exemplo, citam-se a imaginação de algo, ou as lembranças de algum acontecimento do passado. O objeto que não está acessível à percepção e aos sentidos “é representado por um signo eternamente privado do significado, e veremos que esse signo longínquo nada mais é do que o símbolo” (p. 12). O símbolo é a representação de algum significado acessível à imaginação, mas não é passível de ser reduzido apenas a uma descrição lingüística.

Durand (1988, p. 14) se apóia nas idéias de Jung definindo o símbolo como “a melhor figura possível de uma coisa relativamente desconhecida que não se saberia logo designar de modo mais claro ou característico”. Segundo Durand (op. cit., p. 19) o simbolismo se relaciona ao não-sensível, ao inconsciente, metafísico ou ao supra-real, pois é difícil perceber as “coisas ausentes” ou que “não enxergamos”. O símbolo “tem valor para si próprio”, pois ele nos remete a

---

<sup>46</sup> Da Silveira (1996) diz que os mitólogos modernos vêm no mito a expressão de formas de vida, de estruturas de existência, ou seja, de modelos que permitem ao homem inserir-se na realidade. São modelos exemplares de todas as atividades humanas significativas.

uma representação concreta, admitindo um valor abstrato que não pode ser confirmado pela percepção.

O símbolo enquanto signo que remete a um indizível e invisível significado, sendo assim obrigado a encarnar concretamente essa adequação que lhe escapa, pelo jogo das redundâncias míticas, rituais, iconográficas que corrigem e completam inesgotavelmente a inadequação.

O símbolo conduz a um conhecimento que jamais poderá atingir a objetividade científica, dado o seu significado imerso na imagem representativa, apreendida numa subjetividade mergulhada no simbolismo. Nesse sentido, evidencia-se que, nos mitos, a subjetividade sofre influências sócio-culturais.

Para Crippa (1975, p. 35) os mitos não são uma forma simbólica, mas, sim, o campo onde surgem as formas simbólicas. O arquétipo ou uma proto-forma seria uma forma possível de conceber o mito. “Somente a partir da Literatura e da Filosofia, que separam o mundo aparente do mundo real, tornou-se possível reduzir o mito a uma forma simbólica”. Antes da reflexão especulativa, há um encontro direto e emocional com o mundo e a realidade. Dessa forma, a apreensão da experiência mítica antecipa a reflexão sobre esse momento. A experiência mítica não desapareceu, e os mitos sobrevivem diante do progresso da reflexão e da razão teórica:

ainda hoje podemos ver as coisas de maneira direta, imediata, emocional e profundamente simpática, tomando parte nos sentimentos e emoções da vida cotidiana (p. 37).

O autor prossegue dizendo que o mito é uma manifestação de uma totalidade indefinível. As definições apenas justificam-se enquanto tentativas de aproximação visando o esclarecimento de uma realidade fundamental que deseja compreender.

As questões mitológicas (desde a Grécia Antiga até a atualidade) sempre estiveram presentes nas pesquisas históricas (mitopoeta – Joseph Campbell), psicológicas (arquétipos –



inconsciente coletivo – Carl G. Yung), ou antropológicas (A estrutura dos mitos – Claude Lévi-Strauss). Esses são apenas alguns exemplos para ilustrar o interesse nos estudos sobre o mito.

Os mitos podem ser entendidos como um ingrediente vital para os humanos, representando uma realidade viva e carregada de significados.

Neste estudo, vale salientar que se privilegiam duas abordagens sobre os mitos: uma primeira relacionada à concepção mitológica de Joseph Campbell, e a segunda relacionada à compreensão Jungiana sobre o tema.

Patai (1974) diz que os estudos mitológicos de Campbell estavam voltados para a história das religiões do homem primitivo, oriental, ocidental, antigo e contemporâneo. Campbell é consagrado pelos seus estudos sobre o mito do herói”. Suas pesquisas tinham por objetivo tentar

compor num quadro só, as novas perspectivas que se abriram nos campos do simbolismo, da religião, da mitologia e da filosofia comparadas pela erudição dos últimos anos (CAMPBELL apud PATAI, 1972, p. 60 – 61).

Jung (1964) constrói uma simbologia relacionada aos temas mitológicos. Os mitos formariam os “arquetipos”<sup>47</sup> que se manifestam no inconsciente<sup>48</sup> tanto individual, quanto coletivo. Essas manifestações estariam contidas nos sonhos e, por meio deles, poderíamos ter acesso a esse material que emerge do inconsciente.

Um colaborador de Jung, chamado Joseph L. Handerson (1964, p. 110 - 112), diz que, tanto nos mitos antigos (Grécia e Roma), quanto nos homens modernos podemos perceber a manifestação do mito do herói. Esse mito é o mais conhecido em todo mundo. O mito do herói

tem um poder de sedução dramática e flagrante e, apesar de menos aparente, uma importância psicológica profunda [...] é atribuição essencial do mito heróico

---

<sup>47</sup> De acordo com Jung (1964), os arquetipos seriam energias psíquicas que inspiram e influenciam os comportamentos e as idéias. São grandes modelos de expressão que estruturam imagens contidas nas artes, na literatura e outras manifestações culturais.

<sup>48</sup> Jung (1964, p. 32 – 37) ressalta a importância do inconsciente dizendo que uma parte deste, “consiste numa profusão de pensamentos, imagens e impressões provisoriamente ocultos, apesar de terem sido perdidos, continuam a influenciar nossas mentes conscientes [...] o inconsciente não é apenas um simples depósito do passado, mas está também cheio de germes de idéias e de situações psíquicas futuras”.

desenvolver no indivíduo a consciência do ego – o conhecimento de suas próprias forças e fraquezas – de maneira a deixá-lo preparado para as difíceis tarefas que a vida lhe há de impor.

Da Silveira (1996, p. 140) explora as concepções de Jung e utiliza-se do mito do dragão-baleia para exemplificar a aventura do herói numa batalha de vida ou morte. De acordo com a autora

o herói, respondendo ao apelo da aventura, desvincula-se dos laços da família e das rotinas fáceis da vida cotidiana. Enfrenta perigos terríveis. Acaba sendo devorado por uma baleia monstruosa, o que significa mergulhar no inconsciente, no mundo ardente dos desejos, das emoções, dos instintos, onde coexiste toda sorte de escórias junto a valores preciosos. Aí dentro ele faz ‘a travessia marítima noturna’. A saída do herói através da goela da baleia simboliza sua libertação das trevas da inconsciência. Ele consegue escapar do redemoinho dos desejos e das emoções. Poderá tomar alguma distância dos tumultuosos acontecimentos que antes o arrastavam como um autômato. Pensa, raciocina, renasce num nível superior de consciência. O mito encarna o ideal de todo ser humano: a conquista da própria individualidade.

Pode-se encontrar a manifestação do arquétipo do mito do herói nos atletas da atualidade. Essa manifestação mitológica pode ser observada desde a antiguidade, até os dias de hoje, nos esportes modernos. Nesse sentido, muitos atletas já incorporaram esse mito.

Crippa (1975) diz que há uma consciência mítica que sobrevive no tempo e antecipa todas as formas de consciência, pois os eventos míticos possuem uma atemporalidade. Dessa forma, diz-se que as questões mitológicas “atravessam o tempo” sem perder sua força e significado.

Rubio (2001) enfatiza que o imaginário esportivo contemporâneo está repleto de exemplos de atletas que vivenciaram, ou vivenciam o mito do herói<sup>49</sup>.

O herói é aquele que consegue realizar algum feito que um ser humano “comum” não conseguiria. Nos esportes de rendimento isso se torna visível no decorrer da carreira esportiva: muitos atletas saem do anonimato e ocupam um lugar na mídia e no imaginário coletivo de acordo com suas realizações. Essa ascensão está condicionada aos resultados que o atleta obtém.

---

<sup>49</sup> Como exemplo, a autora cita uma série de atletas que vivenciaram essa mitificação: Adhemar Ferreira, Zico, Ayrton Senna, Pelé.

Quanto maiores forem os resultados (medalhas de ouro, quebra de recordes, troféus, títulos, entre outros), maior será sua aparição no meio esportivo e na sociedade como um todo.

Rubio (op. cit.) indica que a construção desses mitos é facilitada pela espetacularização do esporte. A mídia de massa seria responsável pela divulgação das imagens sobre essas personalidades que ocupam o cenário esportivo nacional e internacional.

Helal (apud RUBIO, op. cit., p. 97) diz que

um fenômeno de massa como o esporte não consegue se sustentar por muito tempo sem a presença de “heróis”, “estrelas” ou “ídolos”, uma vez que eles levam as pessoas a se identificarem com aquele evento.

Na atualidade, as corridas de aventura representam uma nova categoria de competição esportiva em que emergem diferentes tipos de imagens sobre os atletas que participam destas atividades. Nessas competições, os participantes se vêem diante de uma série de desafios que exigem elevado empenho e sacrifício para supera-las. Dessa forma, evidencia-se que, ao enfrentar tais desafios, os atletas incorporam o mito do herói, pois há uma série de provas que têm que realizar para chegar ao objetivo final.

Esses desafios constituem-se num “ritual de passagem” em que os atletas percorrem um caminho até finalizar sua trajetória realizando o feito heróico (neste caso, a finalização da prova). Nesse sentido, a EMA pode ser entendida como uma odisséia heróica, visto que exige o sacrifício para superar os obstáculos, caracterizando a ascensão do herói alcançando o local sagrado e místico. O “impossível” é atingido apenas pelos deuses. Dessa forma, os atletas se aproximam destas entidades por realizarem feitos heróicos.

Esse exemplo demonstra que o ritual precede o mito, pois, para incorporar o mito do herói, o atleta tem que se submeter ao ritual que se finaliza na imagem do mito heróico.

De acordo com Patai (1974), alguns mitólogos (Gilbert Murray e A. B. Cook, entre outros) formam a escola do mito e do ritual. Esses pesquisadores afirmam que os rituais têm fortes ligações com os mitos. Nesse sentido, dizem que os ritos dão origem aos mitos.

Cabe ressaltar que, no processo ritual, há a construção de imagens relacionando o rito ao mito. Nas corridas de aventura, as imagens que os atletas e os telespectadores formam se aproximam do homem “aventureiro”.

A aventura parece ser um signo muito difundido em nosso cotidiano, possuindo um elevado valor simbólico no imaginário social.

Na atualidade, o adjetivo “aventureiro” está relacionado a um estilo de vida que denota um sentido de liberdade para o sujeito que vivencia a aventura. Esta liberdade estaria condicionada à exceção da lógica do cotidiano, buscando novas vivências, principalmente em contato mais próximo com a natureza na sua forma original, com poucas modificações feitas pelo homem. Nesse contexto, o sujeito incorpora o papel de aventureiro.

As declarações do atleta Marcos, participante da EMA 2000 e 2001, apontam para a saída do cotidiano buscando vivenciar situações que possibilitem novas emoções, pois o dia-a-dia é caracterizado como rotineiro e “pasteurizado”. Ele diz que a aventura (corridas de aventura) é uma possibilidade de vivenciar a liberdade.

Costa (2000, p. 38), apoiando-se nas idéias de Zuckerman, diz que existe uma construção social do aventureiro.

São personalidades com pré-disposições biológicas para receber estímulos máximos, como pessoas que têm a necessidade de sensações e de experiências novas, complexas e variadas, e o desejo de correr riscos físicos e sociais por prazer; e visto por outros membros da sociedade como excêntricos, como loucos, eles vão construindo a identidade de ca e emoções, da ausência de comprometimento com qualquer situação e da prevalência da sensação de imortalidade.

Ainda segundo a autora, a aventura pode ser entendida como uma “arte de viver”, pois o aventureiro possui características singulares que o diferenciam dos demais indivíduos na sociedade.

Aventurar-se é, acima de tudo, viver situações em que o risco e a imprevisibilidade estão presentes; é o desafio do auto-conhecimento e da transcendência dos próprios limites em busca de um desenvolvimento pessoal, uma vez que exige coragem e audácia para superar os obstáculos.

A aventura está ligada ao “mundano”: nesse sentido, ela significa a possibilidade de um “renascimento”, uma “ressignificação” da corporeidade e da subjetividade num contato mais íntimo com a própria existência.

As sensações experimentadas durante os momentos de aventura provocam uma satisfação interior e instigam o sujeito a compreender seus próprios limites, medos, inseguranças, prazeres e outros sentimentos possivelmente experimentados nesses momentos. Assim, as corridas de aventura representam uma possibilidade para os sujeitos estarem vivenciaram situações de aventura.

Simmel (1988, p. 14) explora o sentido de aventura dizendo que, fora do contexto que caracteriza o cotidiano, ocorre a possibilidade da aventura em novos contextos.

O que caracteriza o conceito de aventura e o distingue de todos os fragmentos da vida [...] é o fato de que algo isolado e acidental possa responder a uma necessidade e abrigar um sentido. Algo assim somente se converte em aventura quando entra em jogo essa dupla interpretação: que uma configuração claramente delimitada por um começo e um final incorpore, de alguma maneira, um sentido significativo e que, apesar de toda a sua acidentalidade, de toda a sua extraterritorialidade frente ao curso contínuo da vida, vincule-se com a essência e a determinação de seu portador em um sentido mais amplo, transcendente aos encadeamentos racionais da vida e com uma misteriosa necessidade.

Feixa (1995) apresenta uma visão funcionalista sobre os esportes de aventura, dizendo que as pessoas ao procurarem praticar atividades físicas em ambientes naturais, têm como objetivo

fugir da rotina dos grandes centros urbanos, realizando atividades que não façam parte do cotidiano e buscando uma reaproximação com os elementos da natureza.

Para refletir sobre o significado de aventura na Expedição Mata Atlântica (EMA), é preciso situá-la enquanto possibilidade de ocupação dos espaços naturais. Essas competições privilegiam ambientes que sofreram poucas modificações causadas pelas ações humanas.

Os organizadores da prova procuram locais de difícil acesso, onde haja poucas atividades humanas. Dessa forma, os locais escolhidos para a realização das corridas visam a um rompimento com a imagem dos ambientes urbanos, artificiais, controlados e demarcados.

Essa busca pelos locais de difícil acesso está ligada à imagem de aventureiro, de desbravador dos competidores e, conseqüentemente, faz com que os sujeitos evidenciem um sentimento de liberdade (rompimento com o cotidiano) expresso nessas vivências.

Nas corridas de aventura, a natureza é entendida como um pano de fundo em que se desenrolam diversas atividades. De acordo com Marinho (1999), a natureza ficou reduzida a um cenário teatral à frente do qual os protagonistas se empurram para seus limites físicos. Na esteira de Vanreusel, segundo Marinho,

a natureza tornou-se metáfora para os obstáculos e dificuldades que ocorrem na “vida real”, representando, com essa definição, a superação de limites ou lições de vida para indivíduos ou grupos, através da prática esportiva (p. 37).

Há uma reificação da natureza enquanto espaço de celebração e contemplação da vida. Dessa forma, a mitificação da natureza está presente na simbologia construída pelos atletas da EMA.

A contemplação da beleza estética está presente nos discursos dos atletas. Há uma valorização das paisagens. Nos vídeos produzidos pelos organizadores da EMA, são mostrados, com grande ênfase, a beleza das paisagens naturais, a floresta, os rios, o mar, a fauna e a flora.

Olha! Esse lugar é maravilhoso! Eu vim aqui para ver coisas bonitas! [Observação feita por uma atleta (não identificada) participante da EMA Amazônia 2001].

Outro atleta (não identificado), participante da EMA Parati – Ubatuba 2000, diz:

A paisagem é impressionante! O mar, os rios, a floresta, uma pequena prainha em Parati. Teve lugares que a gente passou que a memória parecia uma câmara fotográfica digital! Registrava tudo!

Buscando refletir sobre a beleza estética das paisagens naturais, Ribon (1991, p. 27–29) diz que “o que nos emociona na beleza natural é a consciência confusa de que haveria entre o espírito e a natureza não estranheza ou separação radicais, mas uma secreta convivência”. O autor prossegue dizendo que o prazer relacionado a esse tipo de contemplação é desinteressado, desligado de qualquer interesse prático ou utilitário, pois não possui outro objetivo senão aquele contido na apreensão sensível do objeto contemplado.

Assim, quando julgamos bela uma coisa, nunca é em razão do conceito dessa coisa ou de sua significação; a contemplação estética não visa nenhum conhecimento objetivo, isto é, o conhecimento que, num conceito, é determinado pela união da imaginação (a faculdade sensível) e do entendimento (a faculdade dos conceitos), dentro da qual aquela está submetida à jurisdição desta.

Fica evidente em alguns discursos a idéia de que a natureza é entendida como um “santuário sagrado”, dentro do qual os atletas tendem a procurar uma reaproximação dos elementos primordiais que constituem essa natureza (água, ar, céu, flora e fauna). A busca pela natureza revela-se como uma possível reconciliação entre o espírito e a materialidade, resgatando a harmonia nas relações do homem consigo mesmo (sua própria natureza) e com a natureza, evidenciando um misticismo.

Eliade (1989, p. 110) diz que o sagrado manifesta-se como uma força, um poder. Ele utiliza o termo hierofania<sup>50</sup> para indicar o ato da manifestação do sagrado. O autor afirma que, no

---

<sup>50</sup> De acordo com Eliade (1989, p. 110) o termo hierofania “não exprime nada mais que aquilo que está implícito no seu conteúdo etimológico, a saber, que qualquer coisa de sagrado nos é mostrada, nos é manifestada [...] Por

mundo ocidental, as pessoas têm dificuldades para compreender e aceitar determinadas manifestações do sagrado.

O ocidental moderno experimenta um certo mal-estar perante inúmeras formas de manifestação do sagrado: é-lhe difícil de aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa manifestar-se nas pedras ou nas árvores, por exemplo. Mas é preciso não esquecer que não se trata de uma veneração da pedra em si mesma, de um culto a árvore por si mesma; a pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas enquanto pedras e árvores, são-no justamente porque constituem 'hierofanias', porque <<mostram>> algo que já não é pedra nem árvore, mas sagrado, <<ganz andere>> .

Estar na natureza representa uma exceção à vida cotidiana dos grandes centros, criando a possibilidade de vivenciar os elementos naturais percebidos num processo de contemplação, provocando diversos sentimentos como o prazer, a emoção e a liberdade de estar num espaço onde esses sentimentos são vivenciados e compartilhados. Nesse contexto, a aventura pode ser entendida como um êxtase, um estado sublime, um gozo.

Esses momentos são percebidos como a concretização de algo para o qual a razão, muitas vezes, não possui explicação, pois o racionalismo inibe o sagrado. É como se houvesse uma harmonia e uma comunhão entre o ser e o cosmos, uma interação profunda entre os elementos naturais e a existência humana. Nesse sentido, a aventura é entendida como uma experiência sensível que aproxima o homem de si mesmo, num contexto de religiosidade, expresso num religamento.

Ao assistir ao vídeo da EMA 2000, observou-se a fala de uma atleta (não identificada) no decorrer da competição evidenciando as características descritas acima.

A prova é estonteante. Toda hora o pessoal ia à frente. Eu ficava para trás e olhava, olhava o céu, é muito lindo esse lugar. Ontem teve um momento lá que eu falei: gente esse é um momento sagrado, a gente entrou na mata muito escura fechada, muito fechada, daí a trilha, foi umas 4 horas de trilha e a gente chegou no final, era um rio muito grande, umas árvores grandes, o céu muito estrelado, a gente molhou a cabeça,

---

exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra, uma árvore [...] No plano da estrutura, encontramos-nos perante o mesmo ato misterioso: a manifestação de algo de <<totalmente diverso>> - de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – nos objetos que fazem parte integrante dele, enquanto <<natural>>, <<profano>>”.



bebeu água e eu falei: gente isso é uma dádiva de Deus.

De acordo com essas declarações, pode-se dizer que a mitificação da natureza e a sensação de estar em contato com alguma entidade superior (sagrada), fazem-se presentes nas vivências ocorridas no interior da Mata Atlântica.

Essas manifestações indicam que apesar de toda a descrença e desmistificação da natureza<sup>51</sup> encontradas na sociedade contemporânea (principalmente nos grandes centros urbanos), observa-se que há formas de resistência e uma busca por uma espiritualidade que estariam ligadas à contemplação da natureza. Nesse contexto, evidencia-se um significado sobre a natureza que transcende a idéia “objetivante e coisificante” que a fragmenta, buscando construir uma compreensão embasada no sentido de “*physis*” (totalidade), originado dos Gregos.

De acordo com Crippa (1975), o homem primitivo possuía uma consciência mítica e sagrada dentro de uma visão de conjunto através da qual compreendia a natureza na sua totalidade. Não havia dissociação entre Teologia, Ciência, Arte e Filosofia. Já o homem moderno (civilizado) compreende a natureza a partir de leis físicas que a decompõem e fragmentam, causando um reducionismo que tenta explicar os fenômenos a partir de uma visão objetiva (científica), amparada pela estabilidade das leis.

Buscando ultrapassar as fragmentações e construir uma compreensão de totalidade (mesmo que de forma precária), pode-se observar que alguns atletas em contato com a natureza

---

<sup>51</sup> Muitos autores (Jaspers, 1973; Japiassu, 1996, Morin, 1977) abordam e discutem a questão do desencantamento e da desmistificação da natureza. Se hoje o mundo está dessa forma (desencantado) é porque anteriormente ele era o contrário (encantado). O mundo encantado era povoado por mitos e outros seres misteriosos, mágicos e miraculosos que organizavam e regiam a vida na terra. O homem possuía uma concepção “encantada” do mundo, pois ele era regido apenas por imperativos religiosos, míticos e místicos. O desencantamento do mundo veio a partir do advento da Ciência Moderna (século XVIII). Com a criação da Física moderna, o mundo e a vida passam a serem concebidos a partir de uma visão mecanicista e determinista, privilegiando a experimentação e a medição, por meio do método científico racional cartesiano. Nesse sentido, o único conhecimento que tem valor é o conhecimento “objetivo racional” em que se manifesta toda uma estrutura hierárquica de poder. Segundo esse pensamento, o mundo desencantado não possui espaço para outros tipos de crenças (irracionais), pois agora ele é predominantemente habitado pela crença do desenvolvimento humano pela Ciência (racionalidade técnico-instrumental).

constroem um significado de pertencimento a algo maior (Cosmos), o que lembra Campbell (2002, p. 98), numa bela exposição sua sobre o mito da floresta:

Creio que é Cícero que diz que, ao penetrar num bosque alto e cerrado, a presença de uma deidade se manifesta a você. Há bosques sagrados por toda parte. Lembro-me de ter ido a uma floresta, quando menino, e ficar reverenciando uma árvore, uma enorme e velha árvore, enquanto pensava: ‘Ah, o que você conheceu, o que você tem sido!’ Acho que essa sensação da presença da criação é uma tendência básica do homem. Mas hoje vivemos em cidades. É tudo pedra e rocha, manipuladas por mãos humanas. Você vive outro tipo de realidade quando cresce lá fora, no meio da floresta, ao lado dos pequenos esquilos e das grandes corujas. Todas essas coisas estão ao seu redor como presenças, representam forças, poderes e possibilidades mágicas de vida, que, embora não sejam suas, fazem parte da vida e lhe franqueiam o caminho da vida. Então você descobre tudo isso ecoando em você, porque você é natureza. Quando um índio sioux apanha o cachimbo da paz, ele o empunha com o bocal apontando para o céu, para que o sol dê a primeira baforada. Em seguida ele o apontará nas quatro direções, sempre. Com a mente assim constituída, quando se dirige ao horizonte, ao mundo onde você está, você percebe que ocupa o seu lugar no mundo. É uma maneira diferente de viver.

Nessas reflexões, os escritos de Oliveira (2000) vêm como auxílio quando relata sobre o encontro entre o montanhista e a montanha, transcendendo a exploração do mundo físico e conhecido, tornando-se uma exploração do desconhecido, envolvendo nossas próprias almas e mentes.

Na natureza, sempre que deixar terreno conhecido e adentrar um novo lugar, haverá, junto a sentimentos de curiosidade e excitação, a presença do medo. É o medo ancestral do desconhecido, é também o seu primeiro laço com o mundo selvagem que penetra. O que estarás fazendo é explorando (BERRY apud OLIVEIRA, op. cit.: 114).

Essas manifestações do “inexplicável” constituem-se a partir de uma percepção mais intensa sobre os elementos (físicos, psicológicos e sociológicos) que compõem os significados da nossa existência. Nesse sentido, ao observar esses sentimentos vividos e compartilhados com seus pares, compreende-se um hedonismo muito valorizado por alguns indivíduos ou grupos específicos, que buscam vivenciar essas situações na atualidade.

O presente trabalho compartilha com Maffesoli (1998), a idéia existente em nossa sociedade de uma busca por um hedonismo vivenciado de diversas formas. As corridas de aventura representam uma possibilidade de vivenciar e compartilhar sentimentos, ações e

significados, buscando satisfação e realização interior.

Para além dos aspectos sensitivos e mitológicos, necessita-se refletir sobre as relações de poder que emergem a partir da incorporação dos ambientes naturais para a realização das corridas de aventura.

### **3.5 - Espaço e poder: um brevíssimo comentário.**

Refletir sobre os espaços nos quais as corridas de aventura ocorrem faz-se necessário, para compreender a dinâmica desses novos eventos esportivos que, a cada dia, têm sua popularidade aumentada.

Marinho (1999) aponta, em seus escritos, uma contradição entre a prática de esportes na natureza e o conceito de consciência ambiental. Há um possível conflito entre esporte e natureza. Nesse sentido, é pertinente e urgente uma abordagem crítica sobre o assunto, pois, com a intensificação dessas atividades, conseqüentemente surgirão impactos negativos.

É de fundamental importância o questionamento sobre os impactos ambientais gerados por esses tipos de atividades, principalmente quando são realizadas em áreas de conservação, como no caso das edições realizadas no Parque Estadual da Serra do Mar no Estado de São Paulo. De certa forma, a realização da Ema em áreas protegidas expressa uma contradição em relação aos projetos de recuperação e revitalização dessas áreas.

Mascarenhas (2003) elabora uma reflexão sobre os possíveis impactos sócio-ambientais gerados pelo turismo de aventura, enfatizando as contradições entre os discursos “ecologicamente corretos” pregados pelos agentes de ecoturismo, e as efetivas práticas de esportes na natureza. Ele ainda ressalta a dificuldade de realizar um monitoramento adequado sobre essas atividades, pois elas tendem a apresentar uma territorialidade provisória. Nas edições da EMA realizadas no

parque Estadual da Serra do Mar no Estado de São Paulo, os atletas tiveram que percorrer longos trajetos da área protegida por lei, nos quais não haviam trilhas demarcadas, e boa parte desse trajeto foi percorrido no meio da mata virgem.

Apenas um discurso dentre toda coleta de dados realizada nesta pesquisa questionou os impactos ambientais gerados pela competição. Apesar de, quantitativamente, um discurso ser irrelevante, qualitativamente seu conteúdo mostra-se como um diferencial entre os demais coletados. Dessa forma faz-se necessário mostrá-lo, no mínimo para alertar sobre a problemática envolvida.

[...] Eu tenho minhas duvidas se realmente o esporte não causa um forte impacto no ambiente, tanto um impacto social, quanto um impacto ambiental, eu não sei se eu reprovo, mais eu questiono a passagem de corridas muito grandes por áreas de reserva [...] eu questiono muito a questão da autoridade desse tipo de coisa, você entendeu? O cara lá (referindo-se ao diretor e organizador da prova) consegue ter um poder de quebrar todo um esquema de uma reserva por causa de uma corrida! Eu não sei bem como o cara consegue esse tipo de coisa (Alexandre, estudante de Pós-graduação em Ciências Biológicas e participante da EMA 2000).

Esse atleta questiona o poder dos organizadores da prova em relação ao acesso às áreas de proteção ambiental. A questão central é: como os organizadores da prova conseguiram autorização para utilizar e ocupar as áreas do Parque Estadual da Serra do Mar.

Uma resposta poderia satisfazer essa pergunta. Nessa edição da EMA realizada entre Ubatuba e Parati, a organização da prova doou uma série de equipamentos (rádios de comunicação, botes para resgate)<sup>52</sup> para a administração do Parque Estadual da Serra do Mar. Dessa forma, os organizadores “pagaram” para utilizar a área do parque. Esse acontecimento demonstra que as áreas protegidas por lei acabam se submetendo à lógica do capital, pois na atual situação econômica em que essas instituições se encontram, faz-se necessário esse tipo de convênio para suprir, minimamente, as necessidades materiais. Isso também demonstra que o

---

<sup>52</sup> Ver páginas 48 e 49 para maiores informações.

poder público não está destinando verbas suficientes para a manutenção das áreas de conservação. Nesse sentido, cabe alertar para uma possível “privatização” dessas áreas, pois na medida em que os agentes de ecoturismo incorporam atividades a esses espaços, conseqüentemente será cobrada uma taxa pela “conservação” e “manutenção”.

Esta pesquisa não tem por objetivo identificar ou criticar possíveis impactos causados ao meio ambiente, porém questionar. Quais seriam os impactos ambientais e sociais causados pelas corridas de aventura em áreas de conservação?

Ao propor um questionamento sobre os possíveis impactos sócio-ambientais causados pelas explorações de áreas naturais, buscam-se, também, novas formas de compreender a corporeidade, pois, para haver mudanças na postura ética diante da natureza, necessita-se adotar um novo referencial de corpo e sociabilidade que possibilite transcender a velha visão individualista e dicotomizada que fragmenta e reduz o fenômeno humano.

## **CAPITULO IV – Corpo e Sociabilidade.**

### **4.1 - Corridas de Aventura: construindo uma nova corporeidade.**

Faz-se necessária uma reflexão profunda sobre as novas formas de pensar e atuar sobre a corporeidade, pois, na atualidade, vivemos sob uma forte aceleração tecnológica, gerando sensações intensas e causando transformações individuais e coletivas de grande relevância.

Em seus escritos, Sevcenko (2001), por meio de uma metáfora em que utiliza a montanha-russa como exemplo, diz que, na contemporaneidade, vivemos uma “*síndrome do loop*” em razão de uma extrema aceleração das transformações tecnológicas que desorienta e nos submete a uma sensação de passividade e irreflexão. A questão central é justamente o ritmo em que as mudanças se processam, pois mal se assimila uma determinada mudança ou mal se reflete sobre ela e, logo em seguida (ou, ao mesmo tempo), surgem novas transformações. O autor prossegue dizendo que a crítica é necessária e, para realizar tal empreendimento, deve-se desprender criando um distanciamento em relação a essa aceleração das mudanças.

Rolnik (2000, p. 19) aborda as questões referentes às transformações contemporâneas dizendo que

a globalização da economia e os avanços tecnológicos, especialmente a mídia eletrônica, aproximam universos de toda espécie, situados em qualquer ponto do planeta, numa variabilidade e numa densificação cada vez maiores.

Nesse contexto de transformações, a reflexão busca uma compreensão sobre as atividades corporais realizadas em ambientes naturais, pois só através da crítica podemos criar um diálogo entre o desenvolvimento tecnológico e as transformações advindas desse processo. Nesse sentido,

nota-se que algumas formas de resistência<sup>53</sup> na constituição de subjetividades podem ser encontradas nessas novas práticas corporais que se delineiam na atualidade.

Nas atividades de aventura, o corpo procura fundir-se à natureza, por meio de processos de experimentações sensíveis. O corpo é o nosso primeiro referencial no espaço, significa presença no mundo e pode ser entendido como “corpo sensível”; enquanto presença no mundo produz e compartilha significados com seus pares. Essa produção de significados se dá por meio das experiências corpóreas, imbuídas de valores culturais, econômicos e sociais. Esse movimento reflexivo mostra-se como uma possibilidade de compreender, para além das práticas corporais, as mudanças mais sutis referentes a valores (éticos e morais), sentimentos, ações, comportamentos e novas formas de utilização dos corpos, compartilhados pelas pessoas, no cotidiano.

No que tange a essas atividades esportivas, percebe-se, na atualidade, o surgimento de práticas corporais que constroem e expressam novos significados referentes à utilização dos corpos. Nesse sentido, os escritos de Lupton (2000) enfatizam que a participação em atividades esportivas ou exercícios está largamente associada à construção da subjetividade.

De acordo com Alonso (2003, p. 37), ao participar de atividades esportivas, o corpo mobiliza energias e passa por diversas transformações, evidenciando que

junto com o cansaço e eventuais frustrações provocadas pela atividade, ocorrem descargas hormonais que produzem bem-estar e proporcionam uma consciência corporal. O conhecimento dos limites e das potencialidades, o prazer com o próprio corpo e a auto-estima são modificados. Força, destreza, velocidade, habilidade, esforço e dedicação são situações melhor conhecidas na prática esportiva.

A partir disso, pode-se evidenciar a importância das práticas esportivas na constituição da corporeidade e da possibilidade de auto-conhecimento potencialmente inserido nessas atividades.

---

<sup>53</sup> Marinho (2001) aponta para a criação de um movimento de resistência frente ao processo de racionalização e a desordem das cidades. Esse movimento seria constituído por indivíduos que compartilham espaços urbanos privilegiando a criação de vínculos afetivos, preservando e promovendo a sociabilidade.

Dessa forma, observar e analisar a constituição das novas atividades físicas desenvolvidas na natureza faz parte de um redescobrimento do corpo e de suas formas de expressão.

Santos (1999, p. 251) esclarece a idéia de redescobrir a corporeidade frente a tantas instabilidades e mudanças encontradas no mundo contemporâneo:

O mundo da fluidez, a vertigem da velocidade, a freqüência dos deslocamentos e a banalidade do movimento e das alusões a lugares e as coisas distantes, revelam, por contraste, no ser humano, o corpo como uma certeza materialmente sensível, diante de um universo difícil de apreender.

O autor se apóia nas idéias de Edgard Morin para afirmar que: “hoje cada um de nós é como o ponto singular de um holograma que, em certa medida, contém o todo planetário que o contém” (p. 251).

A corporeidade faz parte da nossa subjetividade e, pode-se dizer, ambas sofrem transformações. Refletindo sobre a constituição da identidade na condição pós-moderna, Bauman (1998, p. 36) relata que esse processo passa por um momento de incerteza em que os indivíduos buscam novas formas para constituir sua subjetividade.

Em vez de constituir sua identidade, gradual e pacientemente, como se constrói uma casa – mediante a adição de tetos, soalhos, aposentos, ou de corredores, uma série de “novos começos”, que se experimentam com formas instantaneamente agrupadas mas facilmente demolidas, pintadas umas sobre as outras: uma identidade de palimpsesto. Essa é a identidade que se ajusta ao mundo em que a arte de esquecer é um bem não menos, se não mais, importante do que a arte de memorizar, em que esquecer, mais do que aprender é, a condição de contínua adaptação, em que sempre novas coisas e pessoas entram e saem sem muita ou qualquer finalidade do campo de visão da inalterada câmara de atenção e em que a própria memória é como uma fita de vídeo, sempre pronta a ser apagada a fim de receber novas imagens, e alardeando uma garantia para toda vida exclusivamente graças a essa admirável perícia de uma incessante auto-obliteração.

Como ressalta Bauman (op. cit.), a constituição das identidades se dá a partir das adaptações feitas pelos sujeitos no decorrer da vida.

Para Rolnik (2000), a constituição das subjetividades tende a ser influenciada por uma constante mestiçagem de forças que delineiam formas mutáveis, colocando em cheque seus



habituais contornos. Nesse sentido, essa criação envolve o individual e o coletivo, indicando novas maneiras de viver, incluindo numerosos recursos para criá-las e tornando incontáveis os mundos possíveis<sup>54</sup>.

A participação em corridas de aventura cria possibilidades dos sujeitos vivenciarem situações às quais a criatividade e a necessidade de adaptações são inerentes, constituindo um novo campo de aprendizado.

Kay e Laberge (2002) consideram importantes, para o progresso e sucesso na corrida, o trabalho em equipe, a inovação, a experimentação e a improvisação. Dessa forma, os atletas aprendem que ser flexível às mudanças e adaptar-se às diversas situações são condições necessárias para atingir o objetivo final que, mais que chegar em primeiro lugar, parece ser o de completar todo o percurso da prova.

A partir do discurso de alguns atletas, fica evidente que algumas mudanças ocorrem fora do ambiente da corrida.

O atleta Marcos, participante da EMA 2000 e 2001, descreve algumas transformações em sua personalidade ocorridas depois de sua participação em corridas de aventura.

[...] Vai mudando com experiência, quanto mais corrida de aventura você corre, eu acho que melhor fica o seu relacionamento com a equipe e, eu acho que isso se estende pro seu comportamento com a galera, no local onde você trabalha, no grupo todo.

Pode-se evidenciar um sentido de liberdade nessas vivências fora da rotina diária, pois, durante os momentos em que os sujeitos estão imersos na corrida, é exigida a criatividade, em função de adaptações necessárias para resolver problemas que vão surgindo no decorrer do percurso. Cabe ressaltar que os sentidos de aventura e liberdade, vivenciados nessas corridas, podem relacionar-se com a transcendência de valores pregados por uma moral vivida no

---

<sup>54</sup> Rolnik (2000, p. 20) utiliza, como exemplo, as infovias, pois constituem um amplo universo caracterizado pela multiplicidade de forças que atuam na constituição das subjetividades. Também ilustram-se essas idéias a partir de Sodré (2002), que explicita um novo tipo de constitui o da existência humana, denominado de “bios midiático”.

cotidiano dos grandes centros urbanos.

A partir dessa experiência de transformação nos comportamentos, enfatiza-se o que Jaspers (1973, p. 47) define como a essência do humano: “o homem não pode ser concebido como um ser imutável, encarnando reiteradamente aquelas formas de ser. Longe disso, a essência do homem é a mutação”.

Não se pode mais considerar o termo identidade como algo fixo, rígido, mas sim, algo que se aproxime de um movimento contínuo que está sempre em busca de um sentido, uma compreensão do que seja o mundo-vida.

As vivências decorrentes da participação nas corridas de aventura expressam novos significados, relacionados aos limites do ser humano, sejam eles físicos ou emocionais. O corpo experimenta situações extremas de desgaste físico, psicológico e desconforto. Ocorre uma “ressignificação” dos conceitos sobre a capacidade dos seres humanos experimentarem essas situações extremas. Essas vivências denotam uma possibilidade de transformações nas subjetividades que compartilham essa “ressignificação”, pois há um potencial incremento nas formas de auto-percepção caracterizando um adensamento da reflexão existencial. Para ilustrar essas idéias, citam-se os escritos de Jaspers (1973, p. 48-50):

todo conhecimento que o homem tem de si mesmo diz respeito a fenômenos, a suas condições ou potencialidades. O homem não se identifica a qualquer desses aspectos, porém os incorpora ao longo da jornada que o leva a si mesmo. [...] Só na ação sobre si mesmo e sobre o mundo, em suas realizações é que ele adquire consciência de ser ele próprio, é que ele domina a vida e se ultrapassa.

A busca por novas formas de perceber e compreender a existência faz parte do fenômeno humano. As corridas de aventura caracterizam-se por representarem um amplo leque de possibilidades significativas, do qual os atletas vivenciam experiências que contribuem para essa percepção existencial.

As vivências no durante as corridas de aventura se aproximam dos rituais de purificação em que os indivíduos se submetiam a situações extremas para purificar a alma e transcender a materialidade, procurando romper o distanciamento entre homem e natureza. De acordo com Benoist (1977), os ritos fazem parte da existência humana desde os tempos primitivos. Os rituais adquirem um significado de extrema importância para os sujeitos que os praticam. Esses ritos representam determinadas formas específicas e essenciais de “religiosidades”<sup>55</sup> valorizando a existência humana. Cada cultura produz seus rituais, e essas manifestações são particularmente constituídas de acordo com o modo de pensar e agir condicionados por valores e crenças compondo uma determinada época histórica e são compartilhados pelos sujeitos no seu cotidiano. Nesse sentido, pode-se dizer que esses significados sofrem alterações ao longo do tempo.

Os ritos acabaram por delimitar um círculo reservado, isto é, sagrado, nas civilizações que laicizaram no conjunto o seu domínio. Ora, tornar sagrado aquilo que fazemos, aquilo que somos, chama-se **sacrificar**, fazer um sacrifício, dedicando esses atos às potências invisíveis, das quais esperamos em retribuição ajuda e proteção [...] (BENOIST, 1977, p. 76, grifo do autor).

Observando o modo como os atletas se expõem às situações extremas durante as corridas de aventura, fica evidente que participar de uma atividade que exige sacrifícios representa a possibilidade de um encontro mais profundo com sua própria existência, constituindo um pólo de auto-compreensão mais denso acerca de seus limites e imperfeições. Além disso, esse encontro consigo mesmo pode constituir-se como um ponto de resistência e uma alternativa frente à lógica cartesiana<sup>56</sup>, expressando a ruptura desse paradigma.

Essa idéia de resistência pode produzir formas alternativas de subjetividade, utilizando discursos que se diferenciem do poder dominante. De acordo com McNay (apud LUPTON 2000, p. 19), “existe um espaço de resistência criado pela dissonância entre as experiências vividas

---

<sup>55</sup> Aqui, Religiosidade refere-se a algo “sagrado”, porém não está relacionada ao culto de religiões.

<sup>56</sup> Sob a lógica cartesiana pode-se evidenciar a cisão do sujeito, constituindo as dicotomias razão/emoção e sujeito/objeto.

pelos indivíduos e a versão oficial de tais experiências ou os interstícios entre experiência e representação”.

As experimentações corporais advindas das práticas dos esportes de aventura denotam a possibilidade de um rompimento do paradigma esportivista que reifica a *performance* em detrimento de outras características encontradas nos esportes. Também fica evidente que, por meio dessas atividades, os indivíduos vivenciam um hedonismo caracterizado pelas experiências corpóreas, proporcionando o prazer, a contemplação da natureza e o encontro consigo próprio e com o outro. Nesse sentido, a participação nas atividades de aventura possibilita uma melhora das expressões humanas no que se refere às sensações, emoções e afetos que fazem parte da nossa subjetividade.

As “visões de corpo” elaboradas pelos indivíduos que participam dessas atividades demonstram uma diferenciação da “visão de corpo” exibida pelos atletas que praticam os esportes tradicionais modernos<sup>57</sup>. Para os primeiros, o corpo é compreendido como informacional e hedonista, pois é constituído a partir de uma lógica que privilegia a decodificação das emoções e sensações provenientes da prática de tais atividades em contato com a natureza. Por outro lado, para os atletas que praticam esportes tradicionais, o corpo é admitido a partir de uma lógica energética que visa o rendimento e a performance, justamente porque na maioria das vezes esses esportes envolvem uma disputa entre “adversários”<sup>58</sup>.

---

<sup>57</sup> Não se pretende realizar aqui, uma exaustiva comparação entre os esportes tradicionais e as atividades de aventura. Apenas a título ilustrativo caracterizam-se ambas atividades. Os esportes modernos surgiram a partir da Revolução Industrial. Necessitam de regras específicas, possuem tempo cronometrado para sua duração, são executados em locais demarcados (quadras, campos e ginásios), a maioria é institucionalizada. Os esportes de aventura não necessitam de espaços demarcados, ou cronometragem, nem de habilidades específicas para sua prática. São caracterizados pelo contato do homem com ambientes naturais.

<sup>58</sup> Para um aprofundamento no assunto, sugere-se a leitura de Betrán & Betrán (1995) que elaboram um quadro comparativo dos diferentes modelos corporais e as atividades físicas realizadas nas sociedades economicamente avançadas.

A busca pela performance está presente nas corridas de aventura, porém, há outras características que dificilmente se encontram nas competições de esportes tradicionais, como: cooperação e solidariedade intra e inter-equipes. Outra diferença entre os esportes tradicionais e os esportes de aventura manifesta-se principalmente na questão da busca de *performances* e da exaltação do “corpo perfeito”, modelado e produzido em laboratórios de treinamento. As grandes “vitrines” em que são exibidos esses corpos são as grandes competições, como, por exemplo, os jogos olímpicos.

Nos esportes de aventura, o iniciante que quiser descer uma cachoeira de rapel, ou fazer um *bóia-cross* num rio, não necessitará mais de dez minutos de explicações para aprender como utilizar os equipamentos, pois os aspectos técnicos envolvidos na aprendizagem destas atividades são de fácil compreensão. Já nos esportes tradicionais, devem-se executar movimentos repetitivos até atingir um determinado grau de domínio de uma habilidade (por exemplo, um saque no voleibol ou um drible no futebol) para realizar o jogo ou para competir de forma satisfatória.

No entanto, ao praticar um esporte de aventura, necessita-se transcender o mero “aprender a fazer”, pois compreende-se que, além dos aspectos técnicos, há também um aprendizado que valoriza os aspectos subjetivos envolvidos nas relações entre os participantes e o ambiente onde essas práticas são desenvolvidas<sup>59</sup>. Não há necessidade de habilidades específicas para os iniciantes em atividades de aventura.

Nos esportes de aventura e, principalmente, nas corridas de aventura, os atletas se vêm expostos a diversas situações, em que têm que lidar com as imperfeições físicas e psicológicas,

---

<sup>59</sup> A pesquisa intitulada “Atividades de Aventura e Formação Profissional”, realizada por Marinho e Ferreira (2002), apresentada no XIV ENAREL (Encontro Nacional de Recreação e Lazer – Universidade Santa Cruz do Sul - RS) enfatiza a necessidade de uma abordagem qualitativa voltada para as questões sociais e ambientais no que se refere à formação profissional dos sujeitos que trabalham em agências de ecoturismo, que oferecem esportes de aventura como produto de consumo. Nesse sentido, foi observado que os cursos de formação profissional dão grande destaque para os aspectos técnicos, em detrimento de outras questões relevantes para uma prática consciente acerca das atividades de aventura na natureza.

com a auto-superação, o sacrifício e a privação pertinentes a esses eventos esportivos. Nos esportes tradicionais, a privação o sofrimento e a fraqueza não são admitidos, uma vez que o atleta toma, como pressupostos para competir, a força e a necessidade de vencer. Nas corridas de aventura, de antemão, os atletas admitem as privações pelas quais terão que passar, como o sono, a fome, dentre outros. Vencer o percurso, e não a prova, parece ser a meta fundamental.

O depoimento de Fábio, participante da EMA 2001, fornece indícios de como os participantes de corridas de aventura lidam com a questão do auto-controle e a consciência corporal.

[...] O mais difícil era você continuar depois de muito tempo, continuar do ponto de vista psicológico, você se dispor a continuar naquele desconforto, é mais uma situação desconfortável do que um sofrimento, pelo menos na minha opinião, você fica muito tempo numa situação desconfortável, sem comida, meio sujo, sem tomar banho, é um desconforto constante. O problema é que esse desconforto acaba acumulando, depois de um tempo você sente que tem muita coisa, não machucando, mais incomodando, você sente um cansaço que fica te incomodando, incomodando. Chega uma hora que começa a encher o saco isso aí, na hora que começa a encher o saco, quanto mais você consegue prolongar ela, protelar esse momento de chegada, e também quanto mais você consegue ignorar essa chamada para dar um tempo, mais tempo você resiste.

Segundo Bauman (op. cit., p. 138), “a experimentação significa admissão de riscos, e admitir riscos em estado de solidão, sob sua própria responsabilidade, contando apenas com o poder de sua própria visão”.

As transformações ocorridas na corporeidade, por meio dessas experimentações em contato com a natureza, estão criando uma nova visão sobre estilo de vida associado às corridas de aventura, pois exibem determinadas posturas éticas, morais, sobretudo relacionadas à questão da prática esportiva na natureza.

Segundo Nahas (2001, p. 17) “as mudanças no estilo de vida não são fáceis de realizar e dependem da nossa vontade, do apoio de familiares e amigos e das informações e oportunidades que nos são oferecidas”.

Ao refletir sobre estilo de vida, Wearing *et all* (apud LUPTON 2000, p. 28) dizem que “o estilo de vida é assim concebido como um projeto estético do eu, um recurso central para a construção da subjetividade”.

As pessoas são seduzidas por signos e símbolos culturais relacionados ao consumo do chamado “estilo de vida ecológico”, caracterizado principalmente pelo discurso ambiental e consumo de produtos relacionados a uma qualidade de vida<sup>60</sup> “mais natural”. Contudo, observa-se uma contradição no interior desse discurso, pois já é noticiado, de longa data, o uso de substâncias artificiais para melhorar o rendimento, seja por meio de suplementos alimentares, ou outras substâncias utilizadas pelos atletas.

A busca pela natureza, os esportes de aventura e as viagens fazem parte deste estilo de vida que está construindo um novo discurso sobre qualidade de vida. Bruhns (2003), refletindo sobre o significado das sensações e emoções relacionadas às atividades de aventura na natureza, afirma que, na atualidade, há uma possibilidade de aquisição de um novo estilo de vida, observando que esse fenômeno envolve grupos sociais, criando formas de poder e de estratificação social.

O discurso da atleta Karina, estudante de Educação Física, participante da EMA 2000 e 2001, dá indícios para visualizar esse novo estilo de vida, relacionando viagens e as corridas de aventura.

As corridas de aventura possibilitam a gente viver a vida que sempre sonhou, que é estar viajando pelo mundo inteiro conhecendo a cultura dos lugares que a gente passa. Nós fomos para o Vietnã, ilhas Fidji, nordeste brasileiro, conviveu com muita gente diferente, e aprendemos muitas coisas. Numa corrida de aventura a gente aprende muito mais do que numa viagem normal, porque as vivências são muito diferentes, a gente passa em diversos lugares diferentes e as vivências que temos numa corrida de aventura, tem gente que leva a vida inteira para aprender.

---

<sup>60</sup> Segundo Nahas (2001, p. 5), qualidade de vida pode ser entendida como “a condição humana resultante de um conjunto de parâmetros individuais e sócio-ambientais, modificáveis ou não, que caracterizam as condições em que vive o ser humano”.

Observam-se, nesse discurso, as possibilidades de experimentações de situações distantes do cotidiano, que levam a um aprendizado de extrema relevância para os sujeitos envolvidos. As vivências advindas das viagens adquirem um elevado *status* do ponto de vista da aprendizagem, pois é por meio da experimentação que os sujeitos atribuem significados. O estilo de vida ligado às viagens denota uma fluidez dos sujeitos perante as múltiplas possibilidades de aprendizado e constituição do eu.

Maffesoli (2001b, p. 93) aborda a questão das viagens e do nomadismo, dizendo que

assim é possível evocar as fantasias de desaparecimento, o desejo do exílio, o fato de fugir, uma vez que a terra movente a isso nos convida. A viagem como “doce desterritorialização”, como o indica Baudrillard, é bem o simétrico da instabilidade induzida pelo terremoto. Nessa imagem de um território precário impulsionando o desejo de exílio, e talvez mesmo o exílio do desejo, encontra-se a dialética sem conciliação entre o nomadismo e o sedentarismo... Duas faces de uma mesma realidade: um território poroso e um indivíduo frágil. Realidade remetendo à iniciação ou à aprendizagem constante. Realidade de um perpétuo “romance de formação”, de uma busca perpétua não de um “eu” empírico limitado, mas de um eu/si aberto às dimensões do vasto mundo e às intrusões da alteridade.

As reflexões de Maffesoli (op. cit.) apontam para uma nova forma de conceber o eu por meio de uma dialética sem conciliação entre o nomadismo (movimento) e o sedentarismo (fixo). Assim a instabilidade, a incerteza e a não fixação impulsionam o sujeito a uma constante procura por novas experiências e, conseqüentemente, à construção de novos significados. Dessa forma, as viagens representam a possibilidade de estar num contínuo processo de aprendizagem, adaptação e auto-conhecimento.

Nesse contexto de novas experimentações encontra-se um significado positivo relacionado às vivências em grupo, pois, nas corridas de aventura, a cooperação entre os sujeitos é um fator fundamental para haver harmonia na equipe no decorrer da competição.



## **4.2 - Corridas de Aventura: criando novos espaços para a sociabilização e a interação entre os indivíduos.**

Pensar e elaborar novas formas de sociabilidade demonstram haver uma saturação de determinados tipos de ações e rotinas vividas no cotidiano.

Na atual sociedade capitalista, identificam-se alguns valores sociais - o rendimento, a produtividade e o individualismo - como determinantes na constituição das personalidades.

Giles (1975, p. 16), explorando as idéias de Max Scheler, diz que o pensamento burguês é caracterizado principalmente por uma certa disposição em se medir e comparar os valores (morais e econômicos) e qualidades manifestadas pelos sujeitos.

O burguês é obcecado pelos outros, ou melhor, é através deles que ele se descobre e se percebe a si mesmo. No homem vulgar a estrutura 'relação do valor próprio com o valor do outro' torna-se a condição seletiva de sua apreensão dos valores em geral. [...] Assim ele não vê nos bens e nos valores objetos capazes de satisfazer o desejo e, sim, a ocasião de uma luta para conseguir prestígio.

Guerrieri (2002, p. 52), ao fazer uma discussão sobre a sociedade capitalista, diz que

o eixo central da racionalidade burguesa, que é o princípio determinante das relações entre os seres humanos e entre estes e a natureza, é a troca. [...] O tipo de troca que caracteriza essa racionalidade não é a troca solidária e complementar, mas sim a troca interesseira e individualista que visa a obtenção de vantagens apenas para um dos lados (troca competitiva).

A racionalidade burguesa tem suas raízes teóricas ancoradas no liberalismo representado por John Locke, Adam Smith e Augusto Comte, entre outros. O pensamento liberal determina que o indivíduo é responsável por sua autonomia. Cada sujeito deve lutar (competir com o outro) com suas próprias forças (meios) pela conquista de um espaço na sociedade. Esse pensamento deu origem ao “individualismo”, que é outro conceito inerente à estrutura da burguesia.

Hoje, vivemos sob a égide do “neoliberalismo”, uma espécie de racionalidade, excessivamente competitiva e excludente, segundo a qual o “mercado” seria responsável pelo controle de todas as “trocas” realizadas entre os indivíduos na sociedade.

A troca competitiva, que, inicialmente, estava inserida apenas nas relações econômicas (mercantilismo), passou a ser incorporada em todas as instâncias da vida. Portanto, essa lógica competitiva tornou-se uma espécie de “lei” que rege todas as atividades humanas e engendra todo tipo de discurso, tornando-se um referencial “inabalável” na atual sociedade capitalista. Inclusive as relações afetivas tornaram-se competitivas, pois emergem a partir dessa lógica excludente.

A idéia de obter vantagem sobre o outro está inserida na troca competitiva. Para alcançar a vitória (lucro), os indivíduos utilizam diversas táticas, mesmo sabendo que, para isso, terão que subjugar outras pessoas. A lógica da competição é, portanto excludente, pois privilegia os que possuem os “melhores rendimentos”, as mais “altas taxas de produtividade”, os que “detém o poder”, em detrimento dos que não conseguem atingir tais metas, ou objetivos, ou mesmo aqueles que não estão dispostos a levar a competição ao extremo.

A competição também é vista como forma de obter prestígio e *status*, pois a imagem de “vencedor” é valorizada na nossa sociedade. Podemos citar os atletas que constroem essa imagem a partir das conquistas realizadas no âmbito esportivo.

A competição está presente nos esportes tradicionais (futebol, voleibol, basquetebol, ginástica, entre outros) e nas corridas de aventura, porém, ultrapassando os aspectos competitivos, as corridas de aventura apresentam determinadas características que possibilitam um processo de interação entre os indivíduos que compartilham determinados espaços para a prática dessas atividades.

Nas corridas de aventura, mesmo sendo um tipo de competição em que vence a equipe que realizar o percurso em menor tempo, há possibilidades de cooperação<sup>61</sup> entre os sujeitos competidores.

Parece soar estranho dizer que, em uma competição, há possibilidades de cooperação visto que, nos esportes tradicionais, veiculados principalmente pela mídia televisiva, fica explícito o caráter excessivamente competitivo. Ao assistir a um jogo de futebol percebe-se a rivalidade encontrada, não só entre as equipes participantes, mas, também, entre os torcedores acompanhando a disputa. A idéia de vencer a qualquer preço está sempre presente nesse tipo de competição e para isso, valem todos os tipos de artimanhas para neutralizar o adversário, mesmo sendo prejudiciais aos atletas participantes<sup>62</sup>.

Nas corridas de aventura, além do caráter competitivo, o cooperativismo está presente e pode ser observado em muitos aspectos. As equipes, quando se encontram durante a corrida, muitas vezes oferecem auxílio umas às outras, procurando estabelecer relações de troca entre os atletas participantes.

De acordo com o depoimento de Carlos, atleta competidor de *mountain bike* participante da EMA 2000 e 2001, nota-se que os atletas dão grande importância a esse processo de interação entre as equipes.

Às vezes a gente juntava com outras equipes, ficava eu e a equipe do "kiko" que era a "Internacional Argentina", ficamos uns dois dias juntos, sabe, você ia trocando, daqui a pouco você via o cara com outra equipe, é uma interação legal que rola.

---

<sup>61</sup> Em contraposição à racionalidade dominante, Guerrieri (2002), avista algumas nuances de novas possibilidades de relações entre os seres humanos. O autor traz à discussão uma outra visão de troca, que constituiria uma opção necessária para transcender o pensamento dominante. O princípio da cooperação seria uma alternativa radical, visando reestruturar a sociedade a partir de novos valores. Essa idéia fundamenta-se numa espécie de troca não excludente e não competitiva, na qual haveria um contra-balanceamento entre as partes envolvidas. A idéia que está na base da racionalidade cooperativa é a valorização da vida, respeitando limites na exploração da natureza, e garantindo o acesso democrático aos bens (econômicos e culturais) produzidos pela humanidade.

<sup>62</sup> Podem-se citar algumas táticas de "guerra", como as faltas graves que muitos jogadores comentem para impedir o adversário de marcar um gol. É notório que, em muitos casos, as faltas são intencionais e, muitas vezes, acabam lesionando os atletas.

O atleta Alexandre, estudante de Pós-graduação em Ciências Biológicas e participante da EMA 2000, relata o seguinte acontecimento:

erramos os cálculos e nos perdemos, ficamos três dias andando, foi a maior “roubada”! De noite ficamos sem pilhas na lanterna, também ficamos sem comida [...] Depois de um certo tempo, encontramos os Argentinos que têm uma equipe que é amiga nossa. Os caras tinham uma lanterna de uma pilha só e emprestaram para nós. Na terceira noite que estávamos perdidos a corrida já estava chegando ao fim, aí eu lembro que num certo momento, nós dividimos uma laranja entre a equipe, pois foi a única coisa que nos sobrou para comer.

O discurso de Marcos, participante da EMA 2000 e 2001, também ilustra a interação e cooperação entre as equipes.

[...] Encontrar com essa galera que gosta das mesmas coisas. Na hora que você está no meio da corrida, ninguém fala nada diferente, quando encontramos com outras equipes ninguém fala sobre política e dinheiro, conversamos sobre os acontecimentos da corrida. “Nossa você viu aquela cachoeira, o rapel? Vocês dormiram quantas horas? Estão com comida?” É um negócio de sobrevivência, todo mundo que se encontra querendo saber sobre o outro, mesmo estando competindo, concorrendo com você, nos perguntam e nós perguntamos se estão precisando de algo: pilhas, comida, etc. Todo mundo se ajuda [...] Isso é legal, as equipes se ajudam para vencer um obstáculo que todo mundo tem que vencer.

Os discursos acima ilustram o que Maffesoli (1998) chama de “tribalização”, pois fica evidente que, ao compartilhar idéias e sentimentos, os indivíduos constroem uma espécie de teia, em que vivências se intercomunicam, caracterizando uma troca simbólica. Nesse sentido, estar com o outro representa uma forma de encontro consigo, pois, a partir dessas trocas, novos significados atribuídos à amizade são construídos num ambiente coletivo. Essa “ressignificação” da amizade e do estar junto passa, necessariamente, pela percepção de um olhar mais solidário e cooperativo entre os sujeitos.

Cabe aqui a discussão sobre o existencialismo de Martin Buber, que se fundamenta nas relações EU e TU. O outro (TU) e o relacionamento com esse outro caracterizam-se como um caminho para atingir a consciência do EU. Giles (1975, p. 90) explora as idéias de Buber dizendo que

o EU – TU reflete a atitude da vida real, do ENCONTRO, do OUTRO, numa presença palpitante no instante vivencial. Encontro um outro pelo qual eu sou reconhecido por algum igual ou talvez maior em dignidade do que eu.

O encontro do EU com o TU não pressupõe uma linguagem comum através da qual ambos identifiquem a necessidade de reciprocidade na intercomunicação, mas sim uma “abertura” que possa vislumbrar a existência do ser, seja ele o homem ou a natureza<sup>63</sup>. Esse encontro necessita de uma espécie de responsabilidade comum entre os sujeitos, um devir em constante construção e mutação, pois só assim transcendem-se as relações construídas mecanicamente, fundamentadas numa visão “coisificante”, sob a qual os sujeitos não reconhecem a necessidade de uma compreensão ontológica fundamentada nas vivências do cotidiano. A ética presente na ontologia do mundo-vida pode ser embasada numa cumplicidade pautada por valores que preservem as diferenças entre os sujeitos, mas não anule a possibilidade de diálogo entre o EU e o TU. Nessa ética também deve estar presente a responsabilidade com a “natureza”, pois o ambiente onde estamos vivendo necessita de cuidados, assim também o EU, tanto quanto o TU.

Tanto as relações EU e TU, como as EU e a natureza (ambiente) necessitam transcender a visão individualista das trocas competitivas, privilegiando outras formas de estar junto que enfatizem a cooperação entre as partes, pois, a partir dessa nova visão, constroem-se novos significados relacionados aos homens e a natureza.

Outro aspecto interessante encontrado nas corridas de aventura é a cooperação construída entre os próprios integrantes das equipes. Kay e Laberge (2002) ressaltam que, nesse tipo de competição, há mudanças substanciais dos comportamentos relacionados à cooperação entre os indivíduos. Para haver sucesso no decorrer da corrida os sujeitos que compõem uma equipe devem cooperar uns com os outros.

---

<sup>63</sup> Nesse contexto, a natureza não é percebida apenas como um objeto externo, mas sim como uma totalidade da qual fazemos parte.

A maioria dos atletas entrevistados relata que o conhecimento prévio e a amizade entre os integrantes das equipes é de fundamental importância para a harmonia na corrida, e não poderia haver individualismo ou egoísmo por parte dos integrantes.

Outros atletas relataram a dificuldade de convivência, durante a corrida, com os companheiros de grupos desconhecidos antes da prova<sup>64</sup>, pois o não conhecimento dos limites e das fraquezas de cada atleta acarretava desentendimentos entre os sujeitos. O conflito entre os integrantes de uma equipe, que é desencadeado durante a corrida, também pode ser compreendido pela exposição das fragilidades individuais, devido à privação e ao sacrifício exigidos pela competição.

O cara que está razoavelmente bem, mas ele está vendo o outro passando mal, quebrado. Ele quer correr para chegar logo, mas ele tem que ficar parado, esperando o outro melhorar para continuar. Ele está vendo que o outro só passa mal, não rende mais. Isso gera uma situação estressante que você tem que ficar controlando, porque senão você quebra a equipe na hora. A experiência faz com que você compreenda a necessidade de interação e respeito entre os sujeitos que formam sua equipe. (Alexandre, estudante de Pós-graduação em Ciências Biológicas e participante da EMA 2000).

Uma característica merecedora de destaque nas corridas de aventura é a exigência feita, por parte dos organizadores<sup>65</sup>, no que se refere à constituição das equipes. Na sua formação elas devem conter, no mínimo, uma mulher como competidora.

De acordo com Simões (2003, p. 14), a participação feminina nos esportes nunca foi tão expressiva quanto é hoje, e tem aumentado na medida em que o processo de globalização discute a inserção das mulheres nos espaços sociais. Nesse sentido, hoje, a mulher-atleta é indispensável nas discussões e entendimentos sobre os esportes, pois cada vez mais ocupa lugares de destaque no cenário esportivo mundial. Além disso, a partir da participação feminina nos esportes, as mulheres constroem uma imagem que é compartilhada com os homens no âmbito esportivo. Há

---

<sup>64</sup>Algumas equipes foram formadas poucos dias antes da competição.

<sup>65</sup> Cf. anexo I p. 113.

portanto uma redefinição dos papéis sociais, pois, ao lidar com o machismo discriminatório, as mulheres redimensionam sua participação na sociedade por meio da criação de novas formas de conduta, desprezando o velho estereótipo associado às diferenças biológicas e anatômicas que define as mulheres como mais fracas (frágeis) do que os homens.

A dicotomia homem forte/mulher fraca funcionou como um protótipo, uma lei da natureza, a qual determinou as expectativas de conduta das mulheres em todos os segmentos da sociedade.

Contra esse determinismo social, as mulheres têm quebrado tabus no que diz respeito à participação em qualquer tipo de esporte individual ou coletivo.

Essa “dicotomia” se apresenta nos atletas que participam de corridas de aventura. De acordo com as declarações de Carlos, atleta competidor de *moutain bike* participante da EMA 2000 e 2001, essa visão discriminatória está presente nos comportamentos dos competidores.

Às vezes agente quer carregar a mochila da menina. Tem menina que aceita na boa, e têm outras que não aceitam, elas acham que você está comparando forças, aquela coisa de “sexo frágil”, elas não admitem isso. Se elas percebem que você está querendo ajudar porque acha que elas são mais fracas, a coisa fica complicada.

Alonso (2003) enfatiza que a partir dos questionamentos surgidos com o movimento feminista na década de 60, a participação feminina em atividades físicas tem aumentado consideravelmente. Isso representou a possibilidade de as mulheres discutirem seus corpos, sua sexualidade e outras questões relacionadas ao gênero.

Nas corridas de aventura, a participação feminina tem fortes representações das imagens construídas a partir dessas práticas esportivas. Pode-se dizer que há uma feminilização no cenário esportivo.

O discurso de Alexandre, estudante de Pós-graduação em Ciências Biológicas e participante da EMA 2000, fornece indícios sobre a feminilização e a força de vontade inscritas na participação feminina nas corridas de aventura.

A Rose é animal, ela é fenomenal, super astral. Ela é mulher! Passava batom no meio da noite [...] Eu falava: Rose você está passando batom aqui no meio do nada e, ela respondia: tenho que me cuidar [...] Ela é um touro (muito forte), a técnica dela é um pouco complicada porque ela começou tarde (iniciou sua prática esportiva no *triathlon* após os 30 anos de idade). Se você colocar uma cordinha, ela te puxa [...] A mulher é impressionante!

Para ilustrar um pouco mais essa “feminilização” nas corridas de aventura, vale ressaltar que existe uma equipe constituída apenas por mulheres. A “Atenah” é um time que possui uma ampla repercussão (mídia especializada em aventura) e um respeito dos demais atletas, pois essas “mulheres” superaram muitas barreiras (preconceitos) e demonstraram ser tão ou mais capazes que os homens de participar de um evento esportivo que exige grandes sacrifícios. Além disso, essa equipe consegue boas colocações nas competições, desfazendo o mito do sexo frágil que menospreza e inferioriza o potencial feminino.

Segundo o depoimento de alguns atletas do sexo masculino, as mulheres representam o equilíbrio das equipes. Com elas, o fator organizacional ocorre com muito mais facilidade, pois a “sensibilidade feminina” está muito propensa a resolver conflitos pacientemente, sem o uso da força.

Como a cooperação é uma característica muito marcante nesse tipo de corrida, as mulheres desempenham o papel de mediadoras na hora das decisões, em situações de pressão e estresse. Por outro lado, há situações, no decorrer da corrida, que fazem com que essa “sensibilidade feminina” seja mais notória em alguns casos, traduzida no chorar e na expressão de sentimentos (raiva, tristeza, alegria e dor) com maior facilidade que os homens.

A convivência entre os homens e as mulheres no decorrer da corrida evidencia a necessidade de adaptações, pois há uma série de conflitos que vão surgindo no ambiente da corrida.

[...] Eu puxava um pouco na parte técnica da costeira, e ela ficou um pouco brava dizendo que não conseguia, e eu disse não, vai, você tem que conseguir, mais aí eu me



liguei que não era bem assim, você tem que respeitar o lance do cara, a equipe tem que ser assim, um cara falou: a fraqueza de um cara é a fraqueza da equipe, tem que saber disso [...], senão quebra, você quebra, você puxa, puxa, puxa, se dá um gás<sup>66</sup> no cara, o cara quebra, e aí você não consegue nem fazer, no máximo que você vai fazer é continuar, mais desclassificado, porque você não vai né! Você tem que ter interação o tempo inteiro, você tem que ver o tempo inteiro se o cara tá legal, o cara tem que sentir essa consideração pelo resto da equipe, senão o cara também larga mão, ele desanima (Carlos, atleta competidor de *mountain bike* participante da EMA 2000 e 2001).

A convivência entre os atletas durante a corrida produziu novos significados referentes à amizade, sociabilidade e cooperação. Os depoimentos dos atletas mostram a mudança de postura ética decorrente do convívio e da experiência obtida durante o período de corrida. Alguns atletas disseram que aprenderam “lições de vida” durante a prova.

A partir dos relatos obtidos com o atleta Alexandre, estudante de Pós-graduação em Ciências Biológicas e participante da EMA 2000, obtém-se algumas evidências sobre as lições aprendidas durante a corrida.

Não adianta a gente querer ganhar a corrida sozinho, é um trabalho em equipe, todos têm que participar e cooperar um com o outro, pois estamos à beira do nosso limite. Não dá para sermos egoístas, temos que ser solidários.

Villaverde (2003, p. 62), em seus escritos, aponta uma nova forma de experimentar condutas éticas, através de novas formas de sociabilidade, definindo que as contradições e paradoxos existentes nas novas práticas denominadas “turismo de aventura” ou “esportes de aventura”, “não anulam a possibilidade e o esforço de tentar perceber o que elas trazem de inovador e potencialmente transformador quanto à relação do indivíduo consigo mesmo e com a alteridade”.

A partir da presença do outro e com o outro fundamentam-se as experiências desses processos de transformações que objetivam a cooperação como produto final. O exercício da solidariedade e do companheirismo está inserido nessa racionalidade que visa a troca

---

<sup>66</sup> Gíria que denota realização de esforço contínuo.

complementar muito mais que a troca competitiva.

Ao invés de conceber o outro ser humano como “concorrente”, com o qual precisam competir, os indivíduos veriam na presença do outro uma complementaridade. O outro é aquele que compõe um todo comigo (GUERRIERI 2002, p.122).

O exercício da cooperação também possibilita o delineamento de novas formas de subjetividade, pois vive-se no âmbito social. Nesse sentido, Villaverde (2003, p. 69) afirma que

a procura de novas formas de subjetividade e sociabilidade, inclusive no âmbito do lazer e do turismo, pressupõe a constituição do sujeito não como um exercício solitário, mas como uma ação compartilhada com outros sujeitos.

Nas corridas de aventura as ações compartilhadas possuem um valor positivo, pois acentuam a necessidade de perceber o outro como complemento e de experimentar os limites individuais, porém observando o conjunto (a equipe). Não há possibilidade de sucesso na corrida se não houver o trabalho em equipe. Tanto os prazeres como os desprazeres são compartilhados entre os atletas.

O trabalho cooperativo é fundamental na medida em que os atletas vão se desgastando no decorrer da corrida. Além disso, ao atingirem seus limites necessitam de apoio para superar situações difíceis. Esses momentos são caracterizados por possuírem uma intensidade física e psicológica beirando o “transe”, como se os sujeitos estivessem mergulhados na sua subjetividade e dirigindo toda sua energia psíquica para essas atividades.

#### **4.3 – Corridas de Aventura: atletas superando limites, “um estado de fluxo”.**

Participar de uma corrida de aventura exige dos atletas um grande esforço físico, psicológico e emocional. Por ser um evento que dura alguns dias, o desgaste sofrido pelos

participantes é de grande intensidade. Além disso, os atletas entrevistados enfatizaram a demanda de tempo relacionada à preparação para a participação na corrida.

[...] É uma coisa que demanda um tempo absurdo, quando você decide ir pra corrida, você fica pensando só naquilo, algumas semanas antes, sua vida gira em função daquilo, uma semana depois você não tem condição de fazer nada, então é quase um mês que você fica totalmente envolvido com aquilo (Marcos participante da EMA 2000 e 2001).

Uma indagação que acompanhou o autor desta pesquisa durante toda sua realização está relacionada aos motivos que levam um ser humano a se submeter a determinadas privações (sono, fome, frio, dor), ao desgaste físico e emocional decorrentes da participação numa corrida de aventura.

Seguindo os depoimentos de alguns atletas, percebeu-se o nível de cansaço físico e emocional relacionado à participação na EMA. Observando os vídeos sobre a EMA, fica notório o desgaste dos participantes. Foram várias imagens enquadrando atletas que apresentavam todos os tipos de lesões, desde arranhões, leves escoriações, hipotermia, inflamações diversas, até entorses que impediram os atletas de prosseguirem na prova.

O discurso do atleta Alexandre, estudante de Pós-graduação em Ciências Biológicas e participante da EMA 2000, evidencia este desgaste.

[...] Você está lá naquele “perrengue”<sup>67</sup> real, o negócio é real, você está realmente mal, de cansaço, de tudo. Não interessa, você, aí to mal, chama o [...], não, eu vou pra casa [...], não existe isso, porque os caras que já vão para isso, e termina pelo menos uma corrida dessas, já tem essa índole, de ir e ter um objetivo final, é isso aí, eu vou, e não interessa o que seja, mais isso não é uma coisa suicida, esse é o ponto.

Algumas declarações de atletas indicam uma reflexão sobre a motivação que os levava a participar desse tipo de prova. A questão da auto-superação, do auto-conhecimento e do prazer de

---

<sup>67</sup> Gíria utilizada para designar uma situação difícil, penosa.

realizar determinadas tarefas para concretizar o objetivo de terminar a prova são notórios em alguns discursos coletados.

[...] Tive que aprender muita coisa para participar (orientação, preparo físico), é muita coisa legal, corridas de aventura em si é uma das coisas mais legais que tem, de intensidade de coisas para fazer, sabe!? De coisas que acontecem na sua vida, pô, você vê a EMA por exemplo ! Você fica seis dias, pelo menos o que eu fui, fiquei de segunda até sábado, pô [...] você fica “paste” durante dois meses depois que você volta, você fica “maluco”, você vê tanta coisa, é tanta coisa, acho que você fica acordado por tanto tempo, vendo tanta coisa nova e fazendo tanta coisa, que você pira um pouco, por isso que atrai muito a galera, pode perceber, nego fica louco para fazer a corrida, o cara faz uma e logo quer fazer outra, é igual a um vício, o cara fica alucinado com a corrida, porque é um bagulho que choca mesmo, sai daquele esquema, você está acostumado com a sua vida inteira [...], quando que na sua vida você vai passar cinco dias por exemplo, com um objetivo que não é muito lá [...], não é um objetivo que vai engrandecer sua vida inteira, mais é uma coisa do tipo que você tem que chegar, você tem que fazer, não existe problema pra isso, você tem que ir eliminando, você está cansado você vai, se dorme andando, se para, onde você para, você “capota” dormindo, você fica perdido porque você está completamente maluco, você não consegue nem raciocinar direito no mapa [...], quando eu fiz o EMA eu uma experiência muito baixa, pouca experiência em navegação. (Alexandre, estudante de Pós-graduação em Ciências Biológicas e participante da EMA 2000)

De acordo com Csikszentmihalyi (1992), os melhores momentos de nossas vidas não precisam necessariamente ser passivos, receptivos, relaxantes. Os melhores momentos de nossas vidas costumam ocorrer quando temos o corpo ou a mente completamente empenhados num esforço voluntário para realizar algo difícil e que vale a pena. Nesse sentido, muitos atletas que participam da EMA possuem, no mínimo, o objetivo de concluir a prova, sem se preocupar com o nível de rendimento da equipe. Esses atletas participam desses desafios com o intuito de vivenciar momentos de satisfação por se auto-superarem.

Para compreender a satisfação desencadeada pela realização de um objetivo (concluir a prova), cita-se Csikszentmihalyi (op. cit., p. 20), que expressa a concepção de “experiência do fluir”, e expõe que algumas atividades são mais agradáveis que outras.

Fluir é o modo como as pessoas se referem ao seu estado mental quando a consciência está organizada de forma harmoniosa, e desejam continuar a atividade pela satisfação que sentem.

Algumas vivências descritas pelos atletas têm o sentido descrito por Csikszentmihalyi (op. cit., p. 15) chamado de “experiência máxima”. No estado interior da experiência máxima existe ordem na consciência. Isso acontece quando a energia psíquica - ou atenção - é investida em metas realistas, e quando as capacidades se combinam com as oportunidades de ação.

[...] Todos vivenciamos ocasiões nas quais, em vez de sermos açoitados por forças anônimas, sentimo-nos realmente no controle de nossas ações, donos de nosso próprio destino. Nas raras ocasiões em que isso acontece, experimentamos uma satisfação e uma profunda sensação de prazer, lembradas por muito tempo, e que, em nossa memória, se tornam um ponto de referência de como deveria ser a vida.

Os depoimentos de Karina, estudante de Educação Física, participante da Ema 2000 e 2001, evidenciam a satisfação decorrente da vivência dessa “experiência máxima” descrita por Csikszentmihalyi. Segundo a Atleta,

a EMA é uma corrida muito gostosa de correr, uma corrida muito prazerosa de correr, dificilmente você encontra uma corrida tão gostosa de correr. As outras corridas são legais de correr, mais como elas são curtas você vê o final da corrida. Na EMA você não vê o final, você corre e é como se você tivesse virado um bicho, e aquilo lá é sua vida, então, depois do terceiro dia e você sabe que ainda faltam uns três dias pela frente, você corre sem pensar em parar, sem pensar no final, você corre para sobreviver, as tarefas são essas, vamos ter que fazer isso e vamos embora. Você está totalmente focado na corrida, a corrida é sua meta de vida, e você não traz preocupações de fora, esse é um lance interessante. A corrida é longa, então, você tem muito tempo para se distrair da vida real. É muito chocante, e você fica muito bitolado naquilo ali.

O atleta Carlos, competidor de *moutain bike* participante da EMA 2000 e 2001, relata que

a experiência de participar da EMA é inacreditável, acho que é uma das coisas mais legais que eu já fiz do ponto de vista da intensidade emocional. Você fica fora do ar e, depois da corrida, rola uns fragmentos do que acontecia no “meio do nada”, da noite, acontecia uns negócios “muito loucos”.

Para Alexandre, estudante de Pós-graduação em Ciências Biológicas e participante da EMA 2000, participar de uma corrida de aventura possibilita um prazer muito intenso. Ele descreve suas vivências da seguinte forma:

...você curte muito a corrida, é absurdo [...] A curtição é você estar no meio do mato com a galera que você gosta, a nossa equipe é muito unida, nós sempre competimos juntos [...] É gostoso ir conversando na mata, estar no meio da natureza. A gente sabe que vai bem quando está unido, curtimos o meio ambiente, faz parte dele [...] Saber que uma minoria participa desse tipo de atividade, são poucos que se propõem a fazer uma coisa assim, e desses que se propõem, poucos são os que conseguem chegar ao final.

Segundo Csikszentmihalyi (op. cit: p. 109), quando o ser humano está na condição de fluir, a concentração é tão intensa que não há atenção excedente para outras coisas irrelevantes, ou para preocupação com problemas. A satisfação vivida por meio dessas atividades é tão grande que as pessoas desejam vivenciá-las por si mesmas, sem se preocupar com o que as corridas lhes darão, mesmo que sejam difíceis ou perigosas. Quase toda atividade geradora de grande satisfação tem potencial para se tornar um vício. Nesse sentido, atividades que criam o fluir têm um aspecto potencialmente negativo. Essa negatividade se mostra na incapacidade de ordenar e determinar a direção em que a vida deve seguir. É um verdadeiro corte da liberdade, negando a ambigüidade da vida.

Para ilustrar esse potencial aspecto negativo do fluir, tome-se como exemplo o jogador de *vídeo-game*, ou mesmo alguns freqüentadores de cassinos e bingos (jogos eletrônicos, roleta, ou jogos de cartas). O aspecto negativo pode ser revelado pelos tipos de relações que esses sujeitos constroem com essas atividades. Quando a prática se torna excessivamente dependente (um vício), o homem perde a capacidade de perceber e refletir sobre os limites sadios dessa relação.

Os aspectos positivos do fluir podem ser evidenciados por meio da possibilidade da expressão de afetos, desejos e outros sentimentos que se revelam de forma espontânea, caracterizando condutas geradoras de prazer, promovendo a liberdade e a promoção da auto-estima.

De acordo com as declarações de Marcos, participante da EMA 2000 e 2001, as corridas de aventura possibilitam a fuga do cotidiano e a vivência de momentos de grande satisfação não encontrados no dia-a-dia, pois

as corridas de aventura possibilitam uma saída de nossa vida pasteurizada, tudo muito certinho, aquela coisa enlatada [...], com as corridas de aventura você tem a oportunidade de resgatar um pouco essa sua liberdade primal, acho que é uma coisa que agente sente falta, por isso que eu acho que é um negócio viciante [...], depois que você correu, o tempo tem duas fases muito interessantes, na primeira semana você não quer nem saber de ouvir sobre corridas de aventura, você está de saco cheio, tem que arrumar um monte de coisas. Aliás você fica muito mal humorado, cansado. Depois que passa uma semana, uma semana e meia, você já começa, a perguntar quando vai ser a próxima corrida. É um negocio impressionante, é um negócio que você sente falta, depois de umas duas ou três semanas você sente muita vontade de correr novamente, eu senti muita falta, mais depois de um certo tempo passa, e tudo volta ao normal.

O envolvimento com as situações vivenciadas nas corridas de aventuras fica explícito nos depoimentos coletados: os atletas sentem-se atraídos pela possibilidade de exceder o cotidiano, vivendo, assim, uma espécie de transe (o *fluir*), que os coloca em outra dimensão com características muito peculiares. O corpo como primeiro referencial está imbuído de diversas sensações que dificilmente são vivenciadas no âmbito urbano, como a liberdade para expressar-se não se preocupando com regras, normas, ou como diz a atleta Karina (estudante de Educação Física, participante da EMA 2000 e 2001) ser amoral, fugir dos padrões, libertar-se de todos papéis que somos obrigados a representar na sociedade cosmopolita.

Talvez essas palavras forneçam indícios para uma reflexão sobre a opressão vivenciada nos grandes centros urbanos. A necessidade de expressão do ser humano não reside apenas na capacidade de representar, mas também é necessário um espaço para criar, respeitando as individualidades e as diferenças.

Essa busca por uma “ressignificação” dos comportamentos denota uma saturação de determinadas formas de expressão que embutem no ser humano a necessidade de um excessivo controle sobre seus afetos, sentimentos, idéias e ações.

A atleta Karina, estudante de Educação Física, participante da EMA 2000 e 2001, faz uma observação sobre as mudanças ocorridas em sua personalidade, afirmando que, no ambiente de prova, os sujeitos se encontram numa situação em que a moral compartilhada difere daquela vivida no cotidiano urbano. Ela ainda ressalta que há grandes diferenças entre a situação de prova e a vida cotidiana, atribuindo um significado positivo às vivências na natureza, pois, nessa situação, as pessoas podem ser “verdadeiras e sinceras” e não utilizam máscaras para esconder seus problemas ou defeitos.

Na corrida, as pessoas são muito mais verdadeiras, sem máscaras, por exemplo: se eu vou para uma prova dessa e nos primeiros três dias eu tô cansada e não vou falar, ou eu vou disfarçar, chega uma hora que você tá no limite, quando você passa daquele limite, não tem mais máscara, e é muito difícil de você encontrar isso numa vida normal, quando não é uma situação extrema, tanto é que a gente muda quando a gente tá lá (corrida) e quando a gente tá aqui (cotidiano), aqui a gente tem que seguir regras, moral, lá a gente é amoral, não é imoral, é amoral, não tem certo, não tem errado, a gente tem que se adaptar, o que a gente é lá, não dá para ser aqui, é por isso que as pessoas gostam de corridas de aventura, porque podem ser verdadeiras.

As máscaras, segundo as declarações dessa atleta, podem ser compreendidas como papéis estereotipados que os sujeitos representam na sociedade cosmopolita.

Os ambientes em que as corridas de aventura acontecem induzem certos tipos de comportamentos. Como relata a atleta Karina, no momento em que a equipe está participando da competição, suas ações são diferenciadas dos momentos vividos no cotidiano. Essa diferenciação entre os comportamentos está ligada à quebra de padrões e normas estabelecidos pela sociedade.

Nesse processo de transformação muitos fatores influenciam as formas que irão surgir a partir de uma “ressignificação” dos valores, ou, como diria Nietzsche (2000; 2001) “uma transmutação dos valores”<sup>68</sup> necessária para o nascimento de um novo modo de ser, baseado não

---

<sup>68</sup> Nietzsche possui uma vasta obra em que se empenha em realizar uma genealogia acerca dos “valores humanos”, buscando transcender “a metafísica dos valores supremos” imposta pelo cristianismo. Em linhas gerais, na sua Genealogia da Moral, o autor se empenha em construir um caminho em que expõe a origem e as transformações ocorridas nos significados do “bem e do mal” e do “bom e mau” que impregnam o ideal ascético pregado pelos sacerdotes cristãos. Em Humano demasiado Humano, o autor procura se afastar do mundo das idéias (idealismo) e



mais numa consciência metafísica dos valores, mas, sim, de uma ética que valorize o “mundano”, o vivido a partir das inter-relações construídas no cotidiano, refletindo uma existência não mais como um projeto “ascético”, mas que aponte os limites, as incertezas e as diferentes possibilidades inerentes ao ser humano.

De acordo com Onfray (1999, p. 309), a ética nietzscheniana já não se apóia na ciência, mas sim na arte. “A obra-prima de que se trata em matéria de ética é a existência, a vida, a produção de um estilo. [...] As formas se tornam estilo pela arte”. Esta concepção de homem está ligada ao que Nietzsche chama de “vontade de potência”.

Em seus escritos, Onfray (1999, p. 310) define longe dos dogmas do cristianismo, uma “moral jovial e trágica” que destaca um materialismo hedonista pautado nas vivências do cotidiano. A partir dessa “transfiguração” da moral, o autor propõe uma nova ética baseada no lúdico e desvencilhada de qualquer pretensão salvadora, universalista ou que condene a vida.

A ética fundada na metafísica é ilusória, pois só podemos admitir as nossas virtudes de modo peremptório. “Trata-se de acabar com a calúnia lançada sobre a vida. Viver não é um mal, mas viver mal o é”.

Vivemos, até hoje, sob forte influência dos valores “puritanos” que aniquilam e subjugam o ser humano, impondo-lhe amarras que limitam suas expressões.

Onfray (op. cit., p. 300) recorre às idéias de Marcuse constatando que o social se alimenta da alienação dos homens, que o real vive da substância alienada dos sujeitos: “A civilização se baseia na subjugação constante dos instintos humanos [...]. A livre satisfação das necessidades instintivas do homem é incompatível com a sociedade civilizada”.

---

adentra no mundo vivido, buscando construir um conhecimento pautado na “essência logicamente revelada do mundo” construída a partir de uma interpretação da existência.

Nesse processo de alienação o corpo é submetido a uma modelagem que engendra uma docilidade passiva e obediente, restringindo as possibilidades de expressão, pois, “deve-se” obedecer às regras sociais.

Foucault (1987) elabora uma densa reflexão acerca dos métodos utilizados para docilizar e domesticar os corpos. Ele ressalta que, na sociedade moderna, existem diversas instituições responsáveis por esse processo como: a escola, o presídio e o hospício, entre outros. Foucault (op. cit.) enfatiza que essas instituições têm por objetivo exercer o poder e o controle sobre os corpos, impondo-lhes normas de conduta que visam restringir-lhes o campo de ação.

A partir do discurso da atleta Karina percebe-se que, no ambiente de corrida, há possibilidades de transcender, mesmo que de forma provisória e momentânea, determinadas formas de controle exercidas sobre os corpos. Nesse sentido, tem lugar a presença de uma desobediência das normas de conduta pregadas pela sociedade. Nesses momentos há possibilidades de vivenciar uma espécie de liberdade, ou um prazer relacionado às vivências das corridas de aventura.

Podem-se aproximar esses sentimentos do hedonismo materialista proposto por Onfray (1999, p. 301), pois este se pauta no desejo de recusa do social proposto por Marcuse, dando origem a um novo sentido para essas manifestações na sociedade.

Libertados da tirania da razão repressiva, os instintos tendem para as relações existenciais mais livres e duradouras – dão origem a um novo princípio da realidade. Surgiria uma nova sensibilidade: Todo corpo se tornaria um objeto de catarse, algo para desfrutar, um instrumento de prazer”.

Para Onfray (op. cit.), a moral do prazer visa o social tanto quanto o individual e, nesse sentido, cria a condição para um compartilhamento de afetos e sentimentos, sendo que o gozo de um é condição indispensável para que o outro também vivencie esse prazer, pois a troca solidária é necessária para se atingir o “amor-próprio”.

## **CAPITULO VI - Considerações Finais**

As corridas de aventura representam uma nova manifestação esportiva, caracterizada pela recombinação de elementos, sociais, psicológicos e culturais. Nesse sentido, essas competições apresentam sensíveis diferenças em relação aos esportes tradicionais modernos.

Destaca-se uma “ressignificação” da natureza, pois a busca por atividades de aventura denota a possibilidade de um “reencantamento” da visão de mundo. Nesse contexto, emergem novas formas de perceber o corpo e de se relacionar com o outro valorizando as trocas solidárias e complementares.

O cooperativismo é uma característica marcante das corridas de aventura. Isso demonstra que, apesar da racionalidade dominante ainda estar voltada para a “competição” e o “individualismo”, avistam-se nuances relacionadas à transformação dessa visão de mundo.

Maffesoli (1998) atenta para um possível rompimento com o individualismo por meio da “tribalização”, no qual os sujeitos se encontram e compartilham espaços e significados construídos socialmente.

Mesmo como um pequeno exemplo, essa manifestação merece destaque, pois tanto as transformações pessoais como as sociais surgem das necessidades diagnosticadas a partir da observação e interação com o ambiente. Nesse sentido, destaca-se a importância de uma efetiva abordagem sócio-interacionista no interior das práticas esportivas na natureza. Esse fenômeno representa a possibilidade de construir novos significados relacionados aos esportes, ao corpo e à natureza, porém necessitam ser observadas algumas considerações de caráter crítico (algumas delas elaboradas a partir desta pesquisa), para que essas atividades não sejam vistas apenas como mais um produto disponível no mercado.

Na atualidade visualizam-se diversos símbolos e signos relacionados às atividades de aventura na natureza. Num mundo caracterizado pelo consumo e mídia de massa, emerge com grande força um determinado tipo de discurso que “supervaloriza” o estilo de vida “aventureiro”, pois representa a possibilidade de uma vida mais prazerosa e menos monótona. Porém, na prática, observam-se contradições em relação a esse discurso, pois o “aventurar-se” está relacionado ao consumo de bens simbólicos e materiais. Dessa forma, esse discurso não se revela “democrático”, mas sim condicionado às questões econômicas e financeiras. Por outro lado, mesmo com a possibilidade de acesso, talvez os adeptos não fossem em grande número.

O aventureiro também pode ser compreendido como um sujeito à procura de um desafio que possibilite transcender seus próprios limites. Nesse sentido, enfatiza-se essa característica como sendo de fundamental importância para a construção de novos significados sobre a existência, pois entende-se que o maior desafio humano é o da auto-compreensão. Jaspers (1973), ao refletir sobre o sentido da existência humana, diz que é própria do homem essa busca por um conhecimento caracterizado pela mutação e pela ação sobre si mesmo.

A aventura é uma possibilidade de vivenciar situações em que há necessidade de criatividade para gerar adaptações, em função das mudanças e situações de incerteza e risco inerentes a este fenômeno.

Enquanto pesquisador e praticante de esportes de aventura, o autor deste trabalho pode vivenciar pessoalmente os significados elaborados neste estudo, pois, a partir de uma submersão num rico universo simbólico, construiu novas formas de perceber o corpo, a natureza e as relações de alteridade, valorizando uma espécie de “sensibilidade” caracterizada pela contemplação estética da vida, talvez comparada a algo que se aproxime do que Nietzsche (2000) e, mais recentemente, Maffesoli (2001b) chamam de “Dionísico”, uma espécie de valorização predominantemente hedonista. Onfray (1999) chama-a de hedonismo materialista, privilegiando

o corpo como um referencial sensível, buscando uma harmonia entre as forças que interagem sobre esse corpo, ressaltando o prazer contido no instante, no momento “vivido”, como um torpor, um êxtase que se manifesta a partir do mito de Dionísio e da alegria de contemplar a vida no que ela tem de mais efêmero, “o prazer”, embora não desconsiderando a sua manipulação pelo mercado. Porém, a ênfase aqui é ao prazer enquanto elemento impulsionador de luta por um espaço social.

Após diversas reflexões acerca das inter-relações entre os homens e a natureza, pode-se perceber que é próprio da vida um determinado tipo de olhar carregado de admiração e espanto (às vezes distanciamento) diante da magnitude de fenômenos inexplicáveis pela razão humana (os mitos). Os sentimentos e as percepções relacionadas à natureza que prevaleceram no decorrer deste estudo estão inscritos nos significados “sagrados e mitológicos” revelados a partir de um contato mais íntimo com nossa própria natureza (existência), e com a natureza externa (ambiente). Esse movimento de “ressignificação” pode ser compreendido como uma “lição de vida” caracterizada pela criação de uma nova forma de perceber a natureza e interagir com a ela.

Citando as vivências que Castaneda (1972) compartilhou com o velho índio *Yaqui* “Don Juan”, e a partir dos ensinamentos aprendidos com índio, Castaneda construiu uma nova forma, um “outro olhar” para perceber a natureza e o seu próprio ser. Esse novo olhar é caracterizado pela magia e pelos mistérios revelados por Don Juan descrevendo os fenômenos da natureza<sup>69</sup>.

A partir dessas idéias, percebem-se possibilidades de transcender os olhares mecânicos e objetivos que ainda imperam na atribuição de significados à natureza. Nas atividades físicas realizadas em contato com o ambiente natural, há uma valorização da contemplação estética da natureza.

---

<sup>69</sup> Como exemplo, cita-se a idéia de que para Don Juan, os ventos não representam apenas correntes de ar, mas mensagens enviadas pela “natureza” para nos alertar sobre determinados acontecimentos que estão por vir.

Vale destacar que, por se tratar de um estudo que abrange essas novas atividades físicas na natureza, não se pode desprezar a possibilidade de inserirem estas discussões no âmbito da Educação Física escolar, pois, como se trata de um novo fenômeno esportivo e cultural, estas atividades merecem destaque dentro a área acadêmica, apontando, principalmente, para a construção de novas formas do homem se relacionar consigo mesmo, com o outro e com o ambiente. Nesse sentido, é possível explorar os esportes de aventura e as corridas de aventura a partir da interdisciplinaridade (contida nos PCN'S) entre a Educação Física, a Biologia (Educação Ambiental), a Geografia, e outras disciplinas contidas no currículo escolar.

Na atualidade, percebe-se o rápido crescimento e uma “popularização” das corridas de aventura, pois encontram-se diversos desdobramentos dessas atividades. Como exemplo, citam-se as corridas sendo organizadas em menor escala e direcionadas aos jovens, ou às crianças, demonstrando que, além de práticas esportivas, essas atividades representam um rico campo de exploração podendo ser relacionado à Educação. Esses eventos de aventura são redimensionados (menores distâncias e curta duração) em função de adaptações necessárias para as crianças e jovens poderem concluir o percurso.

No âmbito educacional, as corridas de aventura podem servir de exemplo mostrando como as diferenças podem ser trabalhadas para encontrar um “denominador comum” entre os sujeitos, valorizando a cooperação, a solidariedade e o respeito pelo outro.

Sendo a sociedade produtora de cultura, há a necessidade de o indivíduo interagir com o outro, com o diferente, e dessa forma, refletir sobre valores, crenças e ideais, buscando um campo mais amplo para ações.

Esse movimento de transformações enfatiza a busca por novas experiências, e ressalta a sensibilidade em relação à natureza e ao outro, constituindo-se como uma espécie de “feminilização” do mundo.

Maffesoli (2001b) destaca a importância desses “novos valores sensíveis” surgindo com grande intensidade, na forma de expressões de ações do cotidiano, pois apontam para uma nova forma de organização social, em que deixa-se de viver sob a predominância do “rígido e frio” olhar patriarcal, dando lugar para um olhar matriarcal “sensível e relativista”.

Ousa-se dizer (apesar de serem pequenos os indícios, porém significativos) que está-se vivendo o que Nietzsche (2000) chama de “transmutação dos valores”, buscando construir novos significados para as expressões humanas.

## Referências Bibliográficas

ALONSO, L. K. Mulher, corpo e mitos no esporte. In: SIMÕES, A. C. (Org.) *Mulher e esporte: mitos e verdades*. São Paulo: Manole, 2003.

ARBEX JR., J. *Showrnlismo: a notícia como espetáculo*. 2ª ed., São Paulo: Casa Amarela, 2002.

BAUMAN, Z. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUDRILLARD, J. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio D'Água, c1991.

BENOIST, L. *Signos, símbolos e mitos*. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

BETTI, M. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papirus, 1998.

BETRÁN, J. O. & BETRÁN, A. O. La crisis de la modernidad y el advenimiento de la postmodernidad: el deporte y las prácticas físicas alternativas en el tiempo de ocio ativo. *Apunts*, n. 41, 1995.

BORDENAVE, J. E. D. *O que é comunicação*. 7ª ed., São Paulo: Brasiliense S. A., 1985. (Coleção primeiros passos).

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S. A., 1989.

BRANDÃO, C. R. *Pesquisa participante*. 6ª ed., São Paulo: Brasiliense S. A., 1986.

BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente; corpos buscando o verde e a aventura. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. v. 18, n 2, 1997.

BRUHNS, H. T. No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções. In: MARINHO, A. & BRUHNS, H. T.(Orgs.) *Turismo, lazer e natureza*. São Paulo: Manole, 2003.

CAMPBELL, J. *O poder do mito*. 20ª ed., São Paulo: Palas Athena, 2002.



CARVALHO, M. *O que é natureza*. 2ª ed., São Paulo: Brasiliense S. A., 1994.

CASTANEDA, C. *Viagem a ixtlan*. 12ª ed., Rio de Janeiro: Record, c1972.

CHIAZZOTTI A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.

COSTA, V. L. M. *Esportes de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário*. São Paulo: Manole, 2000.

CRIPPA, A. *Mito e cultura*. São Paulo: Convívio, 1975.

CSIKSZENTMIHALYI, M. *A psicologia da felicidade*. São Paulo: Saraiva, 1992.

DA SILVEIRA, N. *Jung: vida e obra*. 15ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

DIEGUES, A. C. *O mito da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, 1996.

DURAND, G. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

ELIADE, M. *Mitos, sonhos e mistérios*. Lisboa: Edições 70, 1989.

EXPEDIÇÃO MATA ATLÂNTICA. *Histórico sobre a corrida Expedição Mata Atlântica*. São Paulo: EMA, 2002, a. Disponível em: < <http://www.ema.com.br/portugues/index.htm>>. Acesso em: 06 de Agosto de 2002.

EXPEDIÇÃO MATA ATLÂNTICA. *O sistema de graduação das corridas de aventura*. São Paulo: EMA, 2002, b. Disponível em: <<http://www.corridasdeaventura.com.br/corridas/graduacao.htm>>. Acesso em: 06 de Agosto de 2002.

EXPEDIÇÃO MATA ATLÂNTICA. *Texto sobre a EMA escola*. São Paulo: EMA, 2002, c.

Disponível em: < <http://www.corridasdeaventura.com.br/emaescola/index.htm>>. Acesso em: 06 de Agosto de 2002.

FEIXA, C. La aventura imaginaria. Una visión antropológica de las actividades físicas de aventura em la naturaleza. *Apunts: Educación Física y Deportes*. Barcelona, 1995, nº 41, p. 36-43.

FEATHERSTONE, M. A globalização da complexidade: pós-modernismo e cultura de consumo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. nº 32, ano 11, outubro de 1996.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: o nascimento das prisões*. Petrópolis: Vozes, 1987.

GEETZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

GILES, T. R. *História do existencialismo e da fenomenologia*. 2º Vol. São Paulo: EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

GUERRIERI, M. A. *O princípio da cooperação: em busca de uma nova racionalidade*. [Petrópolis]: Paulus, [2002?].

HENDERSON, J. L. Os mitos antigos e o homem moderno. In: JUNG. C. G. (Org.) *O homem e seus símbolos*. 7ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira S. A., c1964.

JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JAPIASSU, H. *A crise da razão e do saber objetivo: as ondas do irracional*. São Paulo: Letras & Letras, 1996.

JASPERS, K. *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo: Cultrix, 1973.

JUNG. C. G. Chegando ao inconsciente. In: JUNG. C. G. (Org.) *O homem e seus símbolos*. 7ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira S. A., c1964.

HARVEY D. *Condição pós-moderna*. 7ª ed., São Paulo: Loyola, 1998.

KAY, J. & LABERGE, S. The 'new' corporate habitus in adventure racing. *International Review For The Sociology Of Sport*. 37 (1), 2002, p. 17 – 36.

LEVI-STRAUSS, C. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

LUPTON, D. Corpos, prazeres e práticas do eu. *Educação & Realidade*. Porto Alegre: UFRG, 25 (2), 2000, p. 15 – 48.

MAFFESOLI, M. *O conhecimento comum: compêndio de sociologia compreensiva*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2001, a.

MAFFESOLI, M. *Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001, b.

MARINHO, A. Do bambi ao rambo ou vice-versa? As relações humanas na natureza. *Revista Conexões*, n 3, 1999.

MARINHO, A. Da busca pela natureza aos ambientes artificiais: reflexões sobre a escalada esportiva. (*Dissertação de Mestrado*). Campinas: Unicamp, 2001.

MARINHO, A. & FERREIRA, L. F. S. Atividade de aventura e formação profissional. In: XIV *Encontro nacional e Recreação e lazer (ENAREL)*, 2002, Santa Cruz do Sul – RS. Anais eletrônicos... Santa Cruz do Sul – RS: UNISC, 2002. CD-ROM.

MASCARENHAS, G. A leviana territorialidade dos esportes de aventura: um desafio à gestão do ecoturismo. In: MARINHO, A. & BRUHNS, H. T.(Orgs.) *Turismo, lazer e natureza*. São Paulo: Manole, 2003.

MINAYO, C. S. (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, Rio Janeiro: Vozes, 1994.

MORIN, E. *O método*. [s.l.]: Publicações Europa – América, c1977.

MORIN, E. & LE MOIGNE, J. L. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

NAHAS, M. V. *Atividade física, saúde e qualidade de vida; conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo*. 2ª ed., Londrina: Midiograf, 2001.

NIETZSCHE, F. W. *Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, F. W. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

OLIVEIRA, F. R. Aventura, aprendizagem e desenvolvimento pessoal. In: SERRANO, C. (Org.) *A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental*. São Paulo: Chronos, 2000.

ONFRAY, M. *A arte de ter prazer: por um materialismo hedonista*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PATAI, R. *O mito e o homem moderno*. São Paulo: Cultrix, 1974.

PATERSON, D. *Adventure Racing, Guide to Survival*. Published by Sporting Endeavours, 1999.

RIBON, M. *A arte e a natureza*. Campinas: Papirus, 1991.

ROGER, E. Uma antropologia complexa para entrar no século XXI: chaves de compreensão. In: PENA-VEJA, A. & DO NASCIMENTO, E. P. (Orgs.) *O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, D. S. (Org.) *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. 2ª ed., Campinas: Papirus, 2000.

RUBIO, K. *O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2001.

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. 3ª ed., São Paulo: Hucitec, 1999.

SEVCENKO, N. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

SIMMEL, G. *Sobre la aventura - ensayos filosóficos*. Barcelona: Ediciones Península, 1988.

SIMÕES, A. C. A mulher em busca de seus limites no esporte moderno. In: SIMÕES, A. C. (Org.) *Mulher e esporte: mitos e verdades*. São Paulo: Manole, 2003.

SODRÉ, M. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

*Texto sobre corrida de orientação*. [S.l.: s.n.], [2002?]. Disponível em: <<http://www.jbetol.hpg.ig.com.br/index.htm>>. Acesso em: 06 de Agosto de 2002.

THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 2001.

UVINHA, R. R. *Turismo de Aventura: uma análise do desenvolvimento desse segmento na Vila de Paranapiacaba. (Tese de Doutorado)*. São Paulo: USP, 2003.

VILLAVERDE, S. Refletindo sobre lazer/turismo na natureza, ética e relações de amizade. In: MARINHO, A. & BRUHNS, H. (Orgs.) *Turismo, lazer e natureza*. São Paulo: Manole, 2003.

## Anexo A - Manual de Conduta.

### ORGANIZADOR:

Expedição Mata Atlântica EMA Ltda.

### OBRIGAÇÕES DO ORGANIZADOR:

O ORGANIZADOR é responsável por fazer cumprir as datas e disposições deste MANUAL DE CONDUTA e justificar as alterações quando cabíveis. O ORGANIZADOR poderá, a qualquer tempo, acionar o esquema de segurança para resgatar qualquer integrante da equipe inscrita, jornalistas e fiscais se entender que existe possibilidade de risco de vida a algum dos envolvidos, sendo o ônus do resgate responsabilidade do resgatado.

### PROVA:

Conjunto de atividades esportivas que se desenvolverão em local, seqüência e data a serem definidos pelo ORGANIZADOR. As modalidades esportivas serão: orientação, *trekking*, *mountain biking*, técnicas verticais, canoagem e natação, tendo por objetivo percorrer um trajeto no menor tempo possível, praticando a modalidade esportiva definida pelo ORGANIZADOR para cada trecho, sendo vencedora a equipe que chegar primeiro ao local determinado pelo ORGANIZADOR como CHEGADA e que, ainda, mais respeitar as instruções deste MANUAL DE CONDUTA.

A prova da qual se trata este MANUAL DE CONDUTA chama-se EMA 2001 AMAZÔNIA e

ocorrerá dentro do território nacional, entre os dias 23 de novembro e 02 de dezembro de 2001.

#### DATAS:

Entrega das camisetas e material de identificação da prova	30/10/2001
Checagem de equipamentos e teste de habilidades	23 e 24/11/2001
<i>Briefing</i> de largada	24/11/2001
Início da Prova	25/11/2001
Término da prova	01/12/2001
Festa de encerramento e premiação	01/12/2001

#### ACAMPAMENTO:

Local definido pelo ORGANIZADOR da prova onde a equipe, imprensa e fiscais poderão permanecer durante o período determinado pelo ORGANIZADOR. Veja CONDUTA ACONSELHÁVEL EM MEIO AMBIENTE.

#### POSTO DE CONTROLE – PC:

Posto de Controle é o local de passagem obrigatória para a equipe competidora, localizados ao longo do percurso e alcançados pelas equipes competidoras na seqüência determinada pelo ORGANIZADOR, e na modalidade esportiva para o trecho, que foi definida pelo

ORGANIZADOR. Nestes PC's, os fiscais da prova registrarão em planilhas os horários de chegada e saída, devendo o capitão da equipe competidora assinar em sinal de concordância com as anotações do fiscal, validando estes registros.

Nos Postos de Controle as equipes competidoras poderão descansar e mesmo pernoitar sem se valer de qualquer instalação do posto. A equipe competidora não poderá requisitar qualquer provisão aos organizadores do Posto de Controle em que se encontra, se o fizer, será penalizada.

Fica atribuído aos fiscais do PC em que se encontra a equipe competidora, a faculdade de impedir o prosseguimento de tal equipe desde que o fiscal julgue haver risco à integridade física e mental de qualquer um dos integrantes da equipe competidora.

Caso a equipe competidora alcance um posto de controle, ou mesmo área de transição, fora da seqüência oficial, sua alternativa será regressar (ao posto de controle ou área de transição anterior) ao local correspondente à dita seqüência para registro do seu ingresso e de lá retomar a prova e o cumprimento da seqüência oficial.

Todos os integrantes da equipe competidora devem ingressar e egressar juntos do Posto de Controle, sob pena de desclassificação da equipe inscrita.

O último Posto de Controle ficará após a linha de chegada, para coleta do passaporte, do GPS (aparelho de sistema de posicionamento global), do telefone via satélite e eventuais equipamentos locados pelo ORGANIZADOR, os quais deverão estar nas mesmas condições em que foram entregues às equipes. As equipes que não passarem por este último PC serão desclassificadas.

#### ÁREAS DE TRANSIÇÃO:

São áreas delimitadas pelo ORGANIZADOR onde haverá a troca da modalidade esportiva para a



equipe competidora.

Em todas as Áreas de Transição serão checados de todas as equipes competidoras os equipamentos obrigatórios constantes e por modalidade.

#### ACAMPAMENTO-BASE:

São Áreas de Transição delimitadas pelo ORGANIZADOR, onde a equipe competidora encontrará suas caixas de provisão identificadas para a devida substituição dos equipamentos de acordo com a modalidade designada pelo organizador para o(s) trecho(s) seguinte(s).

No Acampamento-Base haverá equipe médica para pronto atendimento.

#### JORNALISTA:

Profissional devidamente habilitado e inscrito nesta categoria, autorizado apenas a registrar imagens das etapas da Prova e entrevistar qualquer integrante das equipes inscritas.

Todos os jornalistas interessados em cobrir o evento deverão preencher a ficha de inscrição e assinar o termo de responsabilidade. Deverão ainda citar para quais publicações veicularão o material.

Os jornalistas deverão usar identificação própria fornecida pelo ORGANIZADOR e são proibidos de interferir nas atividades pertinentes à prova, de forma a beneficiar ou prejudicar qualquer equipe inscrita, sob pena de implicar a equipe inscrita, ser descredenciado e responsabilizado civil e criminalmente pelas conseqüências do ato.

#### OBRIGAÇÕES DOS JORNALISTAS:

Assumir a responsabilidade de sua integridade física, mental e capacidade para desempenhar as funções a que se propõe. Arcar com as despesas com tratamento médico e resgate no caso de acidentes.

#### FISCAIS DA PROVA:

Todos os participantes outorgados pela Expedição Mata Atlântica EMA Ltda, que receberem permissão de acompanhar e auxiliar no desenvolvimento da prova e que não participam da EMA 2001 - AMAZÔNIA como equipe competidora ou jornalista.

#### OBRIGAÇÕES DOS FISCAIS DA PROVA:

Assumir a responsabilidade de sua integridade física, mental e capacidade para desempenhar as funções a que se propõe. Arcar com as custas com tratamento médico e resgate no caso de acidentes.

#### AMIGOS E FAMILIARES:

Amigos e familiares não receberão credenciamento e são proibidos de interferir nas atividades pertinentes à prova, de forma a beneficiar ou prejudicar qualquer equipe inscrita, sob pena de implicar a equipe inscrita e serem responsabilizados civil e criminalmente pelas conseqüências do ato. Arcar com as despesas de transporte, hospedagem, alimentação e custas com tratamento

médico e resgate no caso de acidentes.

Não poderão observar o desenvolvimento da prova nos acampamentos e/ou áreas de transição e não poderão oferecer obstrução à perfeita fruição da prova. Somente poderão permanecer na área da chegada da prova, a partir da data definida pela organização.

#### EQUIPE COMPETIDORA:

A equipe competidora deverá ser composta por 04 (quatro) integrantes e ser mista.

São os únicos integrantes da equipe devidamente inscritos, cientes e incondicionalmente de acordo com todas as disposições deste MANUAL DE CONDUTA, assumindo todas as responsabilidades oriundas deste ato.

As equipes competidoras poderão ser alteradas até o término das inscrições para equipes, dia 31/08/2001. Para tanto, o capitão da equipe inscrita deverá enviar ao ORGANIZADOR a nova ficha devidamente preenchida, acompanhada da cópia da ficha de inscrição anterior à alteração pretendida. Qualquer participante inicialmente aceito pelo ORGANIZADOR somente poderá ser substituído por outro que, no mínimo, corresponda às características do integrante desistente. O ORGANIZADOR, caso conclua o descumprimento desta condição, poderá impugnar tal inscrição até o dia do *Briefing* (24/11/2001).

Cada participante é responsável pelo seu estado físico, mental, equipamento pessoal e por equipe, utilizados durante cada etapa da prova. Antes do início da prova e mesmo durante o seu desenvolvimento, cada participante deve ter certeza de que tem condições para poder cumprir o trajeto e manter sua integridade física e mental, assim como a de seus companheiros. Deve ainda continuamente avaliar se convém continuar a participar da prova.

O ORGANIZADOR da prova exigirá que cada integrante da equipe inscrita assine termo de responsabilidade onde declarará estar ciente do risco envolvido e assumirá as conseqüências da imprecisão dos dados ali declarados e de acidentes que eventualmente ocorreram durante a prova, além de estarem cientes, ainda, de que em muitos locais onde possam vir a requisitar socorro seja impossível às equipes de resgate os alcançarem.

É responsabilidade da equipe inscrita a compra de sinalizador luminoso conforme a especificação técnica definida pelo ORGANIZADOR.

Os integrantes da equipe inscrita ainda são responsáveis por toda a documentação legal necessária para ingresso no território nacional, como passaporte, vacina, vistos, seguros, etc.

Os integrantes da equipe inscrita são totalmente responsáveis por seus atos, sejam eles intencionais ou por desconhecimento, assumindo total responsabilidade caso infrinjam legislações de âmbito municipal, estadual ou federal.

Os integrantes da equipe inscrita deverão ter, no mínimo, 18 anos completos.

Os integrantes da equipe competidora não deverão afastar-se mais de 100 m (cem metros) entre si durante o cumprimento de qualquer etapa da prova, sob pena de penalização ou desclassificação.

As equipes competidoras deverão ser mistas, formadas por 4 integrantes e organizar-se conforme a seguinte hierarquia:

Equipe competidora:	capitão
	integrante I
	integrante II
	integrante III

Os integrantes da equipe inscrita são responsáveis por todos os seus próprios atos, são ainda solidários às atitudes isoladas dos demais integrantes e às decisões tomadas em regime de

maioria pela equipe. Também declararão tal concordância e assumirão todas as responsabilidades decorrentes deste ato no termo de ciência do MANUAL DE CONDUTA para participação na EMA 2001 - AMAZÔNIA.

#### UNIFORME OFICIAL DA PROVA:

Todos os integrantes da equipe competidora deverão, obrigatoriamente, usar ininterruptamente as identificações oficiais da prova como: camiseta da prova e a pulseira de identificação fornecidos pela organização.

Caso a equipe competidora use qualquer tipo de chapéu, este deverá conter a etiqueta com logotipo oficial da prova, colocada conforme:

Nos capacetes da equipe competidora deverá ser aplicado adesivo fornecido pelo ORGANIZADOR, conforme suas instruções.

Para as mochilas serão entregues etiquetas com logotipo oficial da prova, que deverão ser fixadas conforme as instruções fornecidas pelo organizador.

Caso qualquer integrante da equipe competidora seja flagrado pelo ORGANIZADOR ou fiscais da prova sem tal identificação durante o período da prova, a equipe será desclassificada.

É proibida a descaracterização da camiseta, como por exemplo, tirar as mangas, alterar o comprimento, fazer furos, mudar a cor, etc.

A equipe inscrita deverá sempre manter à vista a camiseta da prova fornecida pelo ORGANIZADOR. Esta camiseta da prova deverá ser colocada sobre jaquetas, coletes salvavidas ou qualquer outra roupa ou equipamento utilizado pelo integrante da equipe competidora durante o desenvolvimento da prova sem exceção, podendo incorrer em penalidade.

A pulseira de identificação só poderá ser retirada após o término do evento, incluindo-se a

premiação.

## REGRAS DE IDENTIFICAÇÃO PARA OS PATROCINADORES DA ORGANIZAÇÃO E DAS EQUIPES

### IDENTIFICAÇÃO:

Camisetas oficiais da prova, *patches* (etiquetas em tecido para serem costuradas em calças, mochilas e demais usos previstos, com a estampa da organização), pulseiras e adesivos serão entregues aos integrantes das equipes pelos organizadores dia 05/11/01. Nas camisetas oficiais, calças, mochilas e equipamentos, será permitida a identificação do patrocinador(es) da equipe e da organização conforme as instruções aqui definidas. Caso tal identificação estiver em desacordo com o especificado por esta regra, ao se iniciar a prova, a equipe poderá ser desclassificada.

### PERÍODO DE VIGÊNCIA:

A regra para aplicação dos *patches* de identificação da equipe, seus patrocinadores e da organização, são aplicáveis durante todo o tempo oficial da prova, incluindo-se o período do *briefing*, quando serão distribuídas as instruções e os mapas da prova. Durante este período, todos os participantes deverão trajar a camiseta oficial da prova e respeitar estritamente estas regras de identificação. A pulseira de identificação deverá, ainda, ser usada até o final da festa de premiação.

## INSTRUÇÕES PARA A APLICAÇÃO DOS PATCHS DOS PATROCINADORES DA EQUIPE E DA ORGANIZAÇÃO:

Na camiseta oficial da prova:

Nas camisetas fornecidas pela organização já constarão, na frente, nas costas e nas mangas, o número da equipe, o logo oficial da EMA 2001 AMAZÔNIA. A organização fornecerá *patches* (etiquetas de tecido com estampas) para serem fixados nas camisetas conforme esta instrução.

A equipe disporá de área de, no máximo, 150 cm<sup>2</sup>, na frente e nas costas, para a identificação de seus patrocinadores, 2 cm (dois centímetros) abaixo do logo oficial da prova, conforme anexo na *website* [www.ema.com.br](http://www.ema.com.br)

Nas roupas sob a camiseta oficial:

Durante o tempo oficial da prova e *briefing*, todos os inscritos deverão usar sobre todas as suas roupas a camiseta oficial da prova.

Em camisas, camisetas, blusões e demais peças de mangas compridas, usadas sob a camiseta oficial da prova, durante o tempo oficial da prova e *briefing*, ficam liberadas áreas de 50 cm<sup>2</sup>, de forma contínua, em cada ante braço, para identificação do(s) patrocinador(es) da equipe, conforme anexo na *website* [www.ema.com.br](http://www.ema.com.br)

Nas mochilas usadas pelos competidores:

Durante o tempo oficial da prova e *briefing*, toda a vez que os competidores usarem mochilas para transporte de equipamentos, mantimentos e etc, sobre a camiseta oficial da prova, deverão aplicar os *patches* de identificação da prova e da organização na mochila nas duas alças e atrás. Para os patrocinadores da equipe, usar área de, no máximo, 150 cm<sup>2</sup> (cento e cinquenta centímetros quadrados), 2 cm (dois centímetros) abaixo do logo oficial da prova, conforme anexo na *website* [www.ema.com.br](http://www.ema.com.br)

Nos capacetes, bonés, chapéus, viseiras, lenços e etc.

Durante o tempo oficial da prova e *briefing*, toda a vez que os competidores usarem capacetes, bonés, chapéus, viseiras, lenços e afins, deverão aplicar os *patches*/adesivos de identificação da prova e da organização. Os adesivos deverão ser usados somente quando não se puder costurar os *patches* para a sua fixação. O logo de identificação da prova deverá ser aplicado de forma a ficar na parte frontal, o *patch* de identificação da organização deverá ficar na parte posterior. Para os patrocinadores da equipe, usar área de, no máximo, 25 cm<sup>2</sup> (vinte e cinco centímetros quadrados) em cada uma das duas laterais, conforme anexo na *website* [www.ema.com.br](http://www.ema.com.br)

Nas calças, bermudas, calções e demais roupas usadas nas pernas:

Durante o tempo oficial da prova e *briefing*, toda a vez que os competidores usarem calças, bermudas, calções e demais roupas sobre as pernas, desde os pés até a cintura, deverão aplicar os *patches* da organização. Os *patches* da organização deverão ser aplicados na parte frontal da coxa



direita, 5 cm (cinco centímetros), no mínimo, acima do joelho.

Os patrocinadores da equipe poderão ser identificados em área não superior a 150 cm<sup>2</sup> (cento e cinquenta centímetros quadrados), na parte frontal da coxa esquerda, localizados a 5 cm (cinco centímetros), no mínimo, acima do joelho esquerdo, na mesma direção do patch da organização na perna direita, conforme anexo na website [www.ema.com.br](http://www.ema.com.br)

Nas bicicletas:

Durante o tempo oficial da prova e *briefing*, todas as bicicletas dos competidores deverão ser identificadas com a plaqueta fornecida pela organização, conforme anexo na *website* [www.ema.com.br](http://www.ema.com.br)

Caixas para equipamentos:

Cada competidor terá direito a uma caixa de no máximo 180 L (cento e oitenta litros) para transporte de equipamentos, que deverá receber identificação com o número da equipe. A identificação deverá ser fixada nas quatro faces laterais da caixa e na tampa, sempre ao centro. Na tampa deverá ter também, um espaço, ao lado esquerdo do número de identificação da equipe para a organização da prova, conforme o desenho. Excetuando-se a identificação com o número da equipe, obrigatório e do espaço da organização, os demais espaços das caixas poderão conter qualquer identificação.

Caixas para transporte da bicicleta:

Cada competidor poderá ter uma caixa para o transporte de sua bicicleta desmontada. Cada caixa deverá receber identificação com o número da equipe. A identificação deverá ser fixada nas duas faces maiores da caixa, sempre ao centro, conforme o desenho. Excetuando-se as identificações com o número da equipe, obrigatório, os demais espaços das caixas poderão conter qualquer identificação.

Disposições gerais:

Os participantes da Expedição Mata Atlântica 2001 AMAZÔNIA, durante o tempo oficial da prova e *briefing*, não deverão usar roupas ou quaisquer objetos, sob ou sobre a camiseta oficial da prova, que tenham identificação de empresas, entidades ou pessoas, fora das áreas destinadas aos patrocinadores da equipe.

USO DA IMAGEM:

Os integrantes das equipes inscritas, seus amigos, assistentes e familiares aceitam incondicionalmente serem divulgados através de fotos, filmes e entrevistas em veiculações em rádios, jornais, revistas, televisão e demais mídias para fins informativos, promocionais ou publicitários pertinentes à EMA 2001 – AMAZÔNIA, sem acarretar ônus ao ORGANIZADOR, patrocinadores ou aos próprios meios de veiculação.

Ficam os integrantes das equipes inscritas incumbidos de instruírem esta disposição aos seus, eximindo o ORGANIZADOR de custos para tal fim e de responsabilidade futura pelo

descumprimento desta disposição.

#### DIREITOS AUTORAIS:

Filmes, fotografias, entrevistas e quaisquer outros recursos de registro de qualquer evento, fato, atividade e afins pertinentes à prova EMA 2001 - AMAZÔNIA são propriedade do ORGANIZADOR, não podendo ser comercializados ou empregados para qualquer finalidade promocional sem autorização expressa desta.

#### DESISTÊNCIA DURANTE A PROVA:

Após o início da prova, qualquer pedido de desistência, individual ou coletivo, significará desclassificação total da equipe à qual pertence(m) o(s) integrante(s) desistente(s). A desistência só será aceita pelo ORGANIZADOR com a entrega do pedido formal de desistência na presença de duas testemunhas.

O ORGANIZADOR somente aceitará pedidos de desistência das equipes inscritas quando as mesmas estiverem dentro dos acampamentos ou das Áreas de Transição. Após o pedido de desistência, a equipe será encaminhada pelo ORGANIZADOR a local por ele determinado. Se a equipe competidora resolver desistir fora destes locais, Áreas de Transição ou acampamentos, e não estiver sob risco de vida nem impossibilitada de se locomover, e decidir acionar o resgate, deverá a equipe inscrita a que corresponde, arcar com todas as despesas do resgate e pagar imediatamente multa de R\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais) ao ORGANIZADOR.

As desistências por parte da equipe competidora, ocorridas dentro do período de desenvolvimento da prova, eximirá de qualquer responsabilidade o ORGANIZADOR sobre as

conseqüências deste ato. Caso a equipe competidora não se dirija à área de transição ou acampamento mais próximos e ainda não avise imediatamente o ORGANIZADOR da desistência, ser-lhes-á aplicada multa de R\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais) tendo de assumir, ainda, eventuais despesas com o acionamento do resgate pelo ORGANIZADOR caso tenha-se expirado o prazo de ingresso da equipe competidora no local esperado.

Excetuando-se casos de emergência, perigo e risco de morte, os integrantes da equipe inscrita desistente em nada devem depender do ORGANIZADOR e devem não obstruir a fruição da prova.

#### AUXÍLIO INDEVIDO:

Qualquer ajuda externa, ou seja, aquela obtida por pessoas alheias à equipe inscrita que constitua benefício exclusivo à esta, que tenha se dado por iniciativa de qualquer integrante da equipe inscrita e que se configure como favorecimento ilícito, incorrerá em desclassificação da equipe inscrita. Casos considerados brandos pelo ORGANIZADOR, ou seja, onde não houve prejuízo a nenhuma outra equipe inscrita nem a terceiros, serão penalizáveis. Para cada caso o ORGANIZADOR decidirá o seu enquadramento.

#### PASSAPORTE:

Documento de identificação da equipe competidora entregue pelo ORGANIZADOR na época da distribuição dos mapas e demais informes, que conterà informações de desempenho da equipe competidora durante o período de duração da prova.

O passaporte é personalizado e intransferível, sendo obrigatória a sua apresentação aos organizadores e fiscais de prova em todos os Postos de Controle e/ou Áreas de Transição para o registro dos horários de chegada e saída em cada PC.

Caso haja perda ou danos irreparáveis as informações nele contidas, a equipe inscrita será penalizada em seu tempo total de prova.

A equipe competidora somente poderá ingressar no Posto de Controle se seu passaporte for aceito pelo ORGANIZADOR ou fiscais de prova. A recusa do passaporte pelo ORGANIZADOR ou fiscais de prova se dará por perda total ou parcial das informações nele contidas. Sua substituição será procedida pelo ORGANIZADOR ou fiscais da prova mediante, obrigatoriamente, a entrega do passaporte danificado ou declaração textual da perda do documento.

#### CONDUTA ACONSELHÁVEL EM MEIO AMBIENTE:

A EMA 2001 - AMAZÔNIA é uma prova que oferece a seus competidores uma rara oportunidade de percorrer caminhos ainda não explorados, com a preocupação de preservar o meio ambiente. Isto se estende ao ORGANIZADOR, equipes inscritas, jornalistas, fiscais da prova e público, os quais somente poderão participar desta prova se comprometerem-se a respeitar integralmente os termos deste MANUAL DE CONDUTA. O ORGANIZADOR exime-se de qualquer responsabilidade do não cumprimento de qualquer item deste documento pelos participantes.

É objetivo do ORGANIZADOR que a conscientização ambiental estenda-se não apenas aos participantes, mas aos moradores e visitantes da região, assim, abaixo se relacionam alguns procedimentos aconselháveis:

1. Acampar e trafegar apenas nos lugares permitidos, apropriados e seguros para tanto.
2. Não serão permitidas fogueiras durante o desenvolvimento da prova por qualquer integrante da equipe inscrita, jornalistas e fiscais. Também não será permitido o corte, parcial ou total, de espécies vegetais para qualquer finalidade.
3. Manter e entregar o local do acampamento limpo, recolhido qualquer tipo de lixo, desmontar e retirar qualquer estrutura de apoio feita durante a ocupação do acampamento.
4. Proibido usar sabão, detergente e produtos de limpeza para lavar roupas ou panelas em rios e em áreas próximas à mananciais.
5. Proibido jogar qualquer tipo de lixo na mata ou em áreas públicas, principalmente embalagens de suprimentos alimentares, detritos industrializados e não degradáveis.
6. Qualquer desrespeito à conduta aconselhável em meio ambiente implicará na penalização ou desclassificação da equipe inscrita, caso a ocorrência tenha agravantes, ou seja, mais de uma. Para jornalistas e fiscais da prova haverá o descredenciamento. Todos os infratores terão responsabilidade civil sobre o ato.
7. *TREKKING / CAMINHADA PELA MATA*: É proibida a abertura de trilhas na mata. Onde estas já existem, fica permitida a sua utilização. Preserve toda a forma de vida selvagem que encontrar durante a prova e saiba identificar os animais perigosos. No anexo “FLORA E FAUNA BRASILEIRA” existem algumas orientações básicas em caso de envolvimento com animais peçonhentos. Existe legislação que proíbe a captura, cativeiro e abate de animais e espécies vegetais nativas da mata tropical. O descumprimento incorrerá em responsabilidade civil sobre o ato.

8. DEJETOS: Em locais onde não haja sanitários, todos os dejetos (fezes) devem ser enterrados e todos os materiais para higiene pessoal deverão ser levados consigo e depositados em locais apropriados nos acampamentos.
9. VIDA SELVAGEM: No anexo “FLORA E FAUNA BRASILEIRA” (disponível no site [www.ema.com.br](http://www.ema.com.br)) serão identificadas algumas espécies existentes na Mata tropical, incluindo-se os perigosos, como reconhecê-los e que atitude tomar ao se deparar com algum durante o percurso.

Nota: Todos os competidores devem conhecer os procedimentos de emergência e primeiros socorros para eventuais incidentes envolvendo animais perigosos ou desconhecidos.

Em caso de ataque (mordidas ou picadas de animais perigosos, acidentes, situações de perigo e risco de morte) os integrantes da equipe competidora, assim como jornalistas e fiscais, são obrigados a seguirem as regras de segurança e utilizarem imediatamente o meios de comunicação (sinalizadores, espelhos, etc) para acionar o resgate ou procurar socorro imediatamente.

A omissão, recusa ou negligência ao socorro de algum ferido incorrerá em responsabilidade legal sobre o ato.

#### PROJETO SOCIAL:

Todas as equipes inscritas que forem participar da EMA 2001 - AMAZÔNIA comprometem-se a realizar uma atividade em prol da comunidade local, conforme instruções do ORGANIZADOR.

## EQUIPAMENTOS DE SEGURANÇA:

Cada equipe competidora deverá manter consigo, durante toda duração de qualquer trecho, os equipamentos correspondentes à modalidade esportiva em curso, os quais permitem à equipe competidora desempenhar plenamente tal modalidade esportiva e devem, os integrantes da equipe competidora, apresentá-los ao ORGANIZADOR e fiscais da prova a qualquer tempo, conforme a solicitação dos mesmos. A equipe inscrita deverá sempre portar um cartão de crédito válido no território nacional, pessoal ou em conjunto, durante o período da prova.

Os equipamentos que deverão permanecer com a equipe durante TODO o tempo da prova são:

## EQUIPAMENTOS POR COMPETIDOR

- 01 Espelho para sinalização de resgate;
- 01 Lâmpada estroboscópica branca à prova d'água, não é permitido substituir pela lâmpada estroboscópica da bicicleta;
- 01 Faca com lâmina de 5 cm, no máximo;
- 01 *Light stick* nas cores verde ou amarela;
- 01 Lanterna de cabeça;
- 01 Apito;
- 01 Cartão de crédito pessoal válido;
- 01 Cobertor de emergência;
- 01 Rede para dormir;
- 01 Repelente de insetos a prova d'água, mínimo 100ml;
- Camiseta e identificações oficiais da prova (fornecidos pela organização).



## EQUIPAMENTOS POR EQUIPE

- 01 Kit de Primeiros Socorros; ( \* )
- 01 Aparelho de telefonia via satélite (fornecido pela organização);
- 01 GPS - Aparelho de Sistema de Posicionamento Global lacrado (fornecido pela organização e entregue sem pilha);
- 02 Pilhas extras tamanho AA (para o GPS);
- Mapas do percurso (fornecidos pela organização);
- 02 Bússolas;
- 01 Altímetro;
- 01 Sinalizador foguete páraquedas estrela vermelha;
- 01 Faca com lâmina de 30cm, no mínimo e no máximo, 40cm;
- 02 Mosquetões com rosca;
- 12 *Light sticks*, no total, nas cores verde ou amarela;
- 02 Cabos de resgate de 8mm, com no mínimo 20 metros de comprimento;
- 01 Saco estanque de 5L para proteger os equipamentos fornecidos pela organização;
- 01 Saco de 100L resistente, com identificação da equipe, para transporte de equipamentos e comida a ser efetuado pela organização.

Para a prática de cada modalidade esportiva há a necessidade de equipamentos específicos.. Assim, conforme a modalidade esportiva em curso, deverão ser utilizados os seguintes equipamentos:

## TREKKING

Os equipamentos das etapas de *trekking* são os mesmos acima mencionados

## CANOAGEM

### CANOA LOCAL

#### EQUIPAMENTOS POR COMPETIDOR

- 01 Colete salva-vidas, especificação mínima de 6,2kg de flutuabilidade;
- 01 Apito fixado ao colete salva-vidas;
- 01 Lâmpada estroboscópica branca à prova d'água, fixada ao colete salva-vidas;
- 01 Remo (será permitido remo do competidor).

#### EQUIPAMENTOS POR EQUIPE

- 01 Canoa local para 4 pessoas (fornecida pela organização);
- 01 Lâmpada estroboscópica vermelha, permitida a lâmpada da bicicleta;
- 04 *Light sticks* nas cores verde ou amarela;
- 01 vertedouro.

## CAIAQUE INFLÁVEL

#### EQUIPAMENTOS POR COMPETIDOR

- 01 Capacete de canoagem;
- 01 Colete salva-vidas especificação mínima de 6,2kg de flutuabilidade;

- 01 Apito fixado ao colete salva-vidas;
- 01 Lâmpada estroboscópica branca à prova d'água, fixada ao colete salva-vidas;
- 01 Remo (será permitido remo do competidor).

#### EQUIPAMENTOS POR EQUIPE

- 02 Caiaques infláveis (fornecidos pela organização);
- 01 Lâmpada estroboscópica vermelha, permitida a lâmpada da bicicleta;
- 04 *Light sticks* nas cores verde ou amarela.

Obs.: O remo poderá ser próprio desde que seja de uma pá só para a canoa local e de pá dupla para os caiaques infláveis.

#### *MOUNTAIN BIKING*

#### EQUIPAMENTOS POR COMPETIDOR

- 01 *Mountain bike*
- 01 Identificação oficial a ser fixada na parte frontal da *mountain bike* (fornecida pela organização);
- 01 Capacete de ciclismo;
- 01 Lâmpada estroboscópica vermelha;
- 01 Lâmpada para iluminação frontal e/ou lâmpada de capacete;
- 01 Caixa rígida para acondicionar a bicicleta com identificação de numeração da equipe nas 2 (duas) faces e lacrada com cadeado, com no máximo 30 kg incluindo a *bike* e os equipamentos.

Nota: Os competidores que optarem entregar suas *bikes* montadas para a organização para serem transportadas serão penalizados em 15 minutos por bike não desmontada, ou seja, a penalização máxima será de 01 hora (15 min vezes 4 *bikes* montadas) por trecho, executada no primeiro PC subsequente. Eventuais danos causados durante o transporte das bicicletas montadas não serão responsabilidade do organizador.

## TÉCNICAS VERTICAIS

Nota: Todos os equipamentos devem ser certificados pela UIAA ou CE.

## EQUIPAMENTOS POR COMPETIDOR

- 01 Cadeirinha;
- 01 Capacete de escalada;
- 01 *Rack*, ATC ou similar (só serão permitidos aparelhos lineares, ou seja, o uso do oito é proibido);
- 06 Mosquetões com rosca;
- 02 Cordins, espessura mínima de 5,5mm e circunferência de 150cm;
- 01 Cordin, espessura mínima de 5,5mm e circunferência de 300cm;
- 01 Fita de auto seguro ou solteira (sem nó).
- 01 Par de luvas para rapel.

## EQUIPAMENTOS POR EQUIPE

- 02 Pares de aparelhos de ascensão (mínimo).

## NATAÇÃO

### EQUIPAMENTOS POR COMPETIDOR

- 01 Colete salva-vidas, mínimo de 6,2kg de flutuabilidade;
- 01 Apito fixado ao colete salva-vidas;
- 01 Lâmpada estroboscópica branca à prova d'água, fixada ao colete salva-vidas.

### KIT DE PRIMEIROS SOCORROS

Cada equipe competidora, independente do trecho e da modalidade esportiva em curso, deverá manter consigo e em perfeito estado de conservação e uso os equipamentos de primeiros socorros listados abaixo, durante toda a duração da prova. Os equipamentos de primeiros socorros poderão ser conferidos antes da largada, nos postos de controle ou áreas de transição. As equipes competidoras deverão apresentar tais equipamentos quando solicitado pelo ORGANIZADOR ou fiscais outorgados, que são:

- Antibactericida – mínimo de 10g;
- Gaze – mínimo de 2 metros;
- Esparadrapo – mínimo de 3 metros;
- Curativo para bolhas – mínimo 04 unidades (ex. second skin, moleskin);
- Bandagem de crepe de 8cm – mínimo de 1 rolo;
- Protetor solar fator, mínimo, de 15 e quantidade mínima de 30ml;
- Sal – mínimo de 10g;
- Açúcar – mínimo de 10g;
- Purificador de água – suficiente para 400 litros (pastilha ou gotas);

- Isqueiro ou fósforos a prova d'água;
- Anti histamínico - mínimo de 20 comprimidos;
- Anti inflamatório – mínimo de 20 comprimidos;
- Analgésico - mínimo de 30 comprimidos;
- Anti diarréico - mínimo de 20 comprimidos;
- Antiséptico – mínimo de 30ml;
- Pinça, agulha e tesoura;

Nota: Fica a critério de cada participante a complementação da lista dos equipamentos de primeiros socorros. Eles serão importantes para sua própria segurança.

#### EQUIPAMENTOS PARA ACAMPAMENTO:

#### EQUIPAMENTOS POR COMPETIDOR

- 01 Caixa rígida de, no máximo, 180 litros cada, com identificação de numeração da equipe nas 5 faces e lacrada com cadeado, por competidor;
- 10 Sacos de lixo;
- Comida suficiente para 06 dias de competição. O competidor é responsável pela sua própria comida e preparo durante todo o evento, que deverá estar acondicionada em sua caixa rígida.

Nota: A caixa rígida lacrada irá ser transportada pela organização e todos equipamentos obrigatórios e comida deverão estar condicionados dentro da mesma.

#### EQUIPAMENTOS ACONSELHÁVEIS:

- 01 Saco de dormir por integrante da equipe competidora;
- 01 Barraca por equipe competidora.

#### EQUIPAMENTOS PROIBIDOS:

- Armas (excluindo-se as obrigatórias descritas nos itens dos equipamentos obrigatórios por modalidade);
- Qualquer meio ou instrumento para transporte não pertinente à modalidade em curso e não autorizado pelo ORGANIZADOR;
- Aparelho de GPS de qualquer espécie (exceto o fornecido pela organização);
- Equipamento de visão noturna;
- Quaisquer aparelhos eletrônicos de comunicação e localização;

Nota: A posse e/ou utilização dos equipamentos mencionados neste item, e os não autorizados pelo ORGANIZADOR, resultará na desclassificação da equipe inscrita.

#### EQUIPAMENTOS FORNECIDOS POR LOCAÇÃO PELO ORGANIZADOR:

Alguns equipamentos serão locados pelo ORGANIZADOR aos participantes da prova, em 24/11/01. Cada equipe inscrita deverá assinar contrato de locação dos equipamentos e fazer depósito caução destes equipamentos em favor da Sociedade Brasileira de Corridas de Aventura

Ltda. no valor de R\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais), em cheque ou cartão de crédito de um dos integrantes da equipe.

Esta caução será devolvida integralmente caso ao final da competição o ORGANIZADOR constate não haver qualquer avaria nos equipamentos locados.

Caso haja avarias, o ORGANIZADOR se negará a aceitar o bem locado e executará a caução para ressarcimento do dano.

O valor simbólico para locação é:

- |                              |     |      |
|------------------------------|-----|------|
| - Canoa local e remos        | R\$ | 1,00 |
| - Caiaques infláveis e remos | R\$ | 1,00 |
| - GPS lacrado                | R\$ | 2,00 |
| - Telefone via satélite      | R\$ | 2,00 |

Nota: Durante a prova, a equipe competidora será a responsável por reparos nas embarcações. As equipes competidoras serão também responsáveis pela devolução dos equipamentos fornecidos pela organização como telefone via satélite, GPS, embarcações e remos no mesmo estado de conservação em que lhes foi locado.

#### MULTA E RESSARCIMENTO A DANOS MATERIAIS NOS EQUIPAMENTOS LOCADOS PELO ORGANIZADOR E OUTROS:

Todos os equipamentos locados pelo ORGANIZADOR às equipes competidoras deverão ser devolvidos nas mesmas condições de conservação e nos locais indicados pelo ORGANIZADOR.

Para cada equipamento não devolvido ou danificado, serão solicitados os seguintes valores aos responsáveis:



- Caso o caiaque inflável, a canoa local e os remos forem avariados com ou sem culpa do LOCATÁRIO (equipe inscrita), será levantado por empresa contratada pelo LOCADOR (EXPEDIÇÃO MATA ATLÂNTICA EMA LTDA) o valor a ser cobrado pelos reparos, o qual será informado ao LOCATÁRIO em até 10 (dez) dias úteis pelo LOCADOR (EXPEDIÇÃO MATA ATLÂNTICA EMA LTDA). Caso o LOCATÁRIO não pague na data determinada pelo LOCADOR os valores apurados para os consertos, o LOCADOR (EXPEDIÇÃO MATA ATLÂNTICA EMA LTDA) executará a caução prevista no item EQUIPAMENTOS FORNECIDOS POR LOCAÇÃO PELO ORGANIZADOR, deste manual. Caso o valor da caução exceda o valor a ser cobrado, o saldo restante será devolvido ao LOCATÁRIO posteriormente.
- Danos materiais a propriedades de terceiros terão seus valores apurados caso a caso. O ressarcimento de tais danos é de responsabilidade da(s) equipe(s) inscrita(s) envolvida(s), não eximindo os envolvidos da responsabilidade legal do ato.

Em caso de não devolução dos seguintes equipamentos conforme definido pelo ORGANIZADOR, serão cobradas as seguintes multas:

- Cada remo: R\$ 50,00 (cinquenta reais).
- Cada canoa local: R\$ 1.500,00 (um mil e quinhentos reais)
- Cada caiaque inflável (duck): R\$ 1.500,00 (um mil e quinhentos reais)
- Cada GPS: R\$ 1.000,00 (um mil reais)
- Cada telefone via satélite: R\$ 2.000,00 (dois mil reais)

## PROCEDIMENTO EM CASO DE PERIGO:

- A equipe competidora deverá usar o Telefone via satélite para o resgate de alguém ou de si mesmo somente em caso de extremo perigo (ataque de animais, ferimento grave, perigo de vida, etc.). As instruções para efetuarem a ligação e o número a ser comunicado serão entregues junto com o aparelho.
- Se a equipe competidora estiver em perigo e o telefone via satélite – estiver fora do alcance ou danificado, deverá utilizar o sinalizador luminoso, sinais por espelho ou luz estroboscópica para atrair a atenção de alguém e obter socorro. O sinalizador luminoso será necessário para a melhor localização da equipe competidora em caso de resgate: assim que a equipe acidentada escutar a aproximação de veículo motorizado ou de outras pessoas, deverá acionar este sinalizador de acordo com as instruções de uso.
- O modo mais eficaz para atrair a atenção durante a noite é com a luz estroboscópica.
- A equipe competidora deve estar ciente de que o acionamento do resgate implica em risco tanto aos que procedem o resgate quanto aos que necessitam dele, pois se encontram, a equipe competidora, fora de áreas apropriadas para pouso ou acessos seguros.
- Durante a seção que ocorrerá em rio ou mar, se houver sinalização luminosa ou sonora, os integrantes da equipe competidora deverão se dirigir imediatamente a margem ou praia mais próximas.
- A participação da equipe competidora é voluntária e, assim sendo, isenta de qualquer responsabilidade o ORGANIZADOR no caso de impossibilidade de resgate.

#### CONDIÇÕES CLIMÁTICAS:

Em função das condições climáticas o ORGANIZADOR poderá cancelar o prosseguimento e mesmo o cumprimento de qualquer etapa do percurso da prova, desde que julgue haver risco de morte. O cancelamento poderá ocorrer a qualquer tempo, independente da etapa, da posição de qualquer equipe, das condições de comunicação e mesmo se alguma equipe competidora já houver concluído o percurso. O ORGANIZADOR determinará quais trechos serão interrompidos quando se suspeitar que ocorrerá risco à vida da equipe competidora por causa das condições climáticas.

#### ALTERAÇÃO NO PERCURSO:

O ORGANIZADOR da prova reserva o direito de alterar o percurso da prova a qualquer tempo e conforme seu critério.

#### CANCELAMENTO DA PROVA:

O ORGANIZADOR reserva o direito de cancelar a prova EMA 2001 – AMAZÔNIA a qualquer tempo e sem ônus ao mesmo.

#### ABRANGÊNCIA DA ASSISTÊNCIA MÉDICA:

Todos os integrantes da equipe inscrita deverão possuir seguro que cubra qualquer emergência que possa vir a ocorrer durante a prova. Os integrantes deverão anexar à ficha de inscrição cópia

da apólice de seus seguros e grifar na própria apólice os riscos excluídos nas condições gerais. Nos itens excluídos não deve constar esportes radicais ou qualquer categoria semelhante às modalidades da prova que participarão.

Na cópia de cada apólice de seguro ainda deve ser grifado pelo próprio participante as coberturas para despesas médicas suplementares, invalidez parcial ou total por acidente e morte acidental.

Cada integrante da equipe competidora deve declarar de próprio punho estar ciente dos riscos envolvidos na prova da qual irá participar, datar e assinar, tanto o termo de responsabilidade e acordo de implicação de riscos para participação na EMA 2001 – AMAZÔNIA fornecidos pelo ORGANIZADOR, quanto sobre a cópia de sua apólice de seguro contra acidentes.

Em virtude de sinistro, caso seja necessário avaliar ou pagar despesas médicas as quais ultrapassem o valor da cobertura individual do seguro do acidentado, o ORGANIZADOR utilizará a caução cobrada de cada equipe inscrita para a liquidação dos custos apurados. Caso a caução seja insuficiente para a total liquidação, o ORGANIZADOR exime-se da responsabilidade de quitação da dívida a qual é de total responsabilidade da equipe inscrita envolvida.

Qualquer integrante da equipe competidora inscrita é obrigado a ter seguro pessoal contra acidentes pessoais para participar da prova, conforme instruções deste item.

#### **PRIMEIROS SOCORROS AOS PARTICIPANTES:**

O ORGANIZADOR da prova colocará serviços de primeiro socorros à disposição de todas as equipes inscritas durante o período da prova. Este serviço será prestado por equipe médica que se encontrará no Acampamento-base definido pela organização e equipe de resgate por terra e água. A equipe médica estará disponível ininterruptamente durante todo o desenvolvimento da prova,

atendendo a acidentes leves, ou seja, aqueles em que não seja necessário o atendimento e/ou internação hospitalar.

Qualquer integrante da equipe inscrita que se envolva em acidente, que tenha sofrido lesões, ataques ou qualquer outra situação que ameace sua integridade física e mental, deve, obrigatoriamente, apresentar-se à equipe médica e relatar fidedignamente o que lhe aconteceu.

A equipe médica reserva o direito de decidir se um integrante da equipe inscrita poderá continuar a participar da prova depois de seu atendimento. Caso a equipe médica decida que tal integrante não deverá continuar a participar por risco a sua integridade física e mental, a equipe médica deverá convocar o ORGANIZADOR e declarar sua decisão justificando-a tecnicamente. Deverá ser registrada a ocorrência e assumida a responsabilidade de tal ato pelo médico responsável. Os organizadores deverão requerer tal documento e anexá-lo ao diário de ocorrências. A equipe inscrita a qual pertence o integrante impedido de prosseguimento estará automaticamente desclassificada.

A equipe médica disporá de equipamentos médicos básicos como remédios, gases, esparadrapos, etc e o uso desta equipe médica por qualquer integrante da equipe inscrita, a qualquer tempo, não significará desclassificação ou violação de qualquer instrução deste MANUAL DE CONDUTA, desde que não seja declarada a sua impossibilidade de prosseguimento pela equipe médica.

Havendo resgate de um ou mais integrantes da equipe competidora, estes deverão se encaminhar, obrigatoriamente, ao local onde se encontra a equipe médica da organização, apresentar-se e relatar a ocorrência sem omissões.

## SERVIÇOS MÉDICOS HOSPITALARES:

Qualquer integrante da equipe inscrita que, no decorrer da prova, necessite de cuidados médicos em hospital, será transportado até o mais próximo caso seja possível. A partir do ingresso de qualquer acidentado no hospital, a equipe médica da organização se exime de qualquer responsabilidade pelo que venha ocorrer.

Em virtude da política brasileira de saúde, deverá ser pago, pelo próprio acidentado ou por outro integrante da equipe inscrita, os custos do hospital antes da data da alta do paciente. O cartão de crédito válido no território nacional mais o cartão da assistência médica pessoal serão auxílios importantes nestas situações.

A equipe médica da organização não poderá abandonar a prova para dar continuidade a eventuais tratamentos médicos aos participantes, em qualquer hipótese.

## CRONOMETRAGEM:

Os organizadores manterão a cronometragem oficial para a prova. O período de tempo válido para o ranking inicia-se quando da partida das equipes inscritas, no local, hora e data determinados pelo ORGANIZADOR, finalizando-se quando a última equipe competidora cruzar a linha de chegada, respeitados todos os limites de tempo definidos pelo ORGANIZADOR.

O ORGANIZADOR entregará informes a todas as equipes inscritas, juntamente com os mapas. Nestes informes serão definidos os horários de corte que o ORGANIZADOR considerar necessário. Cada equipe competidora deve ater-se aos horários corte, pois o não cumprimento destes horários implicará em desclassificação da equipe inscrita.

Caso a equipe competidora seja desclassificada e querendo ainda concluir o trajeto restante, ficará a juízo do ORGANIZADOR a permissão.

O ORGANIZADOR reserva o direito de acionar o esquema de resgate imediatamente após o término do prazo de chegada das equipes competidoras aos Postos de controle, Áreas de transição e Acampamento-base, ou em qualquer situação de suspeita de perigo.

#### RANKING:

A colocação de cada equipe inscrita ao final da prova depende do tempo que ela levou para se deslocar entre os locais autorizados pelo ORGANIZADOR, na seqüência (de PCs/ATs e modalidade esportiva) oficial, acrescidas de eventuais penalidades. Assim, vencerá a equipe inscrita que cumprir todo o trajeto definido pelo ORGANIZADOR, respeitadas a seqüência e modalidades oficiais, cometer a menor quantidade de infrações penalizáveis e cruzar primeiro a linha de chegada com todos os integrantes da equipe competidora, apresentando-se ao último Posto de controle locado após a linha de chegada para a coleta do telefone via satélite, GPS ou qualquer outro equipamento que a organização forneceu. Na indisponibilidade desta checagem a organização terá o prazo máximo de 120 horas para executá-la.

#### FUNDO DE CAUÇÃO PARA DESPESAS COM RESGATES E OUTRAS:

As equipes inscritas arcarão com as despesas de resgate e auxílio médico em quaisquer situações. Acionado o resgate, a equipe resgatada, independente do número de integrantes resgatados, arcará com todas as despesas desta operação. Será executado o valor caução depositado no ato da inscrição por cada equipe inscrita. Caso o valor seja insuficiente, a diferença será rateada de

forma equânime entre as demais equipes inscritas, consideradas solidárias. O mesmo procedimento se aplicará no caso de danos aos equipamentos do ORGANIZADOR locados aos participantes e eventualmente danificados.

#### INSCRIÇÃO:

O pedido de inscrição de cada equipe será analisado pelo ORGANIZADOR e somente após a aprovação será aceito o pagamento da taxa de inscrição. Todos os documentos exigidos pelo ORGANIZADOR como atestados, termos de responsabilidade, assistência médica pessoal e outros deverão ser entregues ao ORGANIZADOR até a data estipulada, sob pena de impugnação da inscrição. Cada equipe inscrita deverá fornecer ao ORGANIZADOR caução no valor de R\$ 2.500,00 (dois mil reais), em cheque, dinheiro ou cartão de crédito, que será devolvida ao final da prova, caso não seja utilizada em função de penalidades, despesas médicas, danos a terceiros ou demais situações previstas neste MANUAL DE CONDUTA.

#### TAXA DE INSCRIÇÃO:

Em 2001, a taxa de inscrição para equipes brasileiras e estrangeiras deverá ser paga no ato da inscrição ou até o prazo determinado pela organização.

Na taxa de inscrição será cobrado o valor dos equipamentos locados pelo ORGANIZADOR:

R\$ 2,00 pela locação do telefone via satélite, R\$ 2,00 pela locação do GPS lacrado, R\$ 1,00 pela canoa local e remos e R\$ 1,00 pelo caiaque inflável e remos de pá dupla, os quais poderão ser trazidos pelos participantes, desde que completamente compatíveis com os oferecidos pela organização, eximindo tais participantes do custo destas locações.



#### DESPESAS:

As equipes inscritas são responsáveis pelas despesas com transportes para e pelo Brasil, para chegarem ao local determinado pelo ORGANIZADOR na data de 23/11/2001, eventualmente durante a prova e após o seu término.

A alimentação e hospedagem de todos os integrantes da equipe inscrita durante os períodos de concentração que antecedem e sucedem a prova e inclusive durante o seu desenvolvimento, também é de responsabilidade da equipe inscrita.

#### POLÍTICA DE DESISTÊNCIA:

Após a data de encerramento das inscrições não haverá devolução total ou parcial do valor da mesma.

#### ALTERAÇÃO DOS INTEGRANTES DA EQUIPE INSCRITA:

Após 30/09/2001, nenhuma alteração dos integrantes da equipe inscrita será aceita, com exceção de doença ou força maior, devidamente comprovada a ocorrência. Neste caso, o capitão da equipe, ou outro integrante caso necessário, juntamente com o ORGANIZADOR determinarão um substituto o qual deverá respeitar todas as instruções deste MANUAL DE CONDUTA.

## RECUSA DA INSCRIÇÃO:

O ORGANIZADOR reserva o direito de não justificar a recusa de qualquer pedido de inscrição de uma equipe ou mesmo cancelá-la até a data de 23/11/2001 e também poderá proibir a participação de qualquer equipe, competidor ou patrocinador de equipe que esteja em débito ou com problemas jurídicos com a Sociedade Brasileira de Corridas de Aventura até esta mesma data, sem aviso prévio ou eventuais explicações.

## MAPAS:

As cartas geográficas (mapas) foram adquiridos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Economia) e foram compilados em sua grande maioria na década de 80. Portanto, o ORGANIZADOR exime-se de qualquer responsabilidade do que quer que ocorra em virtude da desconformidade entre o que existe na área onde se desenvolverá a prova e o que estiver registrado nas referidas cartas geográficas.

## PENALIDADES:

1. A infração de qualquer disposição deste MANUAL DE CONDUTA dará o direito ao ORGANIZADOR da prova de, no futuro, recusar a participação do(s) infrator(s), além de aplicação de multa suplementar, além das aqui previstas, em função da gravidade da infração. Elas serão registradas nas planilhas de controle e nos autos da EMA 2001 – AMAZÔNIA.

2. Todas as infrações que não impliquem na desclassificação da equipe inscrita incorrerão em penalidade, que serão convertidas em acréscimo de horas no desempenho geral da equipe competidora. As infrações serão contabilizadas conforme definido nos itens seguintes. Essa penalidade convertida em horas será aplicada à equipe infratora no em seu tempo total de prova.
  3. Se a equipe competidora resolver ingressar no posto de controle em desconformidade com a seqüência oficial determinada pelo ORGANIZADOR, esta equipe estará desclassificada.
  4. Qualquer equipe competidora que estiver incompleta, ou cujos integrantes distanciarem-se mais de 100 m (cem metros) entre si durante o percurso e no cruzamento da linha de chegada, estará desclassificada.
  5. Qualquer equipe inscrita que estiver incompleta quando de sua apresentação ao último posto de controle, colocado após a linha de chegada, estará desclassificada.
  6. A desistência de qualquer integrante da equipe inscrita incorrerá na desclassificação da equipe (inscrita).
  7. Se os integrantes da equipe competidora se separarem mais de 100 m (cem metros) entre si durante a competição serão penalizados pelo ORGANIZADOR ou fiscais da prova em 3h (três horas) em seu tempo total da prova, ou desclassificados caso haja agravantes.
  8. Comportamento inadequado ou atentatório, degradação da fauna e flora locais, destruição de equipamentos e instalações pertencentes ao ORGANIZADOR, de terceiros, sabotagem, incorrerão na desclassificação da equipe inscrita à qual pertence o infrator, além da responsabilidade civil e criminal do ato.
- Casos brandos de degradação incorrerão em penalização de 3h (três horas) da equipe competidora em seu tempo total da prova.

9. O uso de meios de transportes não autorizados pelo ORGANIZADOR e equipamentos proibidos incorrerá na desclassificação da equipe inscrita a qual pertence o(s) infrator(es).
10. O desrespeito à exata localização do logotipo de patrocínio ou qualquer outra identificação, incorrerá na retenção da equipe competidora onde foi constatada a irregularidade, até que o problema tenha sido resolvido, do contrário, será desclassificada.
11. O não uso do uniforme oficial da prova por todos os integrantes da equipe inscrita incorrerá na desclassificação da mesma.
12. A troca de qualquer integrante da equipe competidora com a prova em curso incorrerá na desclassificação da equipe inscrita.
13. Caso a equipe competidora utilize o telefone via satélite para entrar em contato com a organização, não se tratando de situação de emergência e comprovada a infração, será cobrada a multa de R\$ 2.500,00 (dois mil reais) da equipe infratora.
14. A violação ou não entrega do cartão com a identificação da senha de resgate para utilização do telefone via satélite no último Posto de Controle (chegada) incorrerá na desclassificação da equipe competidora.
15. A utilização do GPS lacrado cedido pela organização incorrerá na penalização de 25 horas (vinte e cinco horas) da equipe competidora em seu tempo total de prova e esta passará, automaticamente, para a categoria Aventura.
16. Qualquer equipamento obrigatório que não estiver com os integrantes da equipe competidora, por perda ou mesmo inutilização acidental, ocasionará a retenção da equipe competidora no posto de controle onde se verificou a falta, até a reposição do item. O egresso da equipe competidora só será permitido e registrado quando da solução do

problema. Para cada item a ser repostado, a equipe competidora será penalizada em 3h (três horas) do seu tempo total da prova.

17. Qualquer tipo de lixo indevidamente disposto incorrerá em penalização de 3h (três horas) da equipe competidora em seu tempo total da prova.
18. Qualquer operação de resgate executada pelo ORGANIZADOR ou terceiros levará à desclassificação da equipe resgatada. Os custos para a operação de resgate deverão ser pagos pela equipe resgatada.
19. A perda do telefone via satélite incorrerá na desclassificação da equipe que o perder. A equipe inscrita desclassificada será responsável pelo ressarcimento do bem, o valor será cobrado no cartão de crédito / caução, solicitado a cada equipe pelo ORGANIZADOR. Caso o valor do dano ultrapasse o valor da caução, a diferença será rateada pelo FUNDO DE CAUÇÃO PARA DESPESAS COM RESGATE E OUTRAS. A responsabilidade de ressarcimento desta despesa para com os integrantes do fundo, ou seja, os inscritos na EMA 2001 – AMAZÔNIA é da equipe infratora, sendo passível de responsabilidade civil e criminal caso negue-se a pagar a despesa.
20. O uso de qualquer equipamento proibido incorrerá na desclassificação da equipe infratora.
21. O auxílio indevido a qualquer equipe competidora, se for considerado pelo ORGANIZADOR como falta branda, incorrerá na penalização de 5h (cinco horas) no tempo total da prova; se for considerado falta grave, incorrerá na desclassificação da equipe.
22. O uso de material não autorizado como mapas alternativos e afins incorrerá na desclassificação da equipe infratora.

23. A equipe competidora só poderá sair da Área de Transição com os equipamentos obrigatórios para a próxima etapa.
24. Caso algum integrante da equipe inscrita que não o capitão empreender situação decisória com o ORGANIZADOR ou fiscal, incorrerá na penalização em 3h (três horas) da equipe competidora em seu tempo total da prova.
25. Se a equipe competidora resolver desistir e não se dirigir imediatamente ao AT/ORGANIZADOR ou fiscais da prova mais próximo, comunicando o mais rápido possível o fato aos organizadores, a equipe inscrita será multada em R\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais).
26. Se qualquer integrante da equipe inscrita solicitar qualquer tipo de provisão ao ORGANIZADOR/ fiscal da prova nos Postos de controle, Áreas de transição ou Acampamentos-base durante o desenvolvimento da prova, incorrerá na penalização em 3h (três horas) da equipe competidora em seu tempo total de prova.
27. Na época da confirmação pelo ORGANIZADOR da inscrição de cada equipe, deverá a equipe então inscrita dar caução ao ORGANIZADOR, para cobrir imediatamente qualquer despesa na eventualidade de atendimento médico, resgate e transporte especializado ocasionados por qualquer tipo de incidente ocorrido durante a prova. Ao final da prova, se não tiver havido qualquer ocorrência com a equipe inscrita que tenha obrigado o ORGANIZADOR a executar a caução, ou mesmo ratear despesas conforme previsto no FUNDO DE CAUÇÃO PARA DESPESAS COM RESGATES E OUTRAS, esta será devolvida à equipe inscrita.
28. A caução ainda poderá funcionar como penalidade suplementar conforme previsto em muitos dos itens deste MANUAL DE CONDUTA, em função da gravidade da infração.

29. Se o cartão caução não obtiver limite para cobrir as despesas seja por penalidades ocorridas ou resgate efetuado, é obrigação da equipe inscrita efetuar o pagamento seja através de dinheiro ou cheque. O não cumprimento desta regra acarretará em processo civil.
30. Se os organizadores constatarem danos materiais ou ambientais, de qualquer ordem, qualquer que seja o trecho da prova e não consigam identificar os responsáveis, as três equipes competidoras que saíram ou entraram no posto de controle mais próximo da infração serão penalizadas em 3h em seu tempo total da prova. Toda e qualquer omissão será penalizada. Custos com eventuais reparos ou execuções judiciais serão captadas no FUNDO DE CAUÇÃO PARA DESPESAS COM RESGATES E OUTRAS. Caso sejam insuficientes os recursos, os responsáveis pelos danos, indicados pelo ORGANIZADOR, deverão assumí-los.
31. O uso de imagem de patrocinador não autorizado pelo ORGANIZADOR incorrerá em desclassificação da equipe inscrita.
32. Associação da equipe inscrita à veiculação, promoção ou qualquer outra função similar às atividades do ORGANIZADOR, da SBCA, patrocinadores da prova e colaboradores homologados, sem a prévia autorização por escrito da organização, incorrerá na desclassificação da equipe inscrita e na impossibilidade de participações em futuras provas promovidas pelo ORGANIZADOR, além de multa de R\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais).
33. Se algum patrocinador veicular, promover ou exercer qualquer outra função que o associe às atividades do ORGANIZADOR e SBCA, tal infração incorrerá na desclassificação da equipe inscrita que patrocina e na impossibilidade de participações em futuras provas deste evento e multa de R\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais).

34. Todas as penalidades, excetuando-se a referente ao transporte das bicicletas montadas pela organização, serão impostas no último Posto de Controle (PC) antes da chegada.
35. A não execução do Projeto Social incorrerá no acréscimo de 15h (quinze horas) no tempo total da prova da equipe competidora.
36. Optar não desmontar as bicicletas e acondicioná-las em caixas próprias (para que sejam transportadas pela Organização entre as Áreas de Transição) para remontá-las a cada etapa desta modalidade, incorrerá em 15 (quinze) minutos de penalização por bike mantida montada. A somatória das penalizações será aplicada no PC subsequente à Área de Transição do início do trecho da modalidade e poderá totalizar 1 (uma) hora por etapa da modalidade e por equipe.

#### APELAÇÃO:

Em caso de incompreensão ou mesmo descontentamento para com qualquer determinação do ORGANIZADOR em relação a qualquer membro da equipe inscrita, deverá o capitão apelar da decisão e, se possível, anexar provas e relatos de testemunhas à apelação. A apelação deverá ser preenchida de próprio punho pelo capitão da equipe solicitante, assinada por todos os seus integrantes que estejam de acordo com ela e pelas testemunhas citadas e entregue ao ORGANIZADOR ou fiscais da prova, no máximo 2 horas após o pronunciamento do ORGANIZADOR que gere tal inconformismo. Após este tempo e se não houver manifestação de inconformismo, fica entendido a concordância para com a decisão do ORGANIZADOR.

Somente o capitão o poderá fazer.

Situações excepcionais, mesmo após a premiação do evento, poderão ser consideradas, desde que a SBCA entenda-as cabíveis.



#### JULGAMENTO DA APELAÇÃO:

O ORGANIZADOR, único a quem cabe a decisão de retroceder ou rever penalidades, pronunciar-se-á em até 24 (vinte e quatro) horas da entrega da apelação.

#### PREMIAÇÃO:

Serão oferecidos prêmios as cinco primeiras equipes que cruzarem a linha de chegada, respeitadas as regras deste documento.’